



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Ilha de Paquetá: Resignificação e Territorialização de
um “oásis” na Baía de Guanabara**

Tamyres Pereira Campos Araujo

São Gonçalo
2023

Tamyres Pereira Campos Araujo

**Ilha de Paquetá: Resignificação e Territorialização de
um “oásis” na Baía de Guanabara**

Dissertação apresentada, como
requisito parcial para obtenção do
título de Mestre, ao Programa de
Pós-Graduação em História Social
da Universidade do Estado do Rio
de Janeiro.

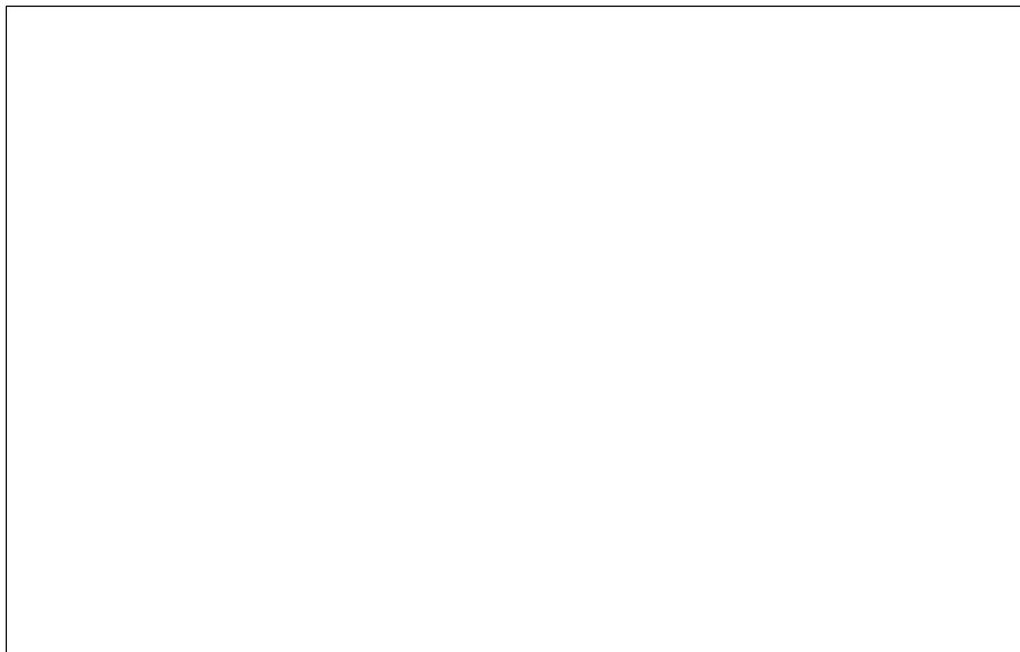
Território, Relações de Poder e
Movimentos Sociais

Orientadora: Prof^a Dr^a. Cátia Antônia da Silva

São Gonçalo

2023

**CATALOGAÇÃO NA FONTE UERJ/REDER
SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D**



Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Tamyres Pereira Campos Araujo

**Ilha de Paquetá: Resignificação e Territorialização de
um “oásis” na Baía de Guanabara**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Linha de pesquisa: Território, Relações de Poder e Movimentos Sociais

Aprovada em: _____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Cátia Antônia Silva – Orientadora

UERJ

Prof.^a Dr.^a. Sonia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley

UERJ

Prof. Dr. Jorge Luiz Barbosa

UFF

Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão

UERJ

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a toda falange espiritual que tem guiado meus passos desde sempre e a Jesus, Mestre dos mestres.

À minha família, primeira escola terrena e a todos os que caminharam comigo até aqui. Carinhosamente, agradeço aos que me fizeram acreditar que eu era capaz de completar mais esse ciclo e que me impulsionaram nessa trajetória.

Aos professores que desde a graduação me ajudaram a descortinar novos horizontes e saberes que a História proporciona àqueles que veem além dos fatos do passado, elementos do presente e caminhos para o futuro

Particularmente agradeço à professora e orientadora Cátia Antônia Silva, que bondosamente me conduziu ao mestrado. Que não me faltou nas horas difíceis e me inspirou com seu exemplo incansável na luta pelas minorias e pelo desenvolvimento científico.

Ao professor, Raphael da Motta Brandão, que no último dia da graduação me incentivou a seguir nessa casa que é a FFP. Aos meus amados filhos e companheiros de jornada que dividiram comigo os dias difíceis de isolamento imposto pela pandemia.

À minha madrinha e também colega de profissão Maria Valdivia, que com sua generosidade me afagou com seus conselhos. Aos amigos, Orlindo, Telma, Pedro, Gustavo, Farlem, ao "sexteto fantástico" e tantos outros que pude consultar ao longo dessa caminhada. Aos amigos que fiz em Paquetá, que durante anos em que me tornei assídua na ilha foram solícitos e prestativos durante essa pesquisa. À minha caríssima tia, Neide Aparecida, que foi incansável no auxílio, nas explicações, no apoio e nas broncas.

A todos vocês que contribuíram direta ou indiretamente para que essa dissertação fosse possível. Minha eterna gratidão!

DEDICATÓRIA

À minha estimada tia Neide Aparecida.

Você foi fundamental!

RESUMO

A presente dissertação tem por finalidade verificar se a Ilha de Paquetá, a partir da chegada de novos moradores provenientes da capital e municípios adjacentes, impacta de forma contundente na dinâmica social, urbana e no meio ambiente da ilha. A Baía de Guanabara abriga em seu interior diversas ilhas e ilhotas formando um conjunto de arquipélagos; e, dentro desse espectro de ilhas conhecidas, destaca-se a Ilha de Paquetá. Por sua peculiaridade de bairro insular, Paquetá sempre atraiu visitantes contumazes que movidos pelo desejo de tranquilidade e segurança. A distância do continente conferiu à ilha por décadas, ares de “cidade interiorana” devido ao reduzido número de habitantes. Com o decorrer do tempo esse número aumenta com reflexos na dinâmica social de modo diversos. Separadas geograficamente, a capital carioca e Paquetá são dois territórios de dinâmicas sociais e temporalidades distintas. A Ilha de Paquetá localizada no meio da Baía de Guanabara, e exótico apêndice da porção continental que abriga todo o restante do perímetro urbano pertencente à capital e os demais bairros cariocas, entrou, a partir de 2007, com a implementação do Polo Turístico da Ilha de Paquetá, em processo de transformação, acelerado com a valorização de diversas áreas do bairro com resultados perceptíveis aos paquetaenses residentes longevos da ilha e de antigos visitantes. A pesquisa pretende verificar, como o incremento do turismo afetou o sentido de pertencimento dos ilhéus em relação ao seu espaço. A ressignificação desse a partir da ocupação de indivíduos provenientes da capital e municípios vizinhos, que resultou no aumento da população de Paquetá. Buscar-se-á compreender se a influência dos indivíduos que compõem a população flutuante de Paquetá e a inserção de novos moradores tem contribuído para reproduzir na ilha os problemas característicos da complexa vida urbana da capital; e identificar os conflitos advindos dessa relação no espaço da ilha, o processo de ocupação e gentrificação em Paquetá, que assinala a tomada de territórios historicamente pertencentes aos ilhéus, o surgimento dos territórios invisíveis que distinguem moradores e visitantes.

Palavras-chave: Território, Paquetá, Ressignificação, história social, conflitos

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to verify whether Paquetá Island, with the arrival of new residents from the capital and adjacent municipalities, has a strong impact on the social, urban and environmental dynamics of the island. Guanabara Bay is home to several islands and islets forming a group of archipelagos; and, within this spectrum of known islands, Paquetá Island stands out. Due to its peculiarity as an insular neighborhood, Paquetá has always attracted frequent visitors who are driven by the desire for peace and security. The distance from the mainland gave the island the air of an “inland city” for decades due to the small number of inhabitants. Over time this number increases with reflections on social dynamics in different ways. Geographically separated, the capital of Rio de Janeiro and Paquetá are two territories with different social dynamics and temporalities. The Ilha de Paquetá located in the middle of Guanabara Bay, and exotic appendix of the continental portion that houses all the rest of the urban perimeter belonging to the capital and the other neighborhoods of Rio, entered, from 2007, with the implementation of the Tourist Pole of the Island of Paquetá, in a process of transformation, accelerated with the valorization of several areas of the neighborhood with perceptible results to the people of Paquetá who are long-term residents of the island and former visitors. The research aims to verify how the increase in tourism affected the sense of belonging of the islanders in relation to their space. The resignification of this from the occupation of individuals from the capital and neighboring municipalities, which resulted in the increase of the population of Paquetá. We will seek to understand whether the influence of individuals that make up the floating population of Paquetá and the insertion of new residents has contributed to reproduce on the island the characteristic problems of the complex urban life of the capital; and identify the conflicts arising from this relationship in the space of the island, the process of occupation and gentrification in Paquetá, which marks the seizure of territories historically belonging to the islanders, the emergence of invisible territories that distinguish residents and visitors.

Keywords: Territory, Paquetá, Reframing, social history, conflicts

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Crescimento populacional em Paquetá -1835 a 2010

Gráfico 2: Crescimento populacional em Paquetá -1835 a 2021

Gráfico 3: Campo x Ponte

Gráfico 4: Tipos de divisão

Gráfico 5: Diversidade de público

Gráfico 6: Horário das barcas

Gráfico 7: Preço das hospedagens e custo de vida em Paquetá

Gráfico 8: Custo de vida e hospedagens – Fator negativo

Gráfico 9: Custo de vida e hospedagens – Indiferente

Gráfico 10: Incentivo ao turismo

LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Mapa de Paquetá.....	25
Figura 2 - Porção sul da Ilha de Paquetá.....	30
Figura 3 - Pescadores na orla de Paquetá - Século XIX.....	53
Figura 4 - Baobá João Gordo - Antes e depois da vandalização	84

LISTA DE SIGLAS

APAC – Área de Proteção Ambiental e Cultural

CEIP – Casa Espírita Ilha de Paquetá

CCR Barcas – Companhia de Concessões Rodoviárias

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONGS – Organizações Não Governamentais

SUMÁRIO

INDRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 A GÊNESE DA ILHA DE PAQUETÁ - ASPECTOS GERAIS	23
1.1 HISTÓRIA E IDEALIZAÇÃO DE PAQUETÁ.....	27
1.2 O LUGAR PAQUETÁ	31
1.3 A CONCEPÇÃO DE PAQUETÁ A ILHA DOS AMORES	37
1.4 PAQUETÁ ENTRE A REALIDADE E A FANTASIA	43
CAPITULO 2 PAQUETÁ: UMA CIDADE DENTRO DA CAPITAL CARIOCA	49
2.1 PESCADORES E PAQUETÁ	51
2.2 PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO	55
2.3 PAQUETÁ SOB A PERSPECTIVA DAS MUDANÇAS	60
2.4 OS “DE FORA” E OS TERRITÓRIOS EM DISPUTA.....	64
CAPÍTULO 3 PAQUETÁ E OS TERRITÓRIOS INVISÍVEIS	67
3.1 PAQUETÁ - DA PAZ INTERIORANA AOS CONTRASTES E CONTRADIÇÕES	69
3.2 A RELIGIÃO NEOPENTECOSTAL E A DISPUTA DOS TERRITÓRIOS INVISÍVEIS	73
3.3 NECROPOLÍTICA - INTIMIDAÇÃO POR MEIO DA FORÇA E DO PODER.....	78
3.4 REFLEXÕES SOBRE O VANDALISMO AO BAOBÁ “JOÃO GORDO” EM PAQUETÁ....	83
3.5 TEMPORALIDADES E ESPAÇOS DA ILHA.....	86
CAPÍTULO 4 PAQUETÁ NO CONTEXTO DOS SUJEITOS DA PESQUISA ...	92
4.1 O MÉTODO E OS ELEMENTOS DA PESQUISA	93
4.2 O OLHAR DOS SUJEITOS DA PESQUISA SOBRE A PAQUETÁ REAL.....	94
4.3 PAQUETÁ SOB O SIGNO DA DUALIDADE	98
4.4 PAQUETÁ, AS BARCAS E O TURISMO.....	107
CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS	120
ANEXOS.....	125

INDRODUÇÃO

Localizada na Baía de Guanabara a Ilha de Paquetá pertence à vigésima primeira região administrativa (XXI-RA) das trinta e três que constituem a cidade do Rio de Janeiro¹. Conhecida em razão das características de recanto sereno, bucólico e pitoresco, Paquetá desperta nos visitantes e moradores a sensação de estar numa cidade interiorana. A ilha tornou-se ao longo do tempo, uma espécie de paraíso onde o tempo parecia correr mais lento, desassemelhado daquele vivenciado pelos bairros situados no continente. Tanto para os que a visitam quanto para aqueles que a desfrutam cotidianamente, Paquetá, a despeito de sua localização geográfica, e fazendo parte do complexo de bairros que compõem a cidade do Rio de Janeiro, destoa dos demais pela peculiaridade de ser insular. Tal fato sempre lhe conferiu destaque inusitado. Entretanto, Paquetá, a maneira dos demais bairros, apresenta a par de suas idiosincrasias, problemas de ordem social, urbana e ambiental com o crescimento da população insular e a deterioração gradativa do meio ambiente resultado ao aumento da população no bairro, donde resulta que, a localização geográfica de Paquetá, embora a resguarde, não a isentou dos problemas ligados à capital no que diz respeito à dinâmica urbana, social e do meio ambiente.

A ilha de Paquetá já possuía a chancela de local de descanso e veraneio em desde meados do século XIX. A esse respeito Coaracy (1965) traz que, “[...]São citadas famílias americanas, francesas e alemãs. Essas famílias ali tinham suas chácaras, passando temporadas no verão, em busca de lugares fora da capital” (COARACY (1965), apud FAGERLANDE, 2018, p.293). Recanto comum aos antigos residentes da capital federal e cidades adjacentes, espécie de refúgio para todos aqueles que apreciavam seu aspecto bucólico e interiorano. Estância de repouso e local ideal para se estabelecer e furtar-se ao fervor da capital desde o distante século XIX até os dias atuais. As belezas naturais de Paquetá lhe conferiram um caráter romantizado, bucólico, onde os problemas de ordem estrutural presentes nos outros bairros cariocas na ilha não existissem. Entretanto, ao observador de olhar acurado

¹ <https://www.rio.rj.gov.br/web/cvl/ra>

os problemas urbanos, sociais e ambientais já estão presentes e bastante perceptíveis em Paquetá, embora em menor escala, se comparado àqueles presentes na capital, não podendo ser ignorados sob pena de tornarem-se de difícil solução no espaço limitado da ilha.

Nesse sentido, é preciso considerar que as dinâmicas sociais e urbanas, e a ocupação socioespacial implementadas na capital com o passar do tempo também ocorreram nesse recanto antes tranquilo e conservado por décadas distante da vida buliçosa da cidade do Rio de Janeiro. A utopia de uma vida sem alterações perceptíveis comumente atribuída à Paquetá, mostrar-se-á diversa a esse observador atento, a partir das mudanças, tanto no aspecto urbano, com o melhoramento de ruas e elementos concernentes à administração pública, quanto no aspecto social resultado do aumento contínuo da população permanente e a intermitente.

Assim, seria forçoso admitir que mudanças semelhantes atingiriam o bairro insular, sendo este afetado também por essa mesma dinâmica. Paquetá passou a refletir aspectos que vigem na capital, pois, ao mesmo tempo em que apresenta praias bonitas, recantos bucólicos, aspectos exteriores de tranquilidade, carrega consigo; poluição ambiental, especulação imobiliária entre outros problemas sociais, reforçados pelo surgimento de áreas periféricas onde, “[..] os atuais moradores, que chegam com hábitos diferentes: Som alto, falar alto, são aos maus modos imputados a esses vizinhos indesejáveis” (LEITÃO, 2013, p. 95), começa a ocupar metade dos oito morros e outros locais para moradia existentes na ilha.

Algumas dissensões antes não anotadas e perceptíveis entre moradores estão sendo materializadas em Paquetá, sendo o episódio mais relevante o corte da árvore baobá (Baobá João Gordo) ocorrido em 2020², tema abordado no capítulo três, considerado crime ambiental, cuja motivação aventou-se ser de cunho religioso, uma vez que a árvore baobá liga-se, tradicionalmente, a religiões de matrizes africana. Com o aumento de seitas neopentecostais na ilha, essas igrejas estariam na base desse conflito emulado pela demarcação de territórios dentro da ilha. A notícia veiculada em diversos órgãos de comunicação, chamou a atenção sobre a convivência até então

²<https://diariodorio.com/baoba-joao-gordo-em-paqueta-amanhece-cortado-e-cao-revolta-em-moradores/>
<https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/o-fim-de-joao-gordo-o-baoba-que-virou-ponto-turistico-na-ilha-de-paqueta.html>

pacífica em Paquetá em virtude de não ser comum relatos de conflitos políticos, sociais ou religiosos entre os seus moradores.

Protegida que foi pela posição geográfica, Paquetá sempre esteve algo resguardada dos contratemplos existentes nos demais bairros da capital, independente da zona administrativa em que estejam, apresentam percalços no que concerne ao trânsito, insegurança, violência, entre outros fatores que a capital carioca apresenta fatores esses inerentes a uma cidade cosmopolita.

Nesse sentido, necessário se faz, uma abordagem histórica sobre a concepção do espaço insular, dividido em sesmarias desde a sua ocupação, doações efetuadas por Estácio de Sá respectivamente a Inácio de Bulhões e a Fernão Valdez e em períodos posteriores, onde os proprietários de terras e comércios diversos, materializados a partir da exploração do espaço de Paquetá e recursos naturais da ilha, atestam o papel de relevo da ilha, porque, diferente de hoje, onde Paquetá é um distrito residencial por excelência, já ocorreram na ilha outras atividades referentes ao comércio e indústria. Segundo Coaracy, “[...] Em Paquetá já foram exercidas com manifesta eficiência atividades produtoras, tanto agrícolas como industriais. Aqui houve fazenda, houve hortas, floresceram fábricas fabricas diversas[...]” (1965, p.18-19). Ainda em relação a relevância de Paquetá no passado, temos em Leitão (2013, p32) que; “A ocupação humana e econômica de Paquetá consolidou-se principalmente com base na exploração da indústria de cal”. Portanto, Paquetá não era apenas um recanto aprazível para moradores e visitantes, mas desempenhava papel de relevo para a economia da então capital federal e adjacências, fornecendo cal, elemento necessário e imprescindível nas construções de alvenarias desde o final do século XVI (LEITÃO, 2013, p.32).

Vale ressaltar que Paquetá também teve participação e importância no cenário da história da cidade do Rio de Janeiro, sendo palco, embora involuntário, do desenrolar da chamada Revolta da Armada eclodida em 1893 durante o governo do Marechal Floriano Peixoto, no âmbito da Baía de Guanabara. Segundo Dantas (1997) apud Leitão (2013, p.39); “Paquetá foi ocupada desde as primeiras horas da revolta e foi a última a ser recuperada pelas forças do Governo de Floriano [...]”. Paquetá foi utilizada pelos revoltosos que a mantiveram durante todo período em que durou a revolta. Os registros desses fatos em solo paquetaense são o Mausoléu da Marinha e o cemitério da ilha. Desses breves informes que serão retomados em local próprio nessa pesquisa,

percebemos a importância da ilha e as mudanças que ocorreram com o passar do tempo sobre o papel que o bairro desempenhou para a cidade do Rio de Janeiro.

Os aspectos que estão hoje provocando a reestruturação do modo de vida dos ilhéus faz parte das mudanças que ocorrem no seio da organização social com o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, cujos reflexos atingem a ilha mesmo que de forma menos contundente como ocorre nos bairros do continente. A ocupação de espaços pertencentes a pescadores tradicionais da ilha, tema abordado no capítulo dois dessa dissertação, comerciantes, migrantes e moradores antigos da ilha, são o resultado desses reflexos da dinâmica social e urbana inerente a qualquer grande centro urbano. Espaços foram expandidos ou retraídos conforme a população foi acrescida de novos indivíduos causando uma aceleração na ocupação do espaço insular e ao mesmo tempo a sua degradação e especulação imobiliária.

Novas demandas surgidas, trazidas por esses novos indivíduos que ocupam Paquetá, em boa medida, geram problemas e conflitos de interesses e disputas por esses espaços aparentemente desocupados, para a exploração da ilha em seus diversos aspectos. A importância de Paquetá nessa busca por segurança e tranquilidade perdidas na capital carioca, está causando um inchaço desmedido no bairro, sendo o turismo a mola propulsora para essa ocupação mais acelerada. Paquetá sempre foi um local atrativo para turistas; contudo, a partir de 2007, quando o incentivo à redescoberta do turismo na ilha foi implementado, Paquetá tornou-se alvo dessa atenção histórica; “Pela beleza natural, pelo pitoresco da paisagem, pela salubridade do clima, pela amenidade das condições de vida por todos os múltiplos encantos que a exornam[...] (COARACY, 1965, p.105). Dessa forma, tem-se uma nova onda de apropriação do espaço da ilha com reflexos e consequências na estrutura social, urbana e ambiental ilha de Paquetá foi deflagrado desde então, cujas consequências precisam ser avaliadas e controladas sob pena de ocorrer um aumento populacional de difícil solução.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é o de analisar se a chegada de novos moradores teve influência na forma de organização, ressignificação, uso e ocupação socioespacial do bairro de Paquetá, tendo em vista os contrastes que a nova configuração social e territorial foi impactada a partir da adição a população da ilha desses indivíduos. Se o processo de mudança fomenta disputas e conflitos entre os habitantes contumazes e os novéis residentes do bairro de Paquetá. A ocupação de áreas historicamente pertencentes aos antigos moradores e os novos territórios surgidos no

bairro com a chegada dos novos indivíduos acabou por carrear uma série de demandas que ocorriam apenas na capital e região metropolitana, começaram a ser reproduzidas, entre elas, o estabelecimento de igrejas neopentecostais na ilha, trouxeram conflitos, embora em escala menor, para a ilha, além de problemas estruturais, sociais e urbanos da capital fluminense. A percepção referente às mudanças, e possíveis soluções para o processo de ocupação crescente de moradores da capital e adjacências, na ilha será de suma importância para a compreensão centrada e objetiva e análise do objeto dessa pesquisa, quando for efetuada a abordagem dos indivíduos no processo das entrevistas *in loco*.

Em razão de ser um fator de destaque para a compreensão sobre o impacto do incentivo ao turismo em Paquetá, o recorte temporal escolhido para essa pesquisa foi o período compreendido entre o ano de 2007 até 2019. A escolha justifica-se por ser o período em que se iniciaram as mudanças relevantes no que concerne à intensificação de medidas voltadas ao fomento de atividades turísticas na ilha a partir do Decreto Municipal 27543, de janeiro de 2007, que criou o Polo Turístico da Ilha de Paquetá. O incentivo ao turismo sem um estudo prévio do impacto que o aumento de turistas e de futuros moradores no espaço da ilha, pode ter contribuído para a emergência de conflitos resultantes do aumento da população de Paquetá. Tais observações puderam ser percebidas durante a abordagem para a coleta de dados que serão vistos no capítulo quatro dessa dissertação.

A metodologia para a obtenção dos dados, segundo Lakatos e Marconi (2002), implica no levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas (Lakatos e Marconi, 2003, p. 174). Para a aquisição dos dados dessa pesquisa e procedimentos metodológicos segundo preconiza Lakatos e Marconi (2003); foi efetuada pesquisa bibliográfica, bases teóricas e pesquisa de campo. A abordagem adotada para essa pesquisa foi a de caráter qualitativo, por ser mais adequada ao que esta se propôs; percepção de aspectos sociais, emocionais e culturais que puderam ser percebidos quando das entrevistas e exploração do ambiente para melhor descrever e explicar o tema pesquisado.

A obtenção dos dados ocorreu a partir de depoimentos dos entrevistados. Um questionário foi elaborado no feio aberto e semiaberto para a coleta das informações, onde os entrevistados tiveram liberdade de acrescentar sua percepção particular sobre o

assunto da pesquisa, além das perguntas apresentadas. No decorrer da pesquisa de campo foram colocadas novas questões sobre o que pensavam os entrevistados sobre o tema abordado de forma livre.

Antes da coleta dos dados, foram efetuadas visitas preliminares ao local da pesquisa, com o fito de obter informações adicionais sobre o local e observar os futuros participantes no cotidiano da ilha. Essas observações, *in loco*, visaram montar a estratégia de abordagem dos entrevistados. A partir dessas observações, foi possível compreender o *modus vivendi* dos moradores da ilha no seu cotidiano, escolher o melhor dia e horário para as abordagens. As entrevistas foram gravadas com autorização dos participantes.

As entrevistas foram efetuadas em locais previamente agendados: Colônia de Pescadores, Morena (Associação de Moradores), Comércio, Pousadas e residência de moradores. As perguntas contidas no questionário foram elaboradas de forma que os entrevistados possam expressar suas impressões sobre o tema em análise, sempre dando ênfase as transformações ocorridas na Ilha de Paquetá a partir de 2007 ano da implantação do Polo Turístico de Paquetá. O local escolhido para o início da pesquisa, foi Colônia dos Pescadores, por ser este o ponto tradicional e emblemático de Paquetá, local onde vivem diversas famílias vindas de diferentes regiões do Rio de Janeiro e histórias singulares ligadas a Paquetá. Toda pesquisa se deu no âmbito da ilha

Em virtude da complexidade e especificidade presentes nos diferentes grupos sociais que residem e frequentam a Ilha de Paquetá, a metodologia aplicada iniciou pela análise bibliográfica, pesquisa de campo e estudo de caso. Esse trabalho visou à construção de modelo comparativo entre os agentes que ora se apropriam do espaço paquetaense e sobre os diferentes territórios existentes dentro daquele.

A discussão desta temática mostra-se relevante, em razão do surgimento de conflitos sociais e religiosos no espaço da Ilha de Paquetá e que contrasta com a sua característica muito difundida de ser Paquetá lugar tranquilo e com ocorrências de atritos reduzidas. O preconceito de cunho religioso ligado a depredação do baobá africano denominado João Gordo em 2020, torna evidente uma tensão crescente da ilha e essa ligada ao fator religião, onde aquelas de matriz africanas são hostilizadas por seitas/religiões neopentecostais, com agravante de esse fator estar relacionado à discriminação social, regional e de classe social em termos mais amplos. A necessária

análise desse fato na sociedade e os problemas daí advindos estão, positivamente, relacionados a privilégios históricos ligados a questões socioeconômicas, socioculturais no Brasil, no caso aqui tratado, especificamente na cidade do Rio de Janeiro e os reflexos dos atritos que são comuns no continente sendo transportados para o bairro de Paquetá. O tema será abordado, observado e analisado no corpus dos dados colhidos durante a pesquisa por ser atual e está em curso atualmente.

A pesquisa está estruturada em quatro capítulos organizados de forma a apresentarem os aspectos da ocupação portuguesa na cidade do Rio de Janeiro a título de contextualização e a disputa pelo território com os franceses, atuação desses na posse da ilha de Paquetá e a fundação da França Antártica nas terras descobertas, e as pretensões colonizadoras dessa ocupação. A destinação de Paquetá a se tornar um lugar de refúgio e tranquilidade; a construção das características que formaram a Paquetá idealizada e a Paquetá real. A formação do espaço físico e do espaço idealizado. O “espaço Paquetá” e os territórios visíveis, invisíveis e o surgimentos das fronteiras e conflitos sociais nesse espaço. A geografia contando a história da formação física da ilha e seu contorno, o arquipélago e destaque de Paquetá dentre as demais que compõe a geografia da Baía de Guanabara.

Buscar-se-á no primeiro capítulo elementos da história de Paquetá, tendo por base para esse tema autores como Vivaldo Coaracy, Wilma Leitão entre outros que tratam da história expansão de atividades relativas ao desenvolvimento e ocupação de Paquetá. No que concerne à geografia, serão representados os caracteres de relevo, vegetação, a posição da ilha na Baía de Guanabara, a degradação da cobertura vegetal, a balneabilidade das praias; a construção e ocupação do espaço da ilha, o território vazio e o território ocupado. A gênese da Ilha dos Amores; os elementos que contribuíram no processo de ocupação efetiva; a população que elegeu a ilha a partir do Romantismo na história de Paquetá, o papel deste na criação da imagem idealizada e a imagem real de Paquetá.

A formação e a concepção do espaço da ilha como “lugar tranquilo”; a transformação de Paquetá em refúgio das classes abastadas desde XIX e a reprodução do modelo de classes sociais distintas no espaço social da ilha. A transmutação da ilha dos Amores em mais um polo de turismo da cidade do Rio de Janeiro. A transformação desse espaço em algo lucrativo a partir da implementação do turismo com o incentivo de construções e infraestrutura para que a nova realidade econômica a qual se dirige os

investimentos, seja contemplada por esses investimentos imobiliários ou de outra espécie que vise lucro a partir da exploração desse novo polo turístico da cidade. O tecido social e a relação entre os moradores antigos de Paquetá e os mais recentes. Nesses quesitos os autores citados trazem argumentos que corroboram essa nova ordem estrutural e social e as demandas daí advindas.

O segundo capítulo abordará a descoberta e redescoberta de Paquetá nas décadas de 1970 a 1990. A ilha como local de suburbanos cariocas e moradores das cidades do entorno da Baía de Guanabara; o período de descaso e decadência da ilha; Paquetá como território livre da classe média carioca, processo que se estenderia com o passar do tempo, incentivando o aumento do processo de ocupação da ilha por continentais em busca de tranquilidade e a liberdade nas praias ainda pouco frequentadas. As motivações econômicas e sociais que promoveram a mudança desses indivíduos para o bairro; os períodos que assinalaram o aporte expressivo de migrantes nordestinos e de moradores cariocas e fluminenses, dentro de cada quadro econômico vigente; e o histórico do aumento populacional permanente e sazonal em Paquetá. Sua importância como espaço conquistado por moradores antigos no bairro carioca e o processo de formação dos núcleos de pescadores para a economia da ilha.

A gênese da mudança do estilo de Paquetá; antes, de local frequentado por suburbanos a ponto de reunião da classe média; a formação de novos grupos sociais com a chegada de indivíduos que buscam em Paquetá a segurança não encontrada na capital e periferia. A vocação econômica de Paquetá, da pesca ao turismo. A identidade dos moradores com a ilha; a história oral e o papel dessa na manutenção das lendas e mitos de Paquetá. Neste capítulo uma linha do tempo será empregada para a descobrir essa ilha onde as temporalidades se sobrepõem mesclando o passado e o presente na arquitetura e na relação dos moradores com essas temporalidades. O conceito de identidade de Stuart Hall será abordado para melhor compreensão da formação da identidade cultural num trato maior para a percepção desta num espaço menor como a ilha de Paquetá. A identidade, segundo o autor, é formada na interação entre o eu e a sociedade (HALL, 2006). Existe um traço identitário entre os moradores da ilha e a partir dessa visão conceitual buscar-se-á no corpus da pesquisa essa identidade.

O terceiro capítulo tratará, além da análise dos dados colhidos através das entrevistas, da contextualização do recorte temporal escolhido para essa pesquisa e que

contemplará o período de 2007 a 2019. A escolha deveu-se ao período coincidir com o decreto municipal que criou o polo turístico de Paquetá. O que essa pesquisa se propõe é verificar a partir da busca documental e observação in loco com entrevista a ser realizada com moradores da ilha, se o impacto da atividade turística contribuiu para o aceleramento e ocupação desordenada do espaço da ilha pondo a descoberto a falta de planejamento urbano em Paquetá. Quem e quais são os elementos que serão beneficiados com a abertura total da atividade turística na ilha e as consequências dessa atividade no meio ambiente. A população flutuante e a fixa na ilha serão objeto de análise para a obtenção dos dados da pesquisa.

A chegada das religiões neopentecostais e os conflitos por territórios em Paquetá. A religião e a política no contexto da violência levada do continente para a ilha de Paquetá. O processo de favelização e de expulsão de moradores para áreas periféricas da ilha. As fronteiras sociais entre ilhéus e continentais; e o encurtamento dos espaços para os moradores menos favorecidos; e, nesse processo de massificar o turismo está em curso um processo de elitização de algumas áreas da ilha, sendo o turismo a forma de fixar fronteiras de caráter econômico e social, onde as classes menos abastadas são admitidas apenas como força de trabalho e não como agentes que podem usufruir das benfeitorias implementadas pela administração pública através do fomento da atividade turística em Paquetá. Um estudo de impacto dessa nova ordem será relevante e importante para que sejam mapeadas essa hierarquização dos territórios no bairro de Paquetá.

O quarto capítulo trata especificamente dos dados obtidos na pesquisa. Com base nas observações e elementos fornecidos pelos autores que foram base teórica na análise dos dados, Vivaldo Coaracy e Wilma Leitão, foi possível fazer uma correlação de fatos entre a visão mais documental de Coaracy contrastando com visão cotidiana e social trazida por Wilma Leitão em comparação com os elementos obtidos a partir das entrevistas. A análise das informações obtidas nas entrevistas aponta para uma modificação acelerada do modo de vida dos paquetaenses. A chegada dos novos moradores promovendo a transformação do ambiente da ilha e o incentivo ao turismo não elaborado do ponto de vista do impacto ambiental e social, a inserção de novos indivíduos na comunidade paquetaense, a ausência da administração pública para preservar os logradouros públicos, são realçam o pensamento dos entrevistados. Em linhas gerais, esse capítulo traz a Paquetá real. O sentimento de pertencimento e a perda

continuada do “lugar” que antes pertencia aos antigos moradores, suas histórias de vida e convívio social sendo modificadas em ritmo acelerados. A importância do turismo na manutenção das comércio, das barcas, meio de transporte vital para residentes e turistas de Paquetá, a visão de paraíso presente no imaginário dos visitantes contrastando com a realidade cotidiana de quem vive em Paquetá. Esse capítulo é a síntese da pesquisa.

CAPÍTULO 1 A GÊNESE DA ILHA DE PAQUETÁ - ASPECTOS GERAIS

Ao fundo da Guanabara, para nordeste, emerge das águas reduzido arquipélago formado por dois grupos distintos de ilhas e ilhotas. O primeiro é constituído pelas ilhas Comprida, Redonda, dos Ferros, da Casa-de-Pedra, do Braço Forte e Jurubaibas, além das ilhotas da Pita e do Manguito e dos parciais de Cocóis e Gravataí. Compõem o segundo grupo as ilhas de Paquetá, Brocoió, Pancaraíba, Itapacis, dos Lobos e da Folhas. Entre um e outro grupo, situam-se os recifes das Tapuamas, de dentro e de fora (COARACY, 1965, p.12).

A ilha de Paquetá é comumente percebida a partir da localização geográfica e menos pela história que se inicia antes da colonização portuguesa em terras do Rio de Janeiro do século XVI. Dois pontos que a princípio podem parecer dissociados em virtude da peculiaridade de ser Paquetá uma ilha, sua história começa com a sua descoberta feita por franceses em 1555, registro do frade e cosmógrafo André Thevet que esteve na Guanabara na expedição de Villegaignon, “e foi quem primeiro mandou levantar um mapa sobre a baía, realizado em 1558 (CARDOSO (1992, p.12) apud LUSSAGNET (1953)). Na descrição oferecida por Coaracy (1965), Paquetá faz parte de um arquipélago situado no fundo da Baía de Guanabara. Em termos gerais tal qual descrito no trecho acima, a Ilha de Paquetá é a mais relevante e extensa que compõe aquele arquipélago. Paquetá possui 1,2 quilômetro quadrado de área com oito quilômetros de perímetro.

Distante aproximadamente quinze quilômetros do continente, a ilha apresenta forma irregular, sendo composta de duas partes mais largas ligadas entre si por um estreito, a conhecida Ladeira do Vicente. Em sua maior extensão, da ponta do Lameirão à ponta da Imbuca, possui 2.316 metros e na menor, aproximadamente 100 metros na Ladeira do Vicente. Quanto ao relevo, Paquetá contempla nove morros, sendo o mais elevado o Morro do Vigário, 69 metros acima do nível do mar (COARACY, 1965; LEITÃO, 2013).

No que concerne à vegetação, ver-se-á mais à frente, que a Ilha de Paquetá apresenta uma grande variedade de espécies exóticas muitas delas trazidas pelos colonizadores e que fazem parte da paisagem e história do bairro bastando percorrer as suas ruas para que tais espécies sejam visualizadas. Muitas dessas árvores foram tombadas em 1967 pela Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico, órgão da Antiga Secretaria de Educação e Cultura estando entre elas o famoso baobá Maria Gorda trazido

à Paquetá pelos colonizadores portugueses e datada de 1627. O bairro, de forma geral, vivencia modificações constantes em sua paisagem natural com o aumento singular da população, o processo contínuo de urbanização e, sobretudo, ao crescente volume de áreas desmatadas que aliado ao crescimento urbano desordenado que contribuiu e contribui, sobremaneira, para a degradação da mata ainda existente na ilha.

A ação antrópica no meio ambiente motivada, a exemplo do que ocorre na capital carioca, pela ocupação de áreas de morros sem a supervisão da administração pública, reflete, no microuniverso que é a ilha de Paquetá o que se dá com o restante da cidade do Rio de Janeiro, onde a ocupação de áreas protegidas e aquelas áreas chamadas de risco por serem propícias a desabamentos e escorregamento do solo são eventos comuns e desordenados problema esse característico da falta de planejamento urbano. O processo de desmatamento e o impacto da ocupação desordenada do espaço urbano em Paquetá serão abordados de maneira mais acurada no corpo dessa pesquisa.

A configuração a partir das praias que a circundam, favoreceu sobremaneira a atividade pesqueira por décadas antes da poluição da Baía de Guanabara tornar-se crônica como será abordado mais à frente dessa pesquisa. Paquetá possui 12 praias distribuídas da seguinte forma, levando-se em conta a divisão histórica da ilha em duas partes. Na Ponte, encontram-se as seguintes praias: Grossa, da Covanca, dos Frades ou Manoel Luís, das Gaivotas ou da Mesbla, da Imbuca, Moema e Iracema. Na parte do Campo, encontram-se as praias do Catimbau, do Lameirão, da Moreninha, dos Coqueiros ou Pintor Castagneto e de São Roque. A praia dos Tamoios e a praia do Guarda unem as duas porções da ilha caracterizando o formato em “oito” que Paquetá apresenta como visto na Figura 1.

Figura 1 - Mapa de Paquetá



Fonte: IBGE, INEA e Open Street Map (2020)

Quanto a sua posição geográfica, buscamos no texto de Leitão que Paquetá é tido por principal ilha do arquipélago, estando localizada na porção setentrional da Baía de Guanabara (Lat: 22° 54' e Long W.Gr. 43° 10'), cerca de dez milhas náuticas da Praça XV (2013, p.31). No aspecto geográfico essa é a Paquetá formal e território pertencente a cidade do Rio de Janeiro, mas a ilha possui outros aspectos, sobretudo aqueles de gênese histórica que ajudaram a formar a idealização de Paquetá por ilha distante da realidade urbana e que precisa ser desmistificada por pesquisadores que observem além das lendas que a rodeiam, indo no cerne da problemática do crescimento populacional, gerando novas demandas antes inexistentes ou de pouca monta e que agora passaram a fazer parte do cotidiano desse paraíso idílico que se costumou pensar ser Paquetá.

Ver-se-á a seguir, o que há de real e de mítico sobre Paquetá. História e lenda que permearam e permeiam a história e o imaginário da ilha daqueles que a visitam e mesmo residem na ilha. Segundo Coaracy a respeito da polemica de os tamoios terem ou não vivido em Paquetá, o autor trata da forma fantasiosa se costuma pensar Paquetá. Ao fazer referência a lenda dos tamoios, Coaracy faz menção ao “notável pintor paquetaense Pedro Bruno” de que “Tendem naturalmente os artistas a confundir os produtos de sua fantasia com a realidade objetiva. E não raras vezes desprezam a evidencia histórica ou os fatos, quando julgam as inspirações de sua imaginação” (COARACY, 1965, p.23-24).

Entretanto, o que realmente sabemos de sua gênese é que a história de Paquetá nasce com a ocupação lusa da ilha em forma de sesmaria; que durante o processo de ocupação e exploração de suas terras foram ali desenvolvidas atividades agrícolas, comerciais, pesca, fabricas diversas, etc., que abasteceram a cidade do Rio de Janeiro até o século XIX. Que a ilha de Paquetá em sua gênese apresentou os mesmos problemas que caracterizam o processo de ocupação e exploração da terra pelos colonizadores. A ilha não é um paraíso idílico, ali foram reproduzidos os hábitos e costumes que ao longo do tempo formaram a sociedade no Brasil colonial e republicano, retrato de uma sociedade e cultura transplantadas, onde a religião desempenhava papel preponderante como sói acontece num modelo como as características de religiosidade tal a portuguesa. Que em 1697, simbolizando a fé professada pelo Coroa, foi erigida na ilha a capela de São Roque que ainda hoje está presente em por marco do “bairro cidade” de Paquetá.

Esse apêndice da cidade do Rio de Janeiro teve habitantes ilustres que desenvolveram a partir da porção não desmembrada em sua totalidade e pertencente a sesmaria de Inácio de Bulhões que se conservou íntegra por mais de dois séculos vindo a constituir a famosa Fazenda São Roque cuja história está Paquetá ligada em sua essência (COARACY,1965, p.40-41). Famílias ligadas à Corte e proprietárias tal qual os Cerqueiras de grandes tratos de terras, ali desenvolveram no processo de ocupação da ilha, quer seja, “dentro fazenda e no entorno do núcleo compacto que constituía a exploração agrícola e industrial, muitos sítios e chácaras se formaram, subsistindo até o presente” (COARACY, 1965, p.44).

Deste modo, a história, o desenvolvimento, a ocupação e a exploração da ilha nada possui de idílico. Teve por objetivo precípua o lucro que se poderia auferir da terra e desta por lugar de descanso das famílias residentes na fora da ilha a partir da sua importância no cenário econômico da Baía de Guanabara. O que aqui se propõe é a separação da ilha idealizada daquela que é a real com suas idiossincrasias e aspectos urbanos e sociais advindos de uma ocupação hodierna sem estudo prévio para compreensão e atendimento das demandas daí advindas.

1.1 História e idealização de Paquetá

A história de Paquetá se confunde como já foi dito, com a história da fundação daquela que seria a futura cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Para a compreensão dos processos contínuos de ocupação da ilha desde os primórdios da posse e colonização primeiro francesa e depois portuguesa, uma breve incursão pelos meandros dessa formação e ocupação socioespacial faz necessária, uma vez que ambas as trajetórias estão vinculadas a disputa territorial pelas duas nações europeias. A respeito dos primeiros europeus a ocuparem a ilha de Paquetá, encontramos em Coaracy (1965) à guisa de informação que os primeiros registros da Ilha de Paquetá ligam-se a expedição do vice-almirante Nicolas Durand de Villegagnon e sua missão para fundar a França Antártica, fato anterior à própria fundação da cidade do Rio de Janeiro³. Paquetá teve um papel relevante na resistência francesa, contra os portugueses em conjunto com a Ilha de Paranapuã, hoje conhecida como Ilha do Governador.

Com a expulsão definitiva dos franceses em 1567 da cidade do Rio de Janeiro, o controle da ilha passou para o governo lusitano. Paquetá foi dividida em duas sesmarias doadas por Estácio de Sá respectivamente a Inácio de Bulhões em 1565 e a Fernão Valdez em 1566 (Cardoso, 1992; Coaracy, 2009; Dias, 2011). Pouca documentação se tem sobre os donatários e a respeito da delimitação das terras doadas. O que se tem de registro é que Inácio Bulhões ficou com a parte setentrional da ilha tendo por marco a formação da fazenda de São Roque, com extensa área agrícola e criação de gado. Ao segundo sesmeiro coube a porção meridional (Cardoso, 1992, p.14) e (Carmo, 2017, p.316). No diz respeito a questão do nome da ilha, existem controvérsias já explicadas por estudiosos da história de Paquetá, cujo topônimo tem a sua significação entre outras de: região com muitas conchas, muitas pedras ou muitas pacas, o fato é que existem discordâncias do seu real significado. Vivaldo Coaracy ao abordar esse tema afirma que;

A verdade é que não se pode afirmar com segurança e certeza o que na linguagem dos ameríndios, significava o nome Paquetá. Só é incontestável a origem. Como em tantos outros casos, os colonizadores adotaram a denominação dada pelos silvícolas. Nos documentos antigos, o nome da Ilha aparece grafado por duas formas: “Pacoatá” e “Paquatá” (COARACY, 1965, p.12).

³ <https://www.bn.gov.br/noticia/2015/06/rio-450-anos-bairros-rio-paqueta>

A partir da consolidação da ocupação portuguesa com a vinda de maior número de lusitanos na futura colônia e a fundação da cidade do Rio de Janeiro, a ilha de Paquetá é incorporada ao território conquistado. A construção da Capela de São Roque na sesmaria pertencente a Inácio de Bulhões, assinala o início da ocupação formal daquele espaço insular. Mais uma vez, recorremos ao eminente autor Coaracy (1965) conhecedor da história de Paquetá, ao tratar dessa ocupação, nos confere no trecho a seguir, cujas informações corroboram o início da ocupação lusitana em Paquetá;

Em 29 de dezembro de 1697, o Padre Manoel Antônio Espinha obtinha em Lisboa, onde então se achava o bispo do Rio de Janeiro, D. José de Barros Alarcão, a provisão necessária para erigir uma capela consagrada a São Roque na Ilha de Paquetá. E é esta, já nos fins do século XVII, a primeira notícia, posterior a cessão das sesmarias, em que é mencionado o nome da Ilha (COARACY, 1965, p. 23).

Após a doação das duas sesmarias aos donatários, a ilha de Paquetá foi dividida entre dois sesmeiros e essa divisão, de certa maneira, ainda pode hoje ser percebida com a dualidade que ali existe entre o Campo e a Ponte que são vistos pelos moradores como uma demarcação de dois bairros distintos (Leite, 2003, 2013). Esse tema também será tratado no decorrer da pesquisa de forma mais aprofundada e como fator que pode estar na base da composição das classes sociais que habitaram a ilha desde o tempo do Império e na República. Por um período de tempo a Ilha de Paquetá esteve vinculada a freguesia de Magé por questões ligadas à Igreja Católica, sendo desvinculada dessa freguesia em 1769. Em 1833, Paquetá é incorporada à Corte. Há esse tempo, Paquetá torna-se local de refúgio das classes abastadas do Rio de Janeiro (Dias, 2011), época em que a família real portuguesa passou a frequentar a ilha assim como a classe mais abastada do Brasil. No período que existia o estado da Guanabara (1960-1975), Paquetá foi administrada em conjunto com a Ilha do Governador e a Cidade Universitária. Com a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro ocorrida em março de 1975 a Ilha de Paquetá passou a integrar à cidade do Rio de Janeiro, constituindo sua XXI Região Administrativa da cidade. Em 1981, a Ilha de Paquetá⁴ foi estabelecida como um bairro

⁴O Decreto nº 5280, de 23 de agosto de 1985 estabeleceu de forma definitiva a denominação, a codificação e a delimitação de diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro, entre eles, Paquetá. Maiores informações são encontradas no sítio a seguir: (<https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-dejaneiro/decreto/1985/528/5280/decreto-n-5280-1985-e>).

autônomo, tornando-se o bairro mais afastado da Zona Central do Rio (Ilha de Paquetá, 2020).

Paquetá dista cerca de 15 km da Praça XV e com configuração geográfica que lembra uma ampulheta ou forma do algarismo oito, a ilha recebeu ao longo do tempo, migrações de indivíduos das diversas cidades que compõem a Região Metropolitana do estado (Baixada Fluminense, São Gonçalo, Niterói, etc.) e da própria capital. São grupos que vieram em busca de tranquilidade e segurança nesse refúgio habitado na sua maioria por pescadores e também por migrantes nordestinos, além de indivíduos de pertencentes à classe média e alta da capital e adjacências. A ida específica desse grupo que pertence à camada mais abastada e que se transferiram para a ilha no período anterior e posterior ao recorte temporal dessa pesquisa será relevante para contextualizar as disputas dos locais de moradia e estabelecimentos comerciais e pousadas no âmbito de ilha e o deslocamento da população original para áreas periféricas do bairro.

A propósito do acima exposto, em levantamento realizado pelo Instituto Pereira Passos (IPP) nas favelas cariocas e com base no Censo Demográfico de 2010 (Cavallieri e Vial, 2012), havia 908 pessoas residindo nas favelas da Ilha de Paquetá, o segundo menor número entre as Regiões Administrativas cariocas, ficando à frente apenas do Centro. Há nove morros, sendo que a Prefeitura reconhece três aglomerados subnormais na Ilha: morros do Gari, da PEC e do Vigário. A ocupação crescente somada à participação pouco eficaz do poder público contribuiu para o aumento nos índices de desmatamento e surgimento de habitações irregulares nos trechos de mata preservados. Aqui, é importante frisar que o problema maior não é disseminação da criminalidade, que possui índices baixíssimos na ilha, ou o controle das facções do tráfico e de grupos paramilitares (milícias), mas sim a construção de moradias pela classe social menos favorecida.

Na concepção de Duarte (2017), as atividades turísticas, voltadas para lugares que resguardam valores históricos como a Ilha de Paquetá diminui proporcionalmente ao aumento da degradação destes lugares. Este cenário é bastante evidente nos monumentos que carecem de manutenção, seja de restauração ou mesmo de limpeza. Quando é comprovada a ausência de atividades que proporcionam uma dinâmica socioespacial a lugares com importante valor histórico, os patrimônios acabam perdendo no tempo e no espaço o valor de representação de fatos e personagens que viveram ou contribuíram de alguma forma para a história local. Dessa forma, vale

ressaltar a importância de ações coletivas para manter vivos as relações sociais e o patrimônio imaterial em seu território.

Segundo Matos (2010), a economia paquetaense se resume hoje a duas atividades, a pesca e o turismo. Seria correto afirmar que o turismo é o carro chefe da economia da ilha. A pesca, em virtude das próprias condições das águas da baía não constitui hoje, elemento de relevo para a economia local, atendendo esse pescado a reduzido grupo de pescadores que moram na ilha. Uma parcela da população de Paquetá trabalha na cidade do Rio de Janeiro e em municípios adjacentes, utilizando o serviço de transporte das barcas para chegar ao continente, enquanto um grupo pequeno sobrevive com a renda de comércios locais e da produção pesqueira.

Os moradores que permanecem em Paquetá trabalham em órgãos públicos que administram e operam na ilha (COMLURB, CEDAE, Fundação Parques e Jardins, etc.) ou pelos estabelecimentos vinculados ao turismo, como hotéis, pousadas e restaurantes (Ilha de Paquetá, 2020). Segundo Matos (2010), a história, o bucolismo, a segurança e a tranquilidade interiorana são os fatores de atração principais encontrados na ilha. O turista que chega à Paquetá procura a ilha por conta de suas praias limpas, frequentadas, em grande parte pela população local ou por aqueles que já possuem ali residências fixa e desfrutam de um lugar cujas belezas naturais são incontestes como apresentado na Figura 2.

Figura 2 - Porção sul da Ilha de Paquetá



Fonte: <https://www.wikiwand.com/pt/Ilha de Paqueta>

Do que aqui foi brevemente exposto sobre a Ilha de Paquetá, vimos que a sua imagem está sempre ligada a adjetivos que a transformaram num lugar cobiçado e almejado mesmo por aqueles que levam os conflitos do continente para aquele espaço localizado no fundo da Baía de Guanabara. Paquetá carrega consigo expressões que guardam a imagem de tranquilidade que se assemelham as paisagens rurais e daí o bucolismo do campo em conjunto com a paisagem paradisíaca proporcionada pela baía em contraste com o entorno desta. Entretanto, e o objeto dessa pesquisa irá abordar com maior profundidade, os problemas sociais que estão por trás dessa tranquilidade.

A especulação imobiliária e o papel desta na periferização dos moradores que tem menos recursos; o aumento da população e de turistas na ilha e o impacto deste no meio ambiente. A Ilha de Paquetá possui uma história rica de fatos que assinalam a sua importância na história da cidade do Rio de Janeiro. Explorar, observar, entrevistar os moradores antigos e novos será primordial para a elaboração do quadro da Paquetá real com seus problemas estruturais que estão velados pela aparente fachada de lugar tranquilo e seguro.

1.2 O lugar Paquetá

[...] lugar é uma pausa no movimento, se pensarmos o espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p.6).

A ilha de Paquetá atrai por décadas visitantes e veranistas os mais diversos por seu aspecto de cidade interiorana, atmosfera bucólica, segurança e tranquilidade, que a manteve apartada da agitação urbana da capital. A promessa de uma vida amena e segura permitiu que indivíduos de características sociais diversas buscassem refúgio em Paquetá para morada efetiva. Dessa forma, a ilha pode ser descrita como um lugar especial, cujas histórias e memórias estão tanto no coletivo dos moradores, sobretudo naqueles que construíram com o tempo, vínculos de família e amigos, compartilhando experiências e vivências coletivas que forjaram os liames com o “lugar Paquetá” quer por visitantes e veranistas contumazes. Segundo Bosi, temos que; [...] uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Elas entretêm a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo[...] (BOSI, 2003, p.410). A esse propósito, Leitão

(2013) por ser uma representante nativa de Paquetá, traz elementos emblemáticos, relevantes e marcantes na memória de seus moradores paquetaenses; a célebre rivalidade entre Campo e Ponte (Esse Jogo Não Pode Ser Um a Um – Campo e Ponte: Dois lados da mesma moeda – p.113). Segundo depoimento constante do livro “Sob um Céu de Flamboyants” a autora colhi depoimentos a respeito dessa divergência. A uma das inquirições sobre a questão, a resposta foi: “A ilha já era dividida, não havia muita comunicação, era pouca convivência entre as pessoas. Quem era do Campo ficava no Campo, quem era da ponte ficava na Ponte” (LEITÃO, 2013, p121). Em outro depoimento de um morador de 47 anos temos: “A gente marcava para brigar depois da aula, na Moreninha, que era campo neutro” (LEITÃO, 2013, p.120).

O “Conflito” marcante na memória dos paquetaenses mais antigos, abordado na entrevista de campo dessa pesquisa, mostraram que este parece fadado se não ao desaparecimento, com a vinda de novos moradores que, por desconhecerem essa marca da história local; tende a contribuir para a diminuição das tensões antes presente entre esses subairros de Paquetá. Esse conflito sempre constituiu na identidade do paquetaense nativo; o fazer parte ou pertencer a um dos lados dessa mesma moeda, resultava em algo mais significativo que apenas residir na Ponte ou no Campo⁵. Para os paquetaenses vivenciaram por décadas essa divisão, simbolizava assumir a identidade e comportamento de um dos dois lados. Se os enfrentamentos “em local neutro” entre os moradores do Campo e da Ponte estão se tornando mais raros, o sentimento de pertencimento segue latente mesmo que seja apenas para preservação da memória do lugar, sobretudo no cotidiano dos moradores mais antigos da ilha.

Fato singular, é ser Paquetá uma “pequena cidade” dentro de outra maior e que conservou suas características culturais próprias, divorciadas do corpo maior a qual pertence. A esse propósito, recorremos a Santos (2014) no trecho a seguir que pode ser aplicado também a Paquetá;

Vivemos um tempo de mudanças. Em muitos casos, a sucessão alucinante dos eventos não deixa falar de mudanças apenas, mas de vertigem. O sujeito

⁵ Após a “guerra santa” envolvendo a Capela de São Roque e Igreja Matriz Senhor Bom Jesus do Monte, foi fundado em 1918, no lado de São Roque, o Municipal Futebol Clube. Naturalmente, o outro lado, que passou a ser chamado de Ponte, não deixaria barato e criou, posteriormente, o Barreirinha Futebol Clube. Os embates entre as equipes, realizados em seus respectivos estádios, localizados em cada extremidade da ilha, incendiavam o orgulho local por pertencer a um dos dois territórios. Não bastasse o futebol e a religião, a disputa acirrada também aconteceria no samba, com os blocos Silêncio do Amor e União Campista (depois, Unidos de São Roque) lutando pelo título de Campeão do Carnaval de Paquetá, por décadas (CARNEIRO, 2016, p.48).

no lugar estava submetido a uma convivência longa e repetitiva com os mesmos objetos, os mesmos trajetos, as mesmas imagens, de cuja construção participava: uma familiaridade que era fruto de uma história própria, da sociedade local e do lugar, onde cada indivíduo era ativo (SANTOS,2014, p.327).

Nesse sentido, é possível uma analogia ao quadro que se desenvolve em Paquetá e seus moradores contidos nas palavras de Milton Santos. A mudança célere no processo urbano a partir da implementação do polo turístico, apesar dessa atividade sempre estar ligada a Paquetá, a tomada do “lugar” que tradicionalmente aos moradores mais antigos, está sendo “invadida” por agentes externos que não compreendem por não vivenciarem a história local presente nas ruas e na configuração das ligações de parentesco entre moradores. O modo reativo dos moradores mais antigos e mesmo daqueles que mantem laços com a ilha, ao perceberem que a sua “convivência repetitiva”, a familiaridade, resultado da construção de suas histórias e memórias, diz respeito a representatividade para esses indivíduos e base daquela comunidade. Enquanto “a cidade só cresce”, Paquetá, embora tenha uma dinâmica própria, graças a sua localização geográfica, não se manteve imune aos problemas inerentes às áreas urbanas da cidade. Assim, pode-se dizer que;

[...] o bairro de Paquetá possui uma dinâmica social interna que aparenta ser a de uma comunidade idealizada, por conta de todo imaginário romântico construído em torno da literatura e da poesia, longe dos principais problemas urbanos, como a violência e o trânsito. Mas a suposta “democracia de shorts e sandálias de borracha” está longe de significar uma coesão social homogênea, muito pelo contrário. A ideia equivocada de uma comunidade bastante simples esconde a complexidade das relações cotidianas, principalmente, quando recentes transformações políticas e socioeconômicas, que vêm ocorrendo ao redor da Baía de Guanabara, interferem diretamente nessa práxis cotidiana local. Enfim, o tempo todo, a ilha é e não é: é perto e distante, é real e imaginada, é conhecida e desconhecida, é presente e é passado. Mesmo assim, ainda é possível vislumbrar nesse território a possibilidade de partilha da experiência pelo afeto, justamente por conta da enorme distinção espaço-temporal em relação ao ritmo de vida metropolitano[...] (CARNEIRO, 2016, p.106).

Compreender as razões advindas das mudanças que ocorrem em Paquetá é compreender a dinâmica local. O que se observa é a desconstrução dessa teia de relações que por décadas foi tecida com a manutenção dos laços de famílias e de amizades construídas entre os moradores e veranistas e mesmo visitantes que acabam por eleger Paquetá por lugar de lazer, terminando por fixar residência na ilha. Paquetá é um lugar que desperta no imaginário dos indivíduos um lugar sem os problemas que são vistos na capital e adjacências, contudo, apesar de ser menos estressante que outros locais ao redor

da Baía de Guanabara, a dinâmica mesmo que desacelerada existe e os percalços inerentes a urbanidade lá estão presentes. Os paquetaenses não estão isolados do restante do mundo e nem assim poderia uma vez que, “cada lugar é, à sua maneira, o mundo. [...] Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” (SANTOS, 2014, p. 314).

Em Paquetá existem os chamados comunitários, moradores antigos da ilha que preservam os laços familiares e a imaterialidade dos lugares ocupados por gerações representados por ruas, residências, árvores seculares, festas tradicionais, etc. Para esses moradores Paquetá possui significação que os novéis moradores, sem laços afetivos com a ilha, ou visitantes sazonais que a veem apenas por mais uma opção turística da cidade carioca, Paquetá é o lugar da história e da memória para gerações contínuas que ali residiram, contribuindo para a elaboração da história de suas famílias e amigos. Para corroborar esses laços físicos e aqueles imateriais, sobretudo de pertencimento, ainda hoje são encontrados, conforme relata Leitão (2013, p.110),

A crescente presença de muitos novos moradores, às vezes, embota sua presença, mas há, ainda, famílias muito antigas residentes em Paquetá. E o olhar atento não deixa de perceber que, em algumas partes da ilha, alguns pedaços de ruas são quase de ocupação exclusiva.

Ainda segundo Leitão (2013), o acelerado processo de ordenamento da ilha trouxe transformações naquilo que era um panorama tradicional percebido pelos moradores antigos na expressão “morava todo mundo aqui” ao fazer referência àquele lugar e ao tempo, onde os residentes eram quase uma família pela proximidade e convivência que só a característica exótica do bairro de Paquetá poderia oferecer (LEITÃO, 2013, p 110-111). A mudança de percepção a partir da chegada de novos moradores apresenta nova configuração do viver paquetaense, foram aditadas novas territorialidades além daquelas já existentes na ilha modificando o lugar. Para os moradores da ilha o espaço tem significação diversa em contraste com a dos moradores do continente que se mudam para Paquetá. Nesse lugar estão suas memórias particulares e coletivas e no dizer de Halbwachs (1990);

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos [...]. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p.30).

Segundo o autor e corroborando o que foi observado nas respostas às perguntas que tinham relação com as tradições, rixas e eventos relativos aos paquetaenses, as recordações ou antes as memórias dos eventos e características cotidianas, hábitos e maneiras que identificam os nativos de Paquetá, fundamentados nas histórias contadas por esses moradores estavam presentes nos relatos fornecidos. O preservar por aqueles mais antigos e a não continuidade por aqueles novos residentes na ilha. A relação de pertencimento dos residentes mais antigos e a de não pertencimento dos mais recentes estão bem detalhadas em Leitão (2013, p.111), a partir da própria experiência da autora, nativa que é de Paquetá na passagem a seguir; “As festas juninas, igualmente organizadas na rua, reuniam, além dos primos, tios de toda a sorte de graus. Enfim, tratava-se de um verdadeiro “território” da família, com amplo reconhecimento de todos”.

Do trecho em destaque é possível depreender a percepção do que seja para os moradores mais antigos, o significado de Paquetá como “seu espaço familiar”, suas histórias e as memórias formam interseções que modelam as bases desse tecido de familiaridades que se constitui a história de Paquetá. Para os “de fora” essa percepção do espaço e o que significa “esse lugar” inexistem, em virtude de não existir a sensação de pertencimento ou topofilia; elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico (TUAN, 1980), que existe nos paquetaenses, especialmente os mais antigos residentes ou criados em Paquetá. Em Tuan (1983), temos que “o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. O que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN 1983, p.6).

Paquetá é isso, lugar de histórias e memórias, de afetividade e pertencimento de moradores que a elegeram por morada há décadas. Razões existem para que Paquetá seja escolhida por muitos indivíduos e essa escolha tem consequência, haja vista o resultado do censo demográfico de 2022 que aponta um crescimento da população paquetaense, como será visto mais adiante nessa pesquisa.

No que concerne ao fator aumento populacional da ilha nos últimos anos (IBGE)⁶, esse não gerou marcas profundas a ponto de alterar identidades e regras já existentes. Os moradores da ilha adotaram suas territorialidades, cabendo aos novos

⁶<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-10/paqueta-tem-populacao-de-3612-habitantes-sendo-536-mulheres>

habitantes e a população flutuante segui-las apesar das tensões já percebidas na questão relativa ao baobá João Gordo. Mesmo com seu aspecto bucólico e tranquilo existem conflitos em Paquetá. Disputas territoriais e especulação imobiliária estão presentes na ilha. Grupos do continente que veem nesse espaço a possibilidade de ganho, trazem para a ilha a divisão do espaço em: territórios dos estabelecidos e dos “de fora”(*outsiders*) que, segundo o professor Marcelo Lopes de Souza, seriam sujeitos sociais que não fazem parte de uma comunidade ou coletividade, isto é, são aqueles de fora, os estranhos (p.85); e que ocupam lugares tradicionalmente ocupados por pescadores, pequenos comércios e mesmo residências, modificando o aspecto e as tradições ali estabelecidas.

A chegada de novos moradores à Ilha de Paquetá possibilitou a remodelação e inserção de novas formas de ocupação, bem como o desenvolvimento de infraestrutura urbana. Em contrapartida, esse desenvolvimento acarretou na expulsão de moradores mais antigos e de baixo poder aquisitivo para áreas de encostas ou até para outras cidades. Segundo Ribeiro (2018), o desalojamento de população por ocorrer de forma direta, através de desapropriações e remoções, ou de forma indireta, pelas mudanças de padrão de moradia e consumo nestas regiões com a nova forma de urbanização. Foi o último aspecto que se refletiu em Paquetá.

Esse fenômeno se configura como um modelo de urbanismo que legitima a expulsão de grupos sociais de baixa renda de seus locais de moradia, trabalho e identidade, como um padrão de segregação socioespacial elitista. Conhecido como gentrificação, esse fenômeno promove debates acirrados entre cientistas sociais e urbanistas críticos. Para um grupo, a gentrificação é resultado/ resulta de injustiças da estrutura social capitalista. Para outros estudiosos, em consonância com as políticas públicas e aos investimentos privados, essas intervenções favorecem a recuperação positiva de áreas urbanas abandonadas (Paes, 2017). O termo gentrificação⁷ é a versão aportuguesada de *gentrification* (de *gentry*, “pequena nobreza”), criado pela socióloga britânica Ruth Glass em 1964 e que foi utilizado pela primeira vez para analisar a transformação imobiliária ocorrida em bairros de Londres (Inglaterra) que definiu a elitização dos estratos sociais (a alta burguesia urbana) que se apropriaram de tradicionais bairros operários da cidade (Paes, 2017).

⁷ <http://ea.flch.usp.br/conceito/gentrificacao>

A Ilha de Paquetá se configura por uma combinação de temporalidades e territórios que se justapõem, dentro de um recorte geográfico que, embora pertença à capital carioca, possui uma dinâmica que permite aos insulares vivenciar seus aspectos distantes do descompasso que movimenta a cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, têm-se nesse espaço territórios cujas fronteiras se entrecruzam sem grandes destaques, quando vivenciados pelos insulares, mas que estão num processo de transmutação com a chegada de indivíduos do continente que, em Paquetá encontraram um lugar bom para viver e explorar. Em suma, a Ilha de Paquetá, como todo lugar onde existem pessoas, é uma ilha cheia de contradições. A vida bucólica dos seus moradores, antes tranquila como um remanso, aos poucos está perdendo as suas características interioranas, tornando-se, a exemplo da região dos Lagos, um lugar de aglomerações em razão do incentivo ao turismo, mas que em longo prazo poderá causar o desaparecimento de muito do que se conserva de memória e história do lugar

1.3 A concepção de Paquetá a Ilha dos Amores

O espaço paquetaense vivencia dois aspectos distintos. O primeiro seria aquele em que tem os moradores locais mais antigos são os principais atores, onde desfrutam da tranquilidade local na maior parte da semana. O segundo momento seria a modificação desse espaço com a chegada dos moradores do continente que vêm à ilha nos fins de semana e feriados em busca de “sossego e lazer”, elevando exponencialmente a população local, modificando a configuração do espaço da ilha, trazendo características sociais e econômicas de seus lugares de origem. Essas inserções que se dão em finais de semanas e feriados, estão possibilitando um tipo de demarcação de territórios para turistas, introduzindo outros agentes no *modus vivendi* da ilha e cerceando aqueles que se sentem deslocados dentro do espaço que cotidianamente lhes pertence. Paquetá não pertence apenas aos paquetaense, a ilha passou a ser área de lazer e fuga para moradores do continente. Tais mudanças implicam sobremaneira, a estrutura da ilha, pois com o crescente número de turistas e novos moradores, Paquetá. começa a vivenciar os problemas dos demais bairros da capital. A imagem estereotipada que se criou sobre Paquetá pode chocar quando a realidade do cotidiano e dos problemas urbanos e sociais ali existentes são postos a lume.

Com densidade demográfica historicamente considerada baixa, Paquetá costuma ter sua população aumentada em consequência de sua vocação para o turismo. Se por um lado, a migração sazonal influenciou a percepção da disputa e ocupação desse espaço e a delimitação de territorialidades, por outro os grupos de indivíduos que passaram a habitar a ilha contribuíram para a modificação da configuração ali presente, reproduzindo no bairro interiorano carioca. Em episódio recente ocorrido na ilha e que pode ter relação com a escolha religiosa de novos moradores, teve Paquetá por palco. Eventos dessa monta não registrados na ilha já ocorrem em Paquetá desfigurando a sua feição de tranquilidade, paz e segurança. A materialização nesse espaço de problemas do continente foi a vandalização e o corte do baobá João Gordo⁸, ocorrido em agosto de 2020, episódio que colocou a tranquila Paquetá na rota dos conflitos de ideologias religiosas. Antes da chegada das religiões neopentecostais à ilha, as religiões ali professadas conviviam de forma harmoniosa sem dissensões. A partir desse evento que foi notícia na imprensa, veio à tona que está em processo de ruptura uma relação aparentemente pacífica e que tem por pano de fundo, a ideologia religiosa e, dentro do seu bojo, posições políticas e tensões sociais que podem municiar grupos radicais religiosos ou não que pode promover um tipo de cisma num espaço onde a tolerância e o respeito sempre vigeram.

A ocupação de alguns espaços na Ilha de Paquetá por núcleos religiosos, perceptível pelo número crescente de moradores que professam as religiões neopentecostais em detrimento dos demais credos existentes (católicos, batistas e espíritas), traz em si questões não apenas religiosas, mas sociais e políticas, haja vista o cenário que se desenhou na cidade do Rio de Janeiro, onde a ascensão de representantes desses grupos tornou-se majoritária nos governos municipal e estadual. Na visão desses indivíduos, a Ilha de Paquetá era um campo fértil para a implantação de uma nova ordem ideológica mesclada com política e religião⁹, com a intenção de demarcar e ocupar este território de modo efetivo. No capítulo que tratará sobre o aumento da densidade demográfica de Paquetá ligada a fuga da violência da capital carioca e regiões adjacentes, também serão abordadas analisada com maior acurácia as consequências resultantes da influência dos grupos religiosos na dinâmica da ilha.

⁸ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/01/policia-investiga-corte-de-arvore-de-origem-af-ricana-sem-autorizacao-em-paqueta.ghtml>

⁹Fonte: <http://ilhadepaqueta.com.br/>

A Ilha de Paquetá tornou-se lugar refúgio de variegados grupos sociais. Segundo Leitão (2013, p.4) [...] é grande a diversidade de grupos sociais que residem e transitam na ilha e seria ingênuo persistir [...] em tratar Paquetá como uma espécie de unidade social homogênea”. A chegada de novos indivíduos tem provocado ações apropriativas, e o avanço dessas ações, sobretudo aquela que busca a de tomada dos espaços desocupados ou desvalorizados no bairro, tiveram seu ápice com a exploração de Paquetá pelo turismo. A esse fator, pode-se acrescentar os problemas relativos à segurança e à violência presentes nos demais bairros cariocas e pouco registradas na ilha.

Os moradores mais antigos da ilha ou os comunitários, buscam manter a afetividade relacionada aos espaços historicamente a eles pertencentes, enquanto a população sazonal faz desse espaço uma opção turística. Nesse caso, o espaço da ilha passa por um processo de ressignificação e funcionalidade dependendo para qual fim o espaço é pensado e utilizado. Os territórios existentes historicamente dentro do espaço da ilha passam a ser disputados sem a concepção de poder tradicional ou político como assevera Haesbaert (2007), mas aquele relacionado ao processo de dominação e apropriação, ou seja, essa apropriação interferindo na história da própria ocupação da ilha por uma população tradicional, ao mesmo tempo que esses territórios são ressignificados por novos moradores que não mantêm qualquer relação de afetividade com o lugar.

Dessa forma, se a ilha é considerada como um lugar de turismo ou moradia, Paquetá não permanece a imutável como parece. Recorrendo as impressões de Vilma M. Leitão (2013) ao discorrer sobre a inventada imutabilidade de Paquetá, a autora nos diz que; “[...] longe de sentir que me aproximava da ilha, a sensação era nitidamente de estar diante de um lugar inventado, tipo de *studio* montado para fomentar o escapismo e seduzir os amantes da natureza” (LEITÃO, 2013, p.9). Essas impressões trazidas pela autora são frutos de uma visão paradisíaca vendida sobre Paquetá sem que tenha sido levado em conta a mutabilidade dos espaços a partir dos seu uso e das relações dos indivíduos que se utilizam desse quer seja para moradia ou lazer.

A ilha está em processo de redescoberta onde é possível repensar o modo de vida para aqueles que a elegem como lugar de moradia, de rever e reconhecer a ilha para tantos outros indivíduos que, a partir de insuspeitos ângulos, podem observar que mesmo que o tempo e a vida pareçam mais modorrentos, as mudanças estão presentes

e não podem ser ignoradas. A chegada de novos indivíduos à ilha impacta a paisagem física e a imagem idealizada por muitos, de ser Paquetá local pacífico e sossegado, mostra-se na realidade do cotidiano que as mudanças ora mais perceptíveis, ora desenvolvida de maneira mais lenta, essas mudanças sempre estiveram em curso bastando um olhar mais acurado para assinalá-las no aspecto do patrimônio histórico e cultural com a não valorização do passado, da geografia com a degradação e ocupação desordenada do solo e do desmatamento, as fronteiras sociais e agora religiosas demarcadas e os conflitos daí advindos.

O atípico e singular o bairro de Paquetá depende da capital para a manutenção de serviços diversos como limpeza urbana, água, energia, etc. Tendo uma relação menos constritiva se comparada aos demais bairros da capital carioca, a distância do continente assegurou de certa forma, a preservação de hábitos interioranos que remete ao passado de glamour por suas casas, chácaras, palacetes. A história da ilha contempla em suas páginas personalidades de expressão que visitaram e/ou residiram na ilha. D. João IV que deu a Paquetá a alcunha de Ilha dos Amores, tinha por hábito visitar a ilha. José Bonifácio de Andrade e Silva fez da ilha o seu refúgio sendo uma das personagens de relevo da história local, entre outros. O romance *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo, embora não mencione o nome de Paquetá nas páginas do famoso enredo, sempre deu a entender ser Paquetá o cenário do romance o que a celebrizou por sua descrição de lugar paradisíaco (COARACY, 2009, p.63). Tal descrição criou no imaginário popular, desde o século XIX que a Ilha dos Amores era diferente do burburinho da cidade crescente do Rio de Janeiro, daí advindo a mística de lugar sinônimo de paz, segurança e tranquilidade, onde o tempo passa de forma lenta e arrastada. Onde a natureza e as praias que a circundam ofereceriam ao visitante ou morador um tipo de ilha da fantasia na Baía de Guanabara.

Com suas ruas tranquilas e uma aura que se afigura atemporal essa paisagem bucólica fizeram de Paquetá um ambiente *sui generis* se comparado àquele encontrado na cidade do Rio de Janeiro de todos os tempos. Mesmo quando as reformas urbanas que também chegaram à ilha, o aspecto interiorano pouco sofreu. A integração da ilha como região administrativa da capital, trouxe a melhoria do “progresso” já existentes em Paquetá desde o século XIX. Coaracy (1965) em obra que traz dados importantes sobre a história de Paquetá e que serve de base para essa pesquisa, pontifica, em capítulo dedicado aos serviços públicos, que Paquetá passou a integrar a partir de decreto da

Regência, que em 23 de março de 1833 o território do Município da Corte, pela Constituição republicana em Distrito Federal e depois ao extinto Estado da Guanabara, hoje Rio de Janeiro (1965, p.94). Na área administrativa, o fornecimento de água potável inexistia em Paquetá. Os antigos moradores cavavam poços para a captação dessa água, salobra para beber, destinava-se ao uso domésticos. Alguns poços continham água potável, mas insuficiente para o abastecimento dos ilhéus.

Enquanto a cidade do Rio de Janeiro perdeu muito do aspecto que a cidade possuía nos séculos XIX e princípio do século XX, Paquetá diferiu, sobremaneira, da cidade carioca por manter muitas residências que evocam os traços arquitetônicos que evoca o Brasil colônia ao século XIX. Na ilha não é permitida a circulação de automóveis, exceção feita aos de serviço, o que em muitos aspectos impacta o modo de vida dos seus moradores, que têm suprimido do seu cotidiano os demais elementos que compõe a vida urbana de uma capital como o Rio de Janeiro.

As ruas sem pavimentação e cobertas por saibro, aliado ao ritmo monótono de cidade interiorana, assim, o bairro de Paquetá tem procurado manter seu aspecto bucólico que tem encantado e atraído turistas e novos moradores que fugindo da vida agitada da cidade continental se encantam com a placidez local. A aparente tranquilidade que vige em Paquetá não esconde a transformação que ocorreu com a chegada de novos indivíduos com hábitos e modos diversos daqueles ordinariamente comuns entre os ilhéus.

Gráfico 1: Crescimento Populacional em Paquetá – De 1838 a 2010

Fonte: Maciel(2019, p.22).

A médio prazo o refúgio idílico e seguro, que caracterizou Paquetá, começa sofrer as mesmas demandas dos demais bairros cariocas, diferindo apenas por ser uma ilha. Num espaço circunscrito geograficamente, o equilíbrio precisa coexistir entre aqueles que elegeram Paquetá por moradia e a capacidade de receber novos moradores. Com o crescimento da população local segundo demonstrado no gráfico acima, é possível visualizar o crescimento da população paquetaense a partir do século XIX a primeira década do século XXI. Para a composição do gráfico foram utilizadas informações trazidas por Coaracy (1965, p.14-15) sobre a população de Paquetá entre em 1838, por ocasião do recenseamento. na capital do Império e na década de 1970 do século XX. Daí até o ano 2000 os dados foram coletados pelo IBGE.

As informações a respeito da população de Paquetá em 2003 foram obtidas por Leitão (2013) pela equipe de Estratégia de Saúde da Família (ESF) de Paquetá (MACIEL, 2019, p.22). Os dados mais recentes ratificam esse crescimento a propósito do teste preparatório¹⁰ realizado em 2021 para o Censo 2022. A população residente na ilha segundo o IBGE registrou 3.612 habitantes no total. Mais à frente dessa pesquisa serão trazidos os números relativos ao censo de 2021. O aumento da população em

¹⁰<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-10/paqueta-tem-populacao-de-3612-habitantes-sendo-536-mulheres>.

Paquetá é real e está sendo incrementado no bairro com a ocupação de áreas antes não residenciais para atender a demanda crescente na ilha. A tendência é de crescimento da população de Paquetá e medidas administrativas em todos os âmbitos precisam ser pensadas para que os problemas de infraestrutura advindos do descontrolado ocorram na ilha, reproduzindo àqueles de ordem social e urbana já assinalados e recorrentes nos demais bairros cariocas e municípios adjacentes. O turismo sem estudo de impacto poderá transformar a paisagem da então aprazível Ilha dos Amores em mais um bairro com a segurança comprometida e o não planejamento urbano, imperativo em Paquetá dada a sua condição insular.

1.4 Paquetá entre a realidade e a fantasia

Vimos até esse ponto, como a formação da imagética criada sobre Paquetá se confunde com a real história da ilha. As lendas e a realidade prática se entrelaçam dificultando muitas vezes ao pesquisador, saber o que é fato, história documentada e lendas saídas do imaginário dos indivíduos. A esse propósito, temos em Leitão (2013) o trecho a seguir, onde a autora ao tratar desse tema traz elementos do romance *A Moreninha* de Joaquim Manoel de Macedo (1884), que teve influência profunda na lenda e história da ilha, porque, associado que foi a Paquetá sem de fato ter sido ali ambientada, cria uma aura de ilha mágica e idílica onde essa magia transforma Paquetá em um lugar paradisíaco na Baía de Guanabara. Segundo Coaracy (1965, p.63), “O nome da Ilha nunca é mencionado e não se encontra nos capítulos do livro qualquer indicação precisa para identifica-la”. Daí a realidade e a fantasia foram de tal sorte trançadas que hoje é quase impossível separá-las. Segundo Leitão em seu livro que trata da história de Paquetá intitulado *Sob um Céu de Flamboyants*, temos que;

As imagens românticas subsistem lá onde a memória coletiva as tornou autênticas e nutrem os espíritos daqueles que já chegam em Paquetá imbuídos desse encontro com o amor. Na perspectiva de confirmar os acontecimentos surgidos na literatura, a administração local investiu na satisfação dos interesses e expectativas dos visitantes, oferecendo-lhes, por meio da produção local o espaço romântico correspondente a história contada (LEITÃO, 2013, p. 63-64).

Aqui, tratar-se da transformação de uma ilha situada na Baía de Guanabara, cujo aspecto natural a credenciara por local de descanso desde o século XVIII, e também com

uma história de “[...] ponto de passagem obrigatório e escala nas viagens marítimas entre o a cidade d o Rio de Janeiro e o porto de Piedade em Magé” (LEITÃO, 2013, p.34), transmutar-se em local idílico, um paraíso fantasioso onde a realidade caberia dentro de um romance. Com o declínio das atividades de relevo do comércio e indústrias que ali se desenvolveram, Paquetá afirma-se, por seu aspecto natural em balneário bucólico, romantizado onde os problemas urbanos e sociais, embora existam passam imperceptíveis a princípio pela população reduzida em comparação com a cidade a qual pertence administrativamente. A cooptação continuada desse espaço para exploração mais efetiva do turismo ratifica a vocação de Paquetá como lugar idílico, onde as demandas inerentes aos agrupamentos de indivíduos separados sociocultural e economicamente que ali residem, são pouco abordadas fazendo que essas sejam quase inexistentes.

Paquetá desde a época em que a Coroa Portuguesa, residente que foi na cidade do Rio de Janeiro, descobre e faz de Paquetá ponto de referência para descanso seu e das classes mais abastadas de então. Aqui, de certa forma, dá-se a gênese dessa futura exploração da ilha com o fito de vende-la como lugar pacato e bucólico atraindo visitantes sazonais que pelos encantos naturais dessa acabam por elegê-la por moradia permanente, além de residência e trabalho para os menos favorecidos, residentes mais antigos e outros que para a ilha se transferem para trabalhar nessas residências à medida que novos visitantes descobrem os seus encantos e tranquilidade.

Paquetá historicamente sempre teve uma população de residentes considerável, segundo Coaracy ao tratar desse tema informa que já no século XVIII, a população era numerosa fazendo jus a criação de uma paróquia, sendo esta instituída em 1810. O recenseamento de 1838, Paquetá contava com 1517 habitantes, número expressivo em relação a sua área física. Em 1890 a ilha comportava algo em torno de 2693 habitantes. Em 1940, 1950 e 1960 respectivamente, os recenseamentos registram: 2875, 3249 e 3867 sendo os dois últimos já efetuados pelo IBGE (COARACY, 1965, p.14). Paquetá ainda recebeu número considerável de migrantes provenientes do Nordeste entre décadas de 1960 e 1970 quando a demanda de mão de obra para a região Sudeste sobretudo para a cidade do Rio de Janeiro e São Paulo. Por não ser objeto dessa pesquisa o problema migratório, apenas e tão somente à guisa de informação diremos que as migrações foram, num primeiro momento, impulsionadas pelo fenômeno natural da seca; depois, motivadas também pelo fluxo capitalista nos primeiros passos da industrialização do Brasil no início do século XX, essa movimentação agora para a região Sudeste, acelera esse processo de

industrialização iniciado no país e que impulsionaria nas décadas seguintes do século XX, levadas de migrantes, que aumentariam exponencialmente, à medida que a região Nordeste passa a ocupar posição periférica em relação à economia, sendo agora fornecedora de mão de obra para as demais áreas do Brasil. A esse respeito Galhardo (2007) diz que;

As migrações internas no território brasileiro foram provocadas pela criação de desigualdades regionais, acompanhadas pelo processo de industrialização dos moldes capitalistas. As regiões favorecidas por arranjos institucionais foram acumulando vantagens, e neste processo, os efeitos do progresso concentraram-se em determinados territórios. Muitas regiões empobreceram, e embora participassem do processo, não foram beneficiadas por ele. Nelas, o nível de vida permaneceu baixo e os horizontes culturais e econômicos praticamente se fecharam (GALHARDO, 2007, p.1).

Em linhas gerais e sem nos atermos ao tema migração, o fato é que esta alcança Paquetá. Ao abordar a questão sobre a relação dos moradores mais antigos e os grupos dos “de fora” Wilma Leitão em Sob um Céu de Flamboyants traz a problemática que gira em torno das expressões sociais dos moradores antigos e que fixaram residência em Paquetá há décadas e aqueles “forasteiros” ou “outsiders” conforme encontrado em Elias e Scotson (2000) ao tratarem dessas relações sociais e culturais entre antigos e novos moradores de uma dada localidade. O espectro da chamada “gente nova” que passa a residir em Paquetá, descaracteriza a velha rixa entre os moradores da Ponte e do Campo. Esses indivíduos não conhecem as idiossincrasias dos antigos moradores e essa separação histórica ali materializada te na divisão da ilha em duas sesmarias como já visto anteriormente, perder o sentido de autorrepresentação dos paquetaenses dando lugar a uma nova forma de identificação que passa a ser a antiguidade dos moradores. Segundo Leitão (2013, p.13),

[...] A antiguidade da ilha, deslocando a referência topográfica em favor do eixo temporal, surgia assim como novo dispositivo de segmentação para circunscrever e distinguir os moradores ditos “estranhos” por oposição aos moradores tradicionais, ou seja, *gente conhecida*.

Nesse sentido, o que está em processo em Paquetá é a mudança gradativa daquelas relações anteriores calcadas na antiguidade dos moradores, embora essas continuem vigentes tanto entre esses quanto para os frequentadores contumazes que desenvolvendo um sentimento de topofilia pela ilha sentem-se parte daquele espaço mesmo ali não residindo de forma permanente. Outro aspecto presente na pesquisa de Leitão (2013) são os migrantes nordestinos em Paquetá que provoca “mudança no cotidiano da ilha” causada a partir da

[...] expressiva migração de famílias nordestinas que se instalaram no seio de uma ordem social já conhecida. A presença de numerosas famílias com hábitos e perspectivas diferentes com relação a Paquetá instaurou uma nova ordem sociológica, com a introdução de elementos nas relações sociais diversos da natureza conhecida da práxis local (LEITÃO, 2013, p.14).

Abrindo um breve parêntese para o aspecto social relacionado a migração, os nordestinos trazem a marca da estigmatização e preconceito voltado aos “de fora” pelos “estabelecidos”. Os aspectos socioculturais diferentes daqueles usuais na cidade do Rio de Janeiro os destacam onde quer que se estabeleçam e em Paquetá não seria diferente. Os termos “outsiders e estabelecidos”, foram tomados por empréstimo ao sociólogo Norbert Elias sobre o conceito de configurações¹¹, estudado pelo autor, onde [...] o grupo estabelecido atribuía aos seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo de contato social não profissional com seus próprios [...] (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.20). A correlação entre os termos cunhados pelo autor na conjuntura aqui destacada, entre naturais do Rio de Janeiro e os nordestinos, torna-se pertinente, senão pelo poder, mas pelo estereótipo de povo fugido da seca e da miséria os depreciam, realçando o preconceito por origem de regional. Reiterada por décadas, essa estigmatização os faz serem vistos como “de fora” que ao se deslocarem para a “cidade grande”, ocupam os espaços pertencentes aos naturais. Trazendo consigo os traços culturais que os distingue e que por ser diferente dos moradores locais são como agentes estranhos no corpo da ilha daí o estranhamento com a maneira de ser e se expressar frente aos paquetaenses.

Essa breve inserção sobre os migrantes nordestinos em Paquetá reforça a busca das pessoas por um lugar tranquilo, seguro, onde o tempo passa num ritmo diferente daquele encontrado no continente. Os nordestinos estão presentes em diversos lugares da cidade do Rio e adjacências, tê-los em Paquetá não causa surpresa.

A ilha de Paquetá pertence à administração do município da cidade do Rio de Janeiro, nesse sentido, a exploração turística a insere obrigatoriamente por ponto de atração da cidade, embora careça, como será visto no capítulo quatro, de estrutura para comportar a demanda de visitantes e novos moradores. A necessidade implementação de uma infraestrutura que atenda a demanda de público, que a partir de 2007 ano da efetivação do polo turístico atraiu para a ilha um contingente que até então convivia

¹¹Trata-se de um estudo das relações de poder na comunidade de Winston Parva, próxima de Leicester – Inglaterra. O conceito de configuração se refere a um padrão mutável criado na relação entre indivíduos em sociedade. (SALLAS, 2001, p.217) .(<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/1561>).

pacificamente dada a ausência de conflitos entre os moradores. E apesar do episódio do baobá João Gordo já citado nessa pesquisa, considerado crime ambiental, trouxe a lume uma disputa de espaço dentro e Paquetá que até então não existia ou nunca havia sido evidenciada. A chegada das religiões neopentecostais descortina um clima de tensão sob a aparente tranquilidade de Paquetá. Necessário se faz que a administração municipal da capital carioca observe esses eventos para que não se tornem comuns num espaço historicamente pacífico como sempre foi Paquetá. No capítulo que se segue teremos maior detalhamento desse conflito analisando os aspectos socioculturais a partir do olhar da ascensão das religiões neopentecostais no Rio de Janeiro.

A transformação de Paquetá em polo turístico modifica, de certa maneira, a estrutura física e comercial da ilha exigindo como sói acontece com empreendimentos que visam lucro além da especulação imobiliária, atender as necessidades do público externo e não mais dos moradores. Tais transformações exigem a implantação de infraestrutura de circulação dentro da ilha onde é proibida a circulação de veículos automotores, energia, água e esgoto sanitário, além da preservação do meio ambiente coibindo o desmatamento e a degradação dos morros e praias. As condições para essa transformação exigirão da administração pública carioca atenção e estudo para garantir o funcionamento dos serviços básicos para os moradores e para a população intermitente que a visita nos finais de semanas e feriados. Incentivar o turismo sem essa infraestrutura funcionar para atender a demanda locais será degradar o espaço da ilha incentivando a favelização e descaracterização dos locais ainda preservados por sua importância histórica.

Leitão (2013) diz que o fenômeno da chegada de gente nova não é recente em Paquetá, mas está se intensificando talvez motivado pela atribulação que tem se tornado a vida na cidade e por isso, os moradores preferem estar sujeito ao acesso à ilha em uma hora, o que compensaria por estarem distante da capital, podendo vivenciar a relativa segurança e tranquilidade que a cidade não oferece (LEITÃO, 2013, p.12). Paquetá não é a ilha da fantasia. Ter fama de tranquila e bucólica, onde ainda é possível viver sem a violência e a desarmonia presentes na parte continental da cidade, precisa ser resguardada para que seja evitado ou mitigado o inchaço populacional que já se verifica na ilha sob pena de repetir os eventos que ocorrem na capital, onde a degradação do meio ambiente entre outros de ordem estrutural e administrativas estão presentes. Paquetá não tem para

onde se expandir além dos seus limites geográficos e um aumento descontrolado da população seria um desastre para esse recanto carioca.

Ver-se -á a seguir o desenrolar dessa ocupação da que bem retrata o pesar do paquetaense de 74 anos, em depoimento constante em Leitão (2013, p.94) ao exprimir o sentimento dessa Paquetá que está se desvanecendo com a chegada e estabelecimento de novos moradores. Assim nos diz o morador: “Os paquetaenses mesmo estão sumindo. A gente não conhece mais ninguém. Mas esses que estão aí estão tendo filhos. Os filhos deles serão paquetaenses também?”. A pergunta que fica é a proposta de análise do capítulo a seguir. Que Paquetá resta de idílica e segura?

CAPITULO 2 PAQUETÁ: UMA CIDADE DENTRO DA CAPITAL CARIOCA

Os lugares são como as pessoas, têm histórias, têm uma vida, têm um passado, têm marcas, têm alma. E o convite que faço é, antes de tudo, de aproximarmo-nos pouco a pouco de Paquetá (LEITÃO, 2013, p.7).

Falar de Paquetá, como afirma a autora, é uma forma de nos aproximarmos das histórias ali vivenciadas no passado e da história que está sendo construída no presente buscando distinguir a partir de observação mais precisa, a Paquetá imaginada que revestiu e reveste a ilha onde, ressaltando apenas o lado bucólico e natural de sua paisagem. Observando as construções e temporalidades ali impregnadas de histórias antigas e ressignificações que tiveram lugar na ilha desde a sua ocupação. Perscrutar as histórias de Paquetá, reescritas a partir das mudanças estruturais, sociais e econômicas, voltando o pesquisador para os aspectos gerais que Paquetá apresenta, encontrará em cada local a história real e aquela que foi idealizada com o intuito de atrair visitantes. Suas ruas, casas, residenciais de moradores ilustres, construções ressignificadas, outras em abandono, enfim, aspectos que permitem escrever, descrever e reescrever Paquetá.

Suas árvores centenárias, testemunhas vidas dessas histórias, além das praias de águas mansas que circundam a ilha dando ares de paraíso dentro da baía de Guanabara. É pensar o mar e a vida dali proveniente. Encontramos em Coaracy (1965), quando o autor faz referência aos pescadores no capítulo intitulado “Migalhas”, além de diversos assuntos alusivos à cultura e ao cotidiano de Paquetá, o cronista nos dá notícias no item Colonias de Pescadores ser a prática da pesca ser antiga dentro da baía de Guanabara como ressalta no trecho a seguir,

Desde os primeiros tempos em que Paquetá foi povoada, possivelmente mesmo antes, a pescaria tenha sido, é óbvio, intensamente praticada. Num dos mapas mais antigos da baía de Guanabara, o do piloto francês Jacques de Vaulx de Claye, o arquipélago de que Paquetá é parte está assinalado com a anotação “Ici y a fort poisson” (Aqui há muito peixe). A tradição dos pescadores profissionais, na ilha, é muito remota (COARACY, 1965, p.128).

Do recorte acima exposto, deduz-se que as águas da baía de Guanabara naquela época, seriam bastante piscosas, sendo a prática da pesca comum tanto aos primeiros indivíduos que habitaram a ilha de Paquetá, sendo essa abundância extensiva as demais áreas banhadas por suas águas. No que diz respeito a história da pesca artesanal em Paquetá, a dificuldade de se obter dados sobre o tema, deve-se ao fato de que essa arte

talvez não tenha sido documentada com informações específicas na história da ilha. Dificuldade que se origina do esquecimento histórico dessa atividade e da própria invisibilização desses trabalhadores pois, essa atividade nos primórdios da exploração e ocupação da ilha eram realizadas majoritariamente por escravos e pessoas sem haveres e que tiravam da pesca o seu sustento, além do abastecimento aos moradores locais. Não seria incomum a pesca ser exercida por indivíduos pertencentes as classes menos prestigiadas. A não percepção do quanto o pescador artesanal foi esquecido por historiadores e pesquisadores na busca de dados para que se pudesse ter uma noção desta atividade pode ser causa da inexistência de fontes documentais (SILVA, 1988, p.21).

O sustento das famílias de pescadores tradicionais na ilha, pela natureza da profissão esse grupo social que de ordinário costuma viver em agrupamento para fins de ajuda mútua (Coaracy, 1965), estão representados pela colônia. Informações trazidas pelo autor dão conta de que a antiga colônia de pescadores de Paquetá estava situada numa propriedade adquirida por Bhering de Matos que ao se tornar proprietário do local, nela existiam casebres pertencentes a pescadores. O Dono da chácara doou um terreno na antiga Praia da Guarda, hoje denominada de José Bonifácio. O filho do proprietário, o sr. Jorge de Matos construiu a sede da Colônia de Pescadores Z-3, a que estão filiados os pescadores de Paquetá (COARACY, 1965, p.128).

A atividade pesqueira restringiu-se muito nas últimas décadas em Paquetá em virtude de fatores variados, sobretudo pelo aumento da população e a necessidade de expansão e apropriação de áreas pela especulação imobiliária, além da necessidade a qual os pescadores se veem a braços, a poluição das águas da baía de Guanabara que os levou a buscarem áreas mais piscosas na baía e a própria restrição da área consagrada historicamente aos pescadores na ilha. Moradores e aqueles que também são pescadores residentes na ilha ainda consideram a relevância dessa atividade que resiste bravamente e de forma artesanal na baía. A importância, conforme assevera Coaracy (1965, p.18) no trecho a seguir, traduz a relevância da atividade e de seus atores;

Constituem os pescadores classe típica merecedora de estudo pelos sociólogos analistas. Têm seus costumes, suas tradições, as suas superstições, as suas práticas e seu folclore peculiar. Representam uma constante num meio em evolução de mutabilidade contínua. Vivem formando uma espécie de comunidade distinta dentro da coletividade insular, apresentando ao observador características próprias.

O trecho realça a importância de se manter e prestigiar esse grupo de indivíduos porque há entre eles os que ainda tiram parte do sustento dessa atividade. A pesca na ilha e a relevância do mar para população da ilha causou muito desconforto depois do derramamento de óleo ocorrido em 2000. Paquetá sobreviveu, mas a atividade da pesca artesanal sofreu mudanças significativas por prejudicada, sobremaneira, em decorrência do desastre ambiental que foi para aqueles que da pesca tiravam o seu sustento um acontecimento trágico e de consequências naquele momento imprevisíveis. Ver-se-á o que restou dessa atividade e o ressurgimento desta a partir de então por complemento da atividade turística em Paquetá sendo ainda atrativo para ao que visitam a ilha, saborear o pescado nas barracas situadas nas praias, folclores que faz parte da história da ilha.

Por muito tempo o estudo da atividade desenvolvida por pescadores e de sua produção foi marcado, no Brasil, por uma visão folclórica e idílica. Ressaltava-se ora a vida pacata, indolente, ora o tipo humano, sua coragem e os perigos da profissão no mar. Em alguns casos se descreviam suas comunidades como entidades isoladas, alheias aos grandes processos econômicos que marcaram a sociedade como um todo em seus vários momentos do desenvolvimento econômico no Brasil. A pesca constitui um traço cultural inserido na história da ocupação socioespacial brasileira em consequência do litoral extenso que nos contempla e dos rios que cortam o nosso território. Necessário de fez uma breve incursão por essa história para melhor compreensão dessa atividade comum aos brasileiros, embora não muito pensada como atividade de relevo quando se trata de pesca artesanal.

2.1 Pescadores e Paquetá

A atividade extrativista da pesqueira encontra-se dentre aquelas que caracterizam historicamente cidades costeiras como o Rio de Janeiro, cuja imagética está ligada irremediavelmente ao mar. Paquetá, sendo uma ilha, tornou-se a partir dessa imagética, uma espécie de paraíso encrustado na Baía de Guanabara, não fugindo a essa percepção estereotipada de lugar sem problemas urbanos. Rodeada de praias aprazíveis, a pesca, por dedução, tornou-se uma atividade presente em Paquetá desde a sua ocupação e posterior desenvolvimento o que possibilitou ao longo do tempo, que a exploração do seu entorno

para a pesca seria uma das formas de sustento dos indivíduos que ali residiam historicamente.

Segundo Coaracy (1965), ao tratar do tema sobre a atividade da pesca em Paquetá, o autor informa que no final do século XIX havia em Paquetá um grupo de origem grega que se dedicou à pesca e comércio de ostras. Essa atividade logrou êxito na ilha sendo o produto exportado para os mercados do Prata. Contudo, a nacionalização da pesca provocou o desaparecimento de tal atividade em Paquetá e sem a continuidade, os viveiros e de mais apetrechos usados perderam-se, assim como os campos de cultivo (COARACY, 1965, p. 128-129). Em consonância com essa informação a respeito da lei e sobre a pesca artesanal no Brasil, temos que,

[...] a pesca artesanal é uma categoria criada pelo Estado no início do século XX, por meio da Marinha do Brasil. É a partir desse período que as colônias e outras instituições criadas pelo Estado passam a exercer o controle sobre o pescador na sua espacialidade local [...] (SILVA, 2014, p.15).

Paquetá faz parte da Colônia Z3, sendo essa uma das 25 colônias de pescadores existentes no estado do Rio de Janeiro. São associadas ao Sindicato dos Armadores de Pesca do Estado do Rio de Janeiro, uma vez que toda embarcação fluminense deve estar vinculada a uma das colônias de pescadores¹².

¹²<http://www.fiperj.rj.gov.br> FEPERJ - Federação Dos Pescadores Do Estado Do Rio De Janeiro - SAPERJ - Sindicato dos Armadores de Pesca do Estado do Rio de Janeiro.

Figura 3 - Pescadores na orla de Paquetá - Século XIX



Fonte: Acervo Digital do Arquivo Nacional

A antiga colônia foi fundada na Praia da Guarda que é também conhecida por Praia José Bonifácio. Atualmente, no que se poderia chamar de colônia, vivem famílias ligadas aos antigos pescadores, além daqueles ainda exercem tal atividade, embora essa não seja mais a principal fonte de renda desses indivíduos. A colônia é um local simbólico e de importância para a história da Ilha. Entretanto, no decorrer da coleta de dados para essa pesquisa, percebe-se que o local é pouco visitado pelos turistas que visitam Paquetá. No local foi possível observar a existência de algumas barraquinhas que vendem peixe e cerveja, sobretudo nos finais de semana e feriados. As barracas não abrem com frequência e, não sendo essa atração divulgada, o comércio da ilha perde com a não divulgação da colônia e da atividade comercial promovida pelos pescadores. Ainda assim, a colônia conta com o apoio dos antigos moradores que param no local quando do périplo feito pela ilha com os turistas no intuito de promover, mesmo fora do roteiro, a existência do local.

Quanto a atividade propriamente dita, os pescadores de Paquetá estão restritos a uma pequena área de pesca, e mesmo quando a maré renova as águas da baía e os cardumes se aproximam da ilha, os pescadores não podem passar da faixa "reservada" aos barcos de pesca industrial. Segundo informações dos pescadores entrevistados, frequentemente eles têm sido alvo de represálias por parte desses grupos que

desenvolvem a pesca industrial na baía. Em geral, eles pegam poucos peixes grandes e normalmente conseguem apenas os pequenos, porque onde os peixes maiores são predominantes (Ilha do Boqueirão), eles estão proibidos de pescar. Segundo relato de um pescador entrevistado, em uma ocasião, ao se aproximar do local, quase foi alvejado como sinal de advertência. Os pescadores são obrigados a buscar outras áreas de pesca, sendo Mauá, no município de Magé, o local procurado para a obtenção de mais pescado. A maior parte deste é comercializado na ilha, porque atualmente o que abastece a ilha vem da capital e de municípios adjacentes. São os comerciantes menores de Paquetá que contribuem comprando dos pescadores seus produtos. Entretanto, o pescado vendido nos maiores restaurantes e, mesmo na barraca que comercializa peixes e demais frutos do mar instalada na rua dos Tamoios, vem de fora para ser revendido em Paquetá.

A escassez de peixes após o derramamento de óleo ocorrido em 2000 baía levou os pescadores a buscarem outras profissões. No entanto, agora que a água vem sendo renovada e o pescado volta a surgir, incluindo os camarões, abundantes em derredor da ilha, não tem sido motivo de crescimento da atividade pesqueira em Paquetá, em virtude da concorrência desleal dos barcos de pesca industrial que desenvolveram quase um monopólio da pesca na Baía de Guanabara.

Retornando o tema da Colônia dos Pescadores em Paquetá, os pescadores moram em diversos pontos da ilha e não necessariamente na colônia. Eles têm barcos e são autônomos. Nem todos têm os benefícios que são pagos a categoria. E os que têm, os obtiveram recentemente. Durante a pesquisa, ao serem inquiridos sobre a percepção do eles têm do papel que representam na comunidade paquetaense, alguns deles não se percebem invisibilizados, porque conhecem muitos moradores antigos e fazem parte desse grupo. Não percebem, no trato cotidiano, a segregação que lhes têm sido aos poucos imputada a exemplo da não inclusão da venda e consumo de seus produtos como atração turística de Paquetá. Se os antigos moradores ainda os conhecem, os novos, sem vínculo afetivo com a ilha e sua história, de certo não irão reconhecê-los como indivíduos que fazem arte de uma classe de trabalhadores que possuem raízes na história de Paquetá.

A colônia de pescadores em Paquetá, por sua peculiaridade insular, restrita em seus limites geográficos, não se furtou as modificações e novas atividades que tiveram lugar na ilha com o passar do tempo. circunscrita em suas atividades, a colônia sobressai nas épocas das festas populares de São Roque e São Pedro, quando é possível observar um tipo de unidade na comunidade de pescadores paquetaense mesmo com o

esvaziamento da pesca como atividade primeira de subsistência na ilha. A pesca encontra-se enraizada na própria história de Paquetá e os pescadores, mesmo sendo em número reduzido, ainda estão presentes tradicionalmente na vida cotidiana da ilha. Desenvolveram laços de convivência entre as variadas classes sociais presentes na ilha. Famílias tradicionais de pescadores forjaram, através de gerações, laços de convivência amistosa com todos que aportavam na ilha ou a elegeram por morada, sejam esses imigrantes nordestinos que se fixaram na ilha há décadas em busca de melhores oportunidades de trabalho na cidade, visitantes ilustres ou desconhecidos, intelectuais que apreciavam o cenário bucólico, todos, enfim, sempre encontraram em Paquetá receptividade amistosa.

A colônia de pescadores, ponto de referência dos paquetaenses, fez parte da história da formação social e econômica da ilha. A pesca está reduzida ao comércio local; aos finais de semana e feriados quando o número de visitantes cresce e as barracas de pescado servem aos turistas, sinalizando, embora de maneira ainda tímida, mais um atrativo para turistas e novéis moradores que começam a descobrir Paquetá. A atividade pesqueira faz parte do cotidiano de Paquetá como ilustrado na figura 3. Valorizar e revitalizar essa atividade deveria ser uma das prioridades constante nos planos de incentivo ao turismo porque valorizaria a colônia de pesca ali existente, além das atividades econômicas inerentes a essa atividade.

2.2 Processo de gentrificação

A Ilha de Paquetá vivencia dois momentos distintos: aquele que tem os seus moradores como principais atores, quando estes desfrutam do espaço sem concorrência, onde o status de bairro interiorano predomina no período compreendido entre segunda-feira e sexta-feira, oferecendo aos moradores a oportunidade de vivenciar a tranquilidade característica da ilha por ter pouco fluxo de população; e aquele que altera a configuração espacial onde a face interiorana se vê modificada pelos moradores do continente que afluem à ilha nos finais de semana e feriados. Na busca de sossego e paz, esse grupo aumenta exponencialmente a população local, erigindo territórios e cerceando aquele outro, que se sente deslocado. Nota-se também que o local virou alternativa para fugir dos congestionamentos, da violência e do elevado preço dos imóveis nos demais bairros cariocas.

Desta forma, se configura a Ilha de Paquetá; uma combinação de temporalidades e territórios que se justapõem, dentro de um recorte geográfico que, embora pertença a capital carioca, possui uma dinâmica que permite aos insulares concebê-la fora do descompasso que faz movimentar a cidade. Nesse sentido, têm-se nesse espaço territórios cujas fronteiras se entrecruzam sem grandes destaques, quando vivenciados pelos insulares, mas que estão num processo de transmutação com a chegada de indivíduos do continente que na ilha perceberam um lugar bom para viver e explorar. A vida bucólica dos seus moradores, aos poucos perde as suas características e estes acabam por se afastar dos lugares onde os turistas e visitantes sazonais costumam se aglomerar. De acordo com a CCR Barcas, concessionária responsável pelo transporte aquaviário de passageiros que realizam diariamente a travessia Paquetá e Praça XV, são nove viagens para quem deseja se deslocar até a ilha e oito para aqueles que fazem o trajeto de volta ao continente nos dias úteis. Nos fins de semana, são seis viagens realizadas da Praça XV à Ilha e outras seis para aqueles que buscam retornar ao continente¹³.

Um possível aumento dos deslocamentos diários não é bem visto pelos habitantes mais abastados. Durante os fins de semana e feriados, a população flutuante, isto é, aquela que não possui residência fixa na Ilha, pode chegar a cinco mil. Na visão desses sujeitos sociais, essa acessibilidade tiraria o sono dos moradores, pois na concepção deles, implicaria com a tranquilidade que impera no local, elevaria a produção de resíduos sólidos e poderia limitar o sistema de abastecimento de água potável. Até 1893, o abastecimento de água potável da Ilha dependia de poços artesianos de água inadequada. A partir desse ano, a água passou a ser trazida por barris trazidos pelas barcas. Em 1907, iniciou-se a construção de um reservatório no local, denominado como Morro do Costallat. Para abastecer o reservatório foram realizadas obras de captação e adução das águas do riacho da Cachoeira Pequena em Suruí, município de Magé. A adutora percorria 21 km, sendo 4,4 km submersos, desde a captação até o reservatório.

Leitão (2013) e Maciel Junior (2019) sinalizavam essa mudança no perfil dos ocupantes da ilha. Para os autores, o desembarque de novos moradores formou um novo grupo, que se relacionava de modo interno e que ganhava gradativamente um espaço, modificando a estrutura da Ilha. Constituída por antigas famílias que habitavam a Ilha há gerações e por nordestinos migrantes, a chegada de tal grupo social causou um

¹³ <https://www.grupoccr.com.br/barcas/linhas-horarios-tarifas>

estranhamento, onde categorias que antes dividiam a Ilha entre “Campo” e “Ponte” se tornaram insuficientes, sendo comum ouvir dos moradores mais antigos frases como “Paquetá mudou muito” ou “Hoje não se conhece mais ninguém”. Percebe-se assim que diferente do que se observava no passado, Paquetá se tornou não apenas um local de oportunidades para grupos sociais com renda e instrução menores, mas também de refúgio para uma nova classe que adquire e usufrui mais bens e serviços.

Essa nova configuração social tem mudado o modo de vida paquetaense que se sustentou por décadas. Com a chegada dos “novos moradores” a configuração da associação de moradores também mudou, bem como os eventos culturais ocorridos na Ilha, que agora são organizados pelos recém-chegados. Observa-se hoje alguns lugares passaram a ser determinados como “deles” por terem frequência assídua. Os novos moradores possuem um poder aquisitivo maior que a maioria dos antigos moradores e também dos nordestinos, o que acena para o fenômeno de migração chamado de gentrificação (Maciel Junior, 2019, p. 31).

O termo gentrificação citado no capítulo anterior, se refere a um processo marcado pela alteração do perfil populacional de determinados bairros onde há uma saída de famílias de baixa renda, e conseqüente aumento de uma população com maior poder aquisitivo (Maciel Junior, 2019). O termo surge pela primeira vez na década de 60 do século XX, na obra da socióloga britânica Ruth Glass, em referência às mudanças ocorridas na cidade de Londres, especialmente nas regiões habitadas pela classe operária (Ribeiro, 2018). Mais tarde, o geógrafo Neil Smith ampliou o conceito de gentrificação por não se tratar mais de um fenômeno local, mas de escala global, especialmente nas cidades capitalistas ocidentais que cada vez se encontram mais atreladas às estratégias do Estado e do mercado imobiliário.

É a reestruturação das áreas centrais decadentes, que inicialmente eram ocupadas pela população de baixa renda, devido à ação de atores coletivos públicos e privados movidos pela característica locacional ou pelo preço da terra menos valorizada em relação a outras áreas (Mendes, 2020). Este efeito aos poucos acaba promovendo a saída dos antigos moradores pelo aumento do custo de vida e descaracterização do espaço. A renovação ou construção de novas moradias para classe média e a instalação de empresas e serviços nestas áreas, passam a atrair novos habitantes.

O termo deriva de *gentry*, classe social inglesa de comerciantes, considerada nobre, que surge na transição do feudalismo para o capitalismo: "a gentry inglesa

estabeleceu novas relações de produção a partir da expansão dos cercamentos, que funcionaram como espacialidades dentro do macro sistema produtivo feudal. Isso porque reconfiguraram o modo de vida, favorecendo a gestão do capitalismo." (COLUCCI e SOUTO, 2011, p.120).

A Ilha de Paquetá está carregada de significados, que foram construídos em sua maioria por pescadores e migrantes nordestinos ao longo das décadas. O valor simbólico que preservou seus costumes e modos de vida se encontra ameaçado por futuros empreendedores que enxergam nesse território a chance de produzir um ambiente de consumo para a classe média. Neste “espaço revitalizado ou readequado”, o morador se depara com duas opções: abandonar o lugar onde construiu sua territorialidade e sentimento de pertencimento ou permanecer na Ilha, sendo que o novo modelo foi pensado para uma nova classe social que irá habitá-la. Segundo Said:

Mas se concordamos que todas as coisas na história, bem como a própria história, são criadas pelos homens, veremos como é grande a possibilidade de que a muitos objetos, lugares ou tempos sejam atribuídos papéis e significados que adquirem validade objetiva só *depois* de essas atribuições terem sido feitas. [...] Um grupo de pessoas vivendo em alguns acres de terra estabelecerá fronteiras entre a sua terra e seus arredores imediatos e o território mais além, a que dão o nome de "a terra dos bárbaros ". Em outras palavras, essa prática universal de designar mentalmente um lugar familiar, que é " o nosso", e um espaço não familiar além do "nosso", que é o "deles" (SAID, 2021, p.92).

Essa concepção de "nosso" e " deles" pode explicar o incômodo nas falas dos antigos moradores, já que "As fronteiras geográficas acompanham as sociais, étnicas e culturais de maneiras previsíveis". (SAID, 2021, p. 91). Ainda que em uma escala micro histórica, podemos utilizar o conceito de Canclini sobre desterritorialização e reterritorialização. O conceito nos interessa nos dois processos que o envolve: a perda da relação da cultura com os territórios geográficos e sociais; o imperialismo econômico e as consequentes migrações multidirecionais. (CANCLINI, 2007, p.12-13).

No caso de Paquetá, o primeiro processo é perceptível no receio dos moradores quanto às mudanças sociais; e o segundo processo está relacionado a gentrificação, ou seja, o poder econômico se estabelecendo no local e provocando mudanças que nem sempre agradam aos antigos moradores e embora haja um desconforto por parte destes quanto a gentrificação, há conveniências, como a adequação ao potencial turístico do bairro, onde alguns moradores podem ter a possibilidade de renda impulsionada pelas

atividades comerciais nos fins de semana. Dessa forma, entendemos que a gentrificação é intrinsecamente alimentada pelo capitalismo:

Poderíamos mesmo, generalizando ao extremo, afirmar que o capitalismo se funda, geograficamente, sob dois grandes "paradigmas" territoriais - um mais típico da lógica estatal "tradicional" preocupada com o controle de fluxos pelo controle de áreas, quase sempre contínuas e de fronteiras claramente definidas; outro mais relacionado à lógica empresarial, também controladora de fluxos, porém prioritariamente através de sua "canalização" em dutos e nódulos de conexão (HAESBAERT, 2007, p. 29).

Haesbaert amplia a discussão sobre o conceito de desterritorialização e reterritorialização, abordado por Canclini, inserindo o conceito de multiterritorialidade:

A multiterritorialidade, como já enfatizamos anteriormente [...], aparece como uma alternativa conceitual dentro de um processo denominado por muitos como "desterritorialização". Muito mais do que perdendo ou destruindo nossos territórios, ou melhor, nossos processos de territorialização (para enfatizar a ação, a dinâmica), estamos na maior parte das vezes vivenciando a intensificação e complexificação de um processo de (re) territorialização muito mais múltiplo, "multiterritorial" (CANCLINI, 1998, p.1).

No que tange à infraestrutura da ilha, o instituto computou 2.774 imóveis, dos quais 1.552 eram domicílios particulares permanentes, ou seja, são habitados permanentemente. Outros 672 imóveis são de uso temporário, 376 estão desocupados e 173 funcionam como estabelecimento comercial ou de serviços. Com pouco mais de 1,2 km² e cerca de 40 ruas, a Ilha tinha quase 1.300 domicílios e 3.381 moradores segundo o Censo¹⁴. Essas informações foram obtidas a partir de um teste de pesquisa censitária aplicado no bairro insular em 2021.

Atualmente a localidade possui 3.612 habitantes, sendo que 1/3 de sua população é composta por pessoas com 60 anos ou mais de idade. Esse dado representa quase o dobro da proporção de idosos entre o total da população brasileira¹⁵. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) destacou que 53,6% dos habitantes da Ilha são mulheres, enquanto que 46,4% são homens; 12,8% dos moradores tem até 14 anos de

¹⁴<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31546-ibge-realiza-na-ilha-de-paqueta-primeiro-teste-para-o-censo-2022#:~:text=Distante%20uma%20hora%20de%20navega%C3%A7%C3%A3o,moradores%20segundo%20o%20Censo%202010.>

¹⁵[https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/10/16/censo-2022-teste-realizado-em-paqueta-no-rio-mostra-que-quase-13-da-populacao-local-e-idosa.ghtml.](https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/10/16/censo-2022-teste-realizado-em-paqueta-no-rio-mostra-que-quase-13-da-populacao-local-e-idosa.ghtml)

idade, 31,6% tem 60 anos ou mais de idade, 23,1% tem 65 anos ou mais de idade e 85,4% são potenciais eleitores, ou seja, possuem 16 anos ou mais de idade.

2.3 Paquetá sob a perspectiva das mudanças

O início do século XX foi um marco do desenvolvimento do turismo em Paquetá, com a ilha sendo frequentada por pessoas que buscavam na ilha vivenciar privacidade e aproveitar os banhos de mar que o balneário oferecia (LEITÃO, 2013, p.66). A ilha de Paquetá, portanto, sempre teve traço e referência turística conhecida e tradicional do Rio de Janeiro desde as visitas da Corte no século XIX e no século seguinte, quando foi citada, segundo a autora, na revista Kosmos em 1909, relacionando-a a recente prática do uso das praias como ambiente de lazer, copiando o movimento que ocorria na Europa com a descoberta dos balneários a exemplo da França, onde Cannes e Biarritz, a partir da década de 1920, passaram ser valorizados não apenas por propriedades terapêuticas de suas águas, mas do sol e das novas tendências ligadas ao corpo e a sua exposição (FARGERLANDE, 2018, p.295 apud URRY, 2001).

Paquetá foi morada de diversas famílias ilustres de então que ali residiam e desfrutavam de suas praias e clima saudável. Coaracy (1965) mostra um panorama da ilha de Paquetá, com sua história no século XIX, incluindo as famílias estrangeiras que ali tinham chácaras, e que muitas se tornaram mais tarde hotéis, como foi o caso da residência dos Sússekind (FAGERLANDE, 2018, p.289).

Nesse sentido, vale acrescentar no texto a seguir a importância de Paquetá no cenário turístico da cidade do Rio de Janeiro e a sua preservação pela administração da cidade. O trecho retirado do artigo “Paquetá: os primórdios do Rio de Janeiro como balneário (FAGERLANDE, 2018), sobre famílias que frequentavam e moravam em Paquetá no século XIX, destaque do autor para os Sussekind, trazendo a relevância da ilha por local de descanso e papel destacado na sedimentação da história da cidade do Rio de Janeiro e suas praias, a partir dos novos hábitos culturais que passaram a viger na Europa no século XVII e a transformação da nesse arrabalde insular.

O álbum estudado é um registro das temporadas na casa de veraneio dos Sússekind no final do século XIX. Essa família tinha como patriarca Karl Fedor Sússekind, que chegou ao Brasil em 1861, se instalando na Bahia, onde foi industrial, com uma fábrica de charutos, depois vendida ao com-patriota Dannemann. Veio para o Rio de Janeiro em 1879 [...]. Tratava-se de família abastada, com amplos contatos na elite carioca. [...] tornaram a casa de Paquetá

um local de encontros dessa elite do Rio de Janeiro [...] (FAGERLANDE, 2018, p.289).

Do texto acima, é possível compreender quanto Paquetá constitui patrimônio da cidade carioca e para a história desta por preservar material de relevo sobre essa mesma história. Não é objetivo dessa pesquisa traçar uma linha profunda nas histórias da ilha e seus moradores ilustres antigos ou novos, mas ressaltar a necessidade do processo de valorização e desvalorização de Paquetá balneário consagrado, colocada, como se viu, no itinerário de visita desde o século XIX, mas trazer os aspectos que levaram o bairro de Paquetá, cuja importância histórica é incontestável, tanto que por decreto Municipal “N” nº 17.555 de 18/05/1999, a ilha de Paquetá foi transformada em Área de Proteção Ambiental e Cultural (APAC), ressaltando a sua relevância incontestável.

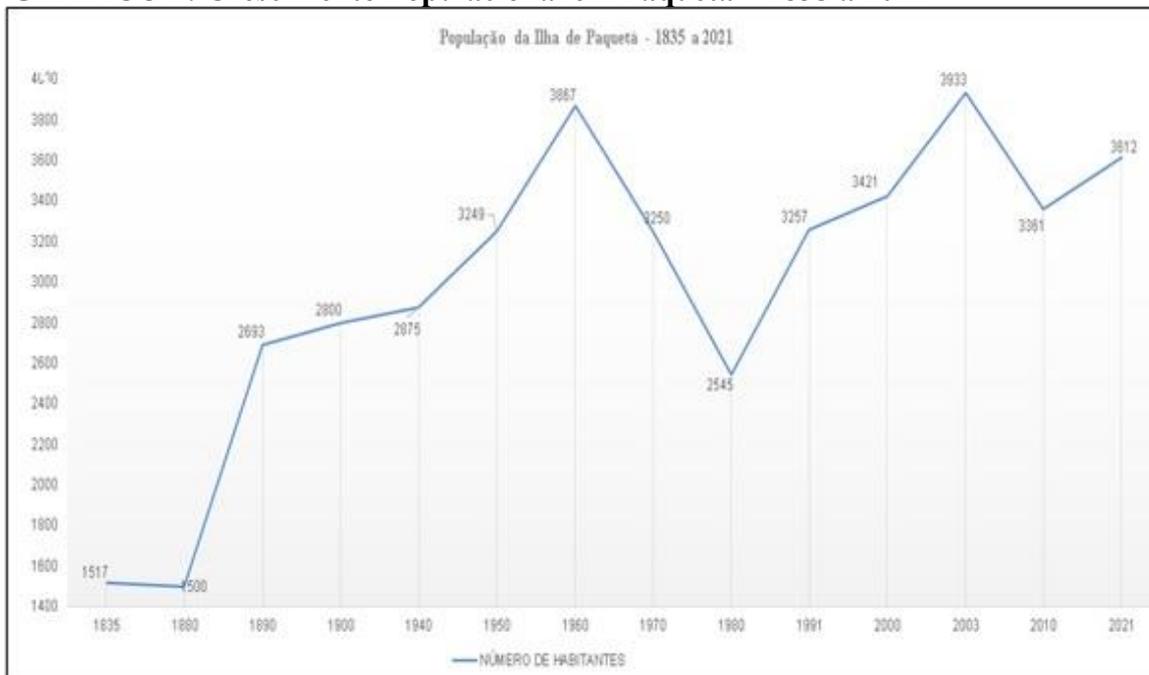
Segundo Leitão, (2013, p.68), apesar dessa iniciativa, o processo de degradação da ilha atualmente, não foi contido e, com a chegada de novos indivíduos que buscaram Paquetá por local de residência e comércio, ocupam espaços tradicionais utilizados por dos moradores da ilha, além da descaracterização do que Paquetá sempre apresentou que era a tranquilidade, segurança e o ar bucólico, foram continuamente modificados, reconfigurados, descaracterizados ou destruídos para atender a demanda desses novos moradores que por não entenderem a relação afetiva entre os habitantes mais antigos e os lugares históricos de Paquetá, modificam aspectos exteriores dos imóveis, invadem áreas de preservação ambiental, constroem casas nos morros, introduzindo na ilha problemas vistos nos demais bairros da capital de ordem estrutural na área urbana antes inexistente em Paquetá.

Leitão (2013) ressalta o tema da desvalorização de Paquetá ao assinalar que essa “invasão” acentua-se a partir da década de 1980, ao citar o texto de Yazigi (2009) quando este chama atenção para a necessidade de proteção do “acervo insular” (LEITÃO, 2013, p.68) do bairro que fora sempre destaque por sua importância histórica e paraíso da classe média carioca, deixa de sê-lo em virtude da busca desta por outros bairros recém “descobertos”, sobretudo na zona oeste carioca; “Não se pode mais repetir a infeliz ocupação verificada em Paquetá (RJ), de idílio evaporando das páginas para álbuns fotográficos e velhos discos: hoje mero subúrbio do Rio de Janeiro” (YAZIGI, 2009 apud LEITÃO, 2013, p.68).

Como a administração pública irá buscar os meios e modos para atender a população insular e enfrentar os desafios advindos do crescimento populacional como

atestado no último censo realizado pelo IBGE de 2021 que aponta o crescimento de habitantes da ilha de Paquetá de 2010 que era de 3.361 moradores para 3.612 em 2021 como apresentado no gráfico 2:

GRÁFICO 2: Crescimento Populacional em Paquetá – 1835 a 2021



Fonte: IBGE (LEITÃO, 2012; Censo 2021)

Dando embasamento ao gráfico acima, vale citar informações adicionais trazidas pelo censo demográfico sobre a população de Paquetá de forma discriminada para que se possa compreender a necessidade de a administração pública ter um olhar menos superficial sobre a busca por moradia em Paquetá, a partir do perfil dessa população atual onde os

Resultados iniciais do teste preparatório para o Censo Demográfico em 2021, realizado na Ilha de Paquetá (RJ), revelam que esse bairro carioca tem população de 3.612 habitantes, sendo 1.935 mulheres (53,6%) e 1.677 homens (46,4%). Cerca de 12,8% da população local eram crianças com até 14 anos de idade e 31,6% eram idosos com 60 anos ou mais de idade.¹⁶

Do trecho acima, é possível traçar o perfil dos moradores da Paquetá de hoje, onde tem-se uma população em sua maioria de idosos, que exige da administração pública, acréscimo de recursos para atendê-la, e aos turistas sazonais. Essa questão traz a lume a necessidade de um plano de ocupação territorial e urbano ordenador dos espaços da ilha

¹⁶ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-10/paqueta>.

e uma infraestrutura mais sólida para atender a população como um todo. O desafio do enfrentamento da poluição ambiental presente na baía, além da expansão urbana que avança sobre Paquetá com a valorização do bairro por sua localização geográfica, permite, de certa maneira, que a especulação imobiliária se aproveite e incentive a ocupação desordenada do espaço urbano que Paquetá apresenta.

O espaço da ilha nem sempre foi percebido como espaço de descanso para moradores da cidade a qual pertence. Paquetá acaba atraindo todo tipo de visitantes e despertando conjecturas que os fazem pensar uma Paquetá que está distante da realidade que se apresenta na vivência cotidiana da ilha em relação à vida no continente. Moradores antigos e novos descortinam a problemática advinda das demandas que surgem a cada avanço e ocupação dos espaços do bairro, causando problemas de ordem estrutural e urbana com o incremento do turismo plenamente incentivado desde a implementação do polo turístico em Paquetá.

A população que ali reside percebe o aumento dos problemas ambientais entre outros que estão relacionados a parceria homem e natureza em Paquetá. É pensar numa parte da cidade do Rio de Janeiro que adquiriu ares de “ilha da fantasia” quando a vida e as adversidades também ali estão materializadas e que precisam ser observadas e trazidas a craveira comum por problemas inerentes à urbanização, exploração e ocupação dos espaços ali demarcados historicamente e conhecidos por Ponte e Campo, e que foram com o passar do tempo sofrendo divisões e ressignificações com a chegada de novos indivíduos que fixaram residência na ilha e daqueles que ali tem suas raízes fincadas há décadas.

Paquetá foi mantida a salvo das anomalias da cidade em virtude de seu acesso estar restrito às barcas que a ligam ao continente e isso conferiu ao bairro ares estar estática no tempo e inalterada em seu espaço geográfico, merecendo a alcunha de bucólica e idílica como foi tratado no capítulo anterior. Contudo, a realidade da ilha mostra-se diversa e a veremos a partir da análise dos indivíduos entrevistados e sua percepção sobre o que é Paquetá e o que esperam no futuro da ilha com o incremento do turismo, a vinda de novos agentes modificadores da configuração histórica da ilha e como essas mudanças impactam na ressignificação de espaços e novos territórios daí surgidos.

Aos moradores antigos que residem há mais de 30 anos, juntam-se àqueles que vieram do Nordeste nas décadas de 1970 e 1980, além de outros da capital e municípios adjacentes, que buscaram ao longo de décadas em Paquetá, um refúgio em menor

proporção do que as observadas na atualidade. Foi percebida durante a coleta de dados para essa pesquisa um aumento de moradores nos morros existentes em Paquetá. O fluxo desses elementos “de fora” não é bem visto por moradores da classe média que buscam restringir o espaço de ocupação desses novos indivíduos ocupando e ressignificando locais como forma de territorialização da ilha em aspecto econômico e social.

Os moradores mais antigos da ilha não concordam com o cerceamento dos espaços. Não compactuam com o horário atual da barca. E não fazem distinção de turistas. Quem não quer os ditos farofeiros, são moradores de algumas famílias antes abastadas e que hoje, embora tenham perdido o status social de seus antepassados, julgam-se os donos de Paquetá, olhando com repulsa a ocupação da ilha e de seus territórios de forma indiscriminada. Essas percepções poderão ser observadas na aquisição dos dados colhidos entre os paquetaenses entrevistados.

2.4 Os “de fora” e os territórios em disputa

Apesar da alcunha de Ilha dos Amores, as relações de convivência entre os diversos grupos locais nem sempre foram harmoniosas. Historicamente, havia uma subdivisão na Ilha, acentuada pelas disputas carnavalescas e esportivas: o Campo e a Ponte. O primeiro tem o nome herdado do “campo” da Fazenda São Roque, o lado norte da ilha, voltado para o fundo da Baía de Guanabara e Serra dos Órgãos. O vocábulo Ponte se origina do ponto ou “ponte” de atracação das embarcações localizado no lado sul da ilha, voltado para o Rio de Janeiro e para a entrada da Baía.

No contexto das rivalidades, existia um duelo marcante no futebol amador que agitava a população ilhéu e que rendia acalorados debates antes e após os embates: o Barreirinha do Beco da Coruja, com sede nas imediações da Praia Grossa e o Municipal Futebol Clube, cuja sede e “praça esportiva” se situa no Campo de São Roque¹⁷.

Ao longo do tempo, outros embates surgiram, porém sobre questões menos nostálgicas que blocos carnavalescos ou times de futebol. A disputa passa a ser sobre espaço, em uma dicotomia de significados que abarca o sentido político, no que tange às desigualdades; e o social, sobre o espaço simbólico. Dentro dessa perspectiva política, é necessário compreender a procedência conceitual:

¹⁷<https://ilhadepaqueta.wordpress.com/2011/09/16/futebol-em-paqueta/>

É preciso mencionar que a evolução do conceito de espaço se dá primeiramente dentro do pensamento marxista, onde a visão social do espaço como parte da impressão que a produção econômica deixa em si mesma, é parte fundamental de seu desenvolvimento e compreensão. A visão estruturalista resolve uma parte desta crítica e o espaço é entendido então como parte integrante da definição das desigualdades sociais que se dão sobre a superfície terrestre (VELÁZQUEZ e LEVI, 2015, p.31-32).

Pierre Bourdieu nos traz uma concepção de espaço social, que embora faça referência ao físico, estabelece uma consistente diferença entre esses:

É possível [...] comparar o espaço social a um espaço geográfico no interior do qual se recortam regiões. Mas esse espaço é construído de tal maneira que, quanto mais próximos estiverem os grupos ou instituições ali situadas, mais propriedades eles terão em comum; [...] as distâncias espaciais -no papel- coincidem com as distâncias sociais. Isso não acontece no espaço real (BOURDIEU, 1996, p.153).

Dessa forma, entendemos que o primeiro conceito se firma no campo das ideias, ou seja, da percepção das desigualdades sociais. Já o segundo, projeta-se na esfera da ação, enquanto grupos ou instituições com fazeres comuns, retomando a prática comunitária dos bailes de Carnaval e dos times de futebol. Existe uma pressão permanente da classe média, pela redução do acesso às barcas. Os habitantes são contrários às aglomerações, sobretudo provocadas pela classe subalterna, vulgarmente chamados de “farofeiros”. Por sua vez, os comerciantes defendem a incursão de pessoas de fora exclusivamente para fomentar o turismo e a economia. Como não é permitido acampar na ilha, o preço médio das pousadas é muito elevado, fato que inibe a vinda de alguns visitantes. Segundo Canclini:

Os cruzamentos intensos e a instabilidade das tradições, bases da abertura valorativa, podem ser também [...] fonte de preconceitos e confrontos. Por isso, a análise das vantagens ou inconvenientes da desterritorialização não deve ser reduzida aos movimentos de ideias ou códigos culturais. [...] Seu sentido se constrói também em conexão com as práticas sociais e econômicas, na disputa pelo poder local[...] (CANCLINI, 2007, p.19).

Tais disputas se estendem ainda aos que estão à margem das normas sociais. Mesmo de forma tímida, o narcotráfico e a milícia se fazem presentes nas áreas ocupadas pelos moradores mais antigos do bairro. Em matéria produzida pelo jornal O Dia em julho de 2021, mostrou como criminosos estavam atuando na extorsão de moradores e comerciantes da Ilha de Paquetá. Segundo a matéria veiculada pelo jornal, a 5ª Delegacia Policial, no Centro do Rio descobriu que os narcomilicianos, ligados à facção Comando

Vermelho, passaram a agir em Paquetá no ano passado (2020). Esse grupo explora a venda ilegal de gás, fornecimento de água potável e serviços de internet¹⁸. Além da monopolização das atividades comerciais na localidade, foi possível identificar ainda a comercialização de drogas em alguns pontos da Ilha. Segundo o mesmo delegado, os traficantes transportavam drogas para venda através de botes que saíam da Comunidade do Salgueiro (São Gonçalo), e das barcas da Praça XV¹⁹.

Como será abordado no capítulo seguinte com maior detalhamento sobre esse tema e outros que envolvem a delimitação de linhas territoriais invisíveis, e que passaram a fazer parte do cotidiano de Paquetá fato esse percebido a partir da chegada de novos indivíduos que optam por viver na ilha, levando consigo os problemas da capital e cidades adjacentes à ilha.

¹⁸<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2021/07/6187868-narcomilicianos-migram-para-paqueta-e-ameacam-a-tranquilidade-da-ilha.html>

¹⁹<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2021/07/6193040-trafficantes-de-sao-goncalo-criam-linha-clandestina-de-barco-para-levar-drogas-a-paqueta.html>

CAPÍTULO 3 PAQUETÁ E OS TERRITÓRIOS INVISÍVEIS

A religião, ou antes, a religiosidade sempre esteve presente na cultura do Brasil desde os primórdios da colonização. Os colonizadores/invasores portugueses a trouxeram da Europa, com os seus símbolos e dogmas, impondo-a aos indígenas através do processo de aculturação utilizando para esse fim, a catequese, função essa precípua dos jesuítas fazendo uso da chamada a conversão; eufemismo para a estratégia colonial de sobreposição da cultura europeia sobre a indígena, que anula e controla o indivíduo catequizado e, ato contínuo, tendo a sua cultura colocada em plano secundário até que seja sobrepujada, pela ação dos jesuítas, aliada aos interesses da Coroa Portuguesa que era a tomada do território “descoberto” e exploração deste para fins comerciais, sempre esteve presente nos processos de exploração e no surgimento dos primeiros núcleos colonizatórios e futuras cidades brasileiras, e essas ligadas às relações de poder e a consequente formação de um território dominado por uma religião, cuja representação encontramos nas primeiras denominações das “terras descobertas”; Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e finalmente Brasil. Esse preâmbulo se faz necessário para a compreensão da importância da religiosidade na formação cultural brasileira e da fundação da cidade do Rio de Janeiro daquela que Paquetá faz parte. Portanto, a Ilha de Paquetá, objeto dessa pesquisa, será contemplada neste capítulo a partir da formação desse núcleo religioso.

Já foi abordada no capítulo que se reporta a história da ilha de Paquetá que a ilha foi dividida em duas sesmarias e que essas foram doadas por Estácio de Sá respectivamente em 1565, a parte norte para Inácio de Bulhões, e em 1566, a parte sul para Fernão Valdez. A ilha de Paquetá no final do século XVII fazia parte da freguesia de Magé, tendo sido erigida a Capela de São Roque no lado oeste da ilha, hoje conhecida por Campo é a capela do padroeiro do bairro, construída em terras da Fazenda São Roque e inaugurada em 1698. Por conta da rivalidade histórica das antigas sesmarias outra igreja católica foi erguida no lado leste, na região da Ponte, a chamada Igreja Matriz Senhor Bom Jesus do Monte, cuja construção original data de 1763. A singela “guerra santa” entre os paroquianos de então teve motivação mais política que devocional em virtude do não desmembramento de Paquetá da jurisdição da antiga

freguesia de Magé, O imbróglío foi resolvido apenas em 1810, por decisão do então regente D. João quando a ilha de Paquetá passa a pertencer a Corte.

Atualmente são quatro as igrejas de orientação católica na ilha de Paquetá. Além das acima mencionadas, temos a Capela de São Pedro a leste e a Igreja Nossa Senhora das Mercês (Preventório) no oeste da ilha. Duas igrejas Protestantes: a Igreja Batista, fundada em 1979 e a Adventista do Sétimo Dia, fundada em 2016. Uma Casa Espírita Ilha de Paquetá (CEIP)⁸ fundada em 2012. Quatro templos religiosos encontrados em Paquetá pertencem à orientação dita pentecostal e neopentecostal. A primeira fundada em 2011, a Assembleia de Deus, Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, sem data de fundação em Paquetá e as duas restantes são a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Universal – Jesus Cristo é o Senhor. As duas igrejas que pertencem ao Bispo Edir Macedo não têm data de chegada na ilha.

Desse quadro de religiões acima exposto, percebe-se que a Religião Católica por muito tempo teve a hegemonia na ilha tendo, provavelmente aqueles que professavam outros credos precisarem sair do seu âmbito para professarem a sua fé. Mesmo nessas condições, não se tinha notícia de conflitos por espaço religioso e nem resistência a eles dentro da ilha de Paquetá. A igreja Batista chega à Paquetá no final da década de 1970 e as demais, incluindo a casa espírita (de orientação Kardecista), apenas na segunda década do século XXI. Portanto, o evento recente ocorrido na ilha em 2020 com a vandalização do baobá João Gordo pode, de certa forma, ter cunho de origem religioso, uma vez que essa árvore é consagrada nos ritos das religiões de matriz africana, muito embora não haja em Paquetá templos voltados a essa orientação religiosa. Apresenta-se com esse tipo de acontecimento a chamada intolerância religiosa e, porque não dizer, preconceito sociocultural direcionado àqueles que professam as religiões de origem africana. A face da luta por territórios dentro do espaço da ilha é real. Sendo um apêndice da cidade do Rio de Janeiro antes mesmo da fundação da cidade, é possível observarmos a presença de núcleos representativos da religião hegemônica portuguesa, o catolicismo por toda parte da cidade do Rio de Janeiro e nas demais cidades no entorno da capital e de maneira

⁸Casa Espírita Ilha de Paquetá (www.ceip.net.br/).

geral, no país. Em Paquetá como já mencionado, não foi diferente com a presença de igrejas católicas. Na igreja Matriz de Bom Jesus do Monte temos um centro “simbólico” na cidade. Próximo à matriz tem-se as demais igrejas não católicas, concentradas majoritariamente a leste da ilha. Dentro desse território religioso estão inseridas a casa espírita e o Johrei Center Paquetá.

A organização do espaço na ilha de Paquetá conferido às igrejas tanto católicas quanto as protestantes, pentecostal e neopentecostal demonstra que essas últimas dividiram o espaço antes hegemonicamente católico, e esse em territórios. Para tanto, analisar a organização territorial do sagrado e os conflitos em torno do mesmo é preciso para entendermos o avanço das religiões, sobretudo as neopentecostais. Portanto, analisar o território religioso em Paquetá com o objetivo de trazer a lume a influência das religiosidades de forma ostensiva na construção dos chamados territórios invisíveis e com fronteiras ideológicas, sociais e políticas gerando conflitos por poder e expansão do território almejado. Esta pesquisa parte da perspectiva de que o tema por interdisciplinar perpassa pela história, geografia, pela sociologia e antropologia, além das religiões já citadas anteriormente por estar a questão dos credos professados na base dos conflitos recentes na ilha.

3.1 Paquetá - Da paz interiorana aos contrastes e contradições

É certo que o sistema religioso é formado por um conjunto de símbolos sagrados ordenados entre si, numa ordem conhecida pelos seus adeptos (GEERTZ, 1989, p.143).

O trecho acima possibilita a análise da questão do território a partir do prisma da disputa religiosa, suas interações com os ditos seguidores, levando-se em conta o que é considerado sagrado e significativo para um dado grupo e aquilo não é sagrado para outros grupos de orientação religiosa diversa, daí resultando que práticas e representações consagradas e respeitadas por um dado grupo serem desprezadas e antagonizadas por outro por desconhecimento dos objetos e apetrechos consagrados as práticas ritualísticas religiosas daquele que difere cultural e socialmente do grupo majoritário. Partindo deste ponto, é possível compreender o fato ocorrido e motivado, supostamente por razões religiosas, o vandalismo sofrido pelo baobá “João Gordo” em

agosto de 2020 e amplamente divulgado pela imprensa porque esse tipo de ocorrência não condiz com o conceito de tranquilidade, segurança e paz que sempre foram sinônimos de Paquetá. Este fato descortinou aos moradores da Ilha de Paquetá a materialização de territorialidades de caráter e motivação religiosa, até então pouco perceptíveis no bairro insular. O fato com o baobá pode ter trazido à tona uma disputa cultural e religiosa que foi descortinada num espaço antes democrático, que começa a ser demarcado e territorializado, levando a tensões socioculturais inexistentes até então, que se materializaram a partir do vandalismo sofrido pela árvore baobá. O que está em discussão é o aparecimento de territórios religiosos antes comuns o que poderá no futuro, trazer consequências sérias para as relações harmoniosas que sempre vigou entre os grupos sociais de ilhéus e turistas. Compreender o que seja território e a delimitação desse é importante para que seja observado como esses chamados territórios surgem e como se estabelecem. Aqui, tem-se uma breve incursão no conceito de território para auxiliar nessa compreensão do que está em disputa no espaço insular de Paquetá.

Segundo Haesbaert (2007, p.20-21), um território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele se refere tanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação. O termo território designa uma zona de ocupação terrestre definida, que no entendimento de Bomfim (2009, p.13) representa um conjunto cuja extensão varia do espaço zero ao espaço máximo constituinte do globo terrestre. Seguindo esse pensamento, o território serve, então, para classificar e designar espaços terrestres privados, referindo-se à partilha (natural) da terra. O território implica uma extensão e um limite baseados numa apropriação forçada ou não (imaginada e vivida), caracterizada tanto pelo espaço ocupado como por aquele que o ocupa (Bomfim, 2009). Segundo o autor, a concepção da palavra território, "que abandona a dimensão mais instrumental de território rede, medido, margeado, fronteira, em favor de uma dimensão mais racional centrada em lugares de pertencimento, em vida cotidiana". Esses debates em torno do território e da cidadania fazem parte das preocupações mundiais e isto em diversos níveis ou modalidades: educacionais, políticos, sociais e econômicos.

Dessa forma, o território evolui como um sistema complexo devido ao tipo de ocupação. O território seria, antes de tudo, um produto cultural e patrimonial, e suas fronteiras seriam sempre remarcadas, de acordo com o deslocamento de forças inerentes aos indivíduos e aos grupos. Os sistemas políticos e econômicos, utilizados para fins de

controle (e administrativos), fixam pontual e artificialmente os limites do território, mas como o ocupante se desenvolve, tentando naturalmente organizar seu espaço vital, os limites se deslocam invariavelmente. A partir desse entendimento e trazendo a visão dos autores para o campo da disputa por territórios para a prática religiosa na ilha de Paquetá, o que se apresenta é a apropriação de espaços antes desocupados por não existir nenhum tipo de concorrência; a luta silenciosa pela expansão territorial que passou a ocorrer de maneira a princípio sem grande alarde, para uma ocupação e tomada de posição que nesse caso, materializa-se na prática da religião professada, sobretudo no quesito, arrebanhar aqueles indivíduos que procuram uma fé materializada a partir da prosperidade material.

A não constrição da fé católica por sempre ter o seu rebanho fiel há séculos talvez tenha facilitado, por pouca resistência entre esses mesmos fieis de ideologia trazida por esses novos grupos que chegaram e se apoderaram sem resistência dos espaços que para eles se afiguraram vazios. Foi nesse vácuo da “fé” católica e das igrejas protestantes existentes em Paquetá que os neopentecostais encontraram o ambiente propício para a sua expansão e imposição de suas ideologias religiosa, social, cultural e política. A esse propósito, temos o já citado evento do baobá, árvore trazida para a ilha pelos africanos, provavelmente, quando da passagem desses pelas ilhas para triagem antes de serem levados para a venda na Corte. A distribuição da população na Ilha de Paquetá no século XIX tinha a seguinte disposição: pessoas livres: 563; escrava: 614 e forros: 127 num total de 1.177 habitantes na ilha em 1821²⁰. Em consonância com essas informações, é provável que o baobá tenha sim relação com a cultura africana e por isso, faz parte da história de Paquetá sendo um dos símbolos da ilha.

O baobá (*Adansonia digitata*) nativo de Madagascar e das savanas da África, representa o sagrado das religiões de matriz africana, sendo um dos símbolos fundamentais dentro das culturas tradicionais. A intolerância religiosa em relação às religiões que representam a cultura dos ancestrais africanos está na base de atos de vandalismo ocorrido em Paquetá, podendo estar associado ao crescente número de adeptos das religiões neopentecostais que menosprezam outras crenças religiosas,

²⁰Ministério dos Negócios do Império, Relatório do Ministro dos Negócios do Império Sessão Ordinária, Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1839. (Levantamento de M.B. Levy). Apud. Maria Eulália Lahmeyer Lobo, História do Rio de Janeiro: do capital ao acapital industrial e financeiro: IBMEC. 1978. p. 135.

promovendo e legitimando ações não vista até então em Paquetá. Ocorrências desse tipo podem contribuir para alterar a feição histórica e geográfica societária que a Ilha de Paquetá possui há décadas. As fronteiras religiosas sempre existiram e conviveram no espaço da Ilha de forma pacífica. Entretanto, o surgimento e a constatação dos até então “territórios invisíveis” e agora perceptíveis, desnuda uma nova divisão sociocultural a partir da orientação religiosa, sugerindo que essa nova divisão e ordem de disputa territorial estão em curso no espaço insular com a entrada desses novos sujeitos pela vertente religiosa, gerando conflitos sociais e disputas por territórios promovidos agora pela orientação religiosa que se proclama majoritária e detentora da “verdade”. O corte do baobá materializa a disputa territorial na Ilha, ligada à ideologia religiosa especialmente daquelas de orientação neopentecostal.

A ocupação crescente da Ilha de Paquetá por núcleos que professam crenças neopentecostais, sobrepondo-se aos demais credos ali existentes, católicos e espíritas, traz em si questões não apenas religiosas, mas sociais e políticas, refletindo o cenário que se desenhou na cidade do Rio de Janeiro, onde a ascensão de representantes desses grupos religiosos tornou-se majoritária no governo tanto da cidade quanto do Estado. Nesse sentido, não seria surpresa que esses indivíduos “invadissem” a Ilha de Paquetá por perceber nesta um campo fértil e aparentemente “sem dono” no que diz respeito à religião na visão desses indivíduos, daí advindo essa invasão. No entender desses líderes religiosos Paquetá carecesse de uma nova ordem ideológica mesclada com a política e a religião²¹. O espaço de Paquetá mostrou-se o local perfeito para a implantação desses núcleos religiosos e radicais por ser, de ordinário, tolerante com todas as correntes que historicamente buscassem a Ilha.

Por décadas, os moradores tradicionais ou ilhéus de residência fixa em Paquetá desfrutaram de um espaço sem concorrência, onde o status de bairro interiorano predominava no intervalo entre as segundas e sextas-feiras. Era um tempo em que os habitantes vivenciavam a tranquilidade característica da ilha devido ao pequeno fluxo de visitantes. Entretanto, a face interiorana se viu modificada quando moradores do continente passaram a afluir à ilha nos finais de semana e feriados em busca de “paz interiorana” do bairro, fato que provocou o aumento exponencial da população local,

²¹ <http://ilhadepaqueta.com.br/>

alterando a configuração daquele espaço com o estabelecimento de novos territórios, promovendo o cerceamento dos moradores aos locais a eles pertencentes levando-os a deslocarem-se para outros espaços não frequentados por essa nova população flutuante. A expulsão dos moradores tradicionais para outras áreas do bairro de Paquetá caracterizou a materialização dos territórios que, embora invisíveis, são percebidos e identificados por *ilhéus* e *não ilhéus*.

Se a migração sazonal influencia na percepção do espaço e na delimitação de territorialidades, os grupos de indivíduos que passaram a habitar a ilha modificaram a configuração histórica ali existente ao reproduzirem conflitos sociais e religiosos que costumavam chegar à Paquetá a feição de sons distantes da capital. Assim, o ataque ao baobá “João Gordo” passa a figurar por limite entre ideologias religiosas, políticas e sociais que antes coabitavam pacificamente em Paquetá de forma harmoniosa e sem aparentes dissensões.

3.2 A religião neopentecostal e a disputa dos territórios invisíveis

A chegada do neopentecostalismo (ou terceira onda do pentecostalismo) surge no Brasil a partir da segunda metade da década de 1970. Entre as principais igrejas fundadas, destacam-se a Universal do Reino de Deus (1977, no Rio de Janeiro), a Internacional da Graça de Deus (1980, no Rio de Janeiro), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, em Goiás) e a Renascer em Cristo (1986, em São Paulo) (Mariano, 2000). Criadas por pastores brasileiros, essas instituições cresceram, adquiriram visibilidade e se fortaleceram no decorrer dos anos seguintes. As igrejas identificadas nessa fase são conhecidas por enfatizar a batalha espiritual contra o “demônio” e contra outras denominações religiosas, sobretudo as afro-brasileiras e o espiritismo (Doutrina codificada por Allan Kardec na França no século XIX), por pregar a teologia da prosperidade, disseminadora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais (Mariano, 2004; Silva, 2007).

Mariano (2004) enfatiza que o neopentecostalismo é a vertente pentecostal que mais avançou, ocupando maior espaço na televisão brasileira, seja como proprietária de emissoras de TV, seja como produtora e difusora de programas evangélicos. Do ponto

de vista comportamental, é a mais liberal. Haja vista que suprimiu características do pentecostalismo e rompeu com boa parte do ascetismo²² pelos quais os crentes eram reconhecidos e estigmatizados. Ao contrário das igrejas pentecostais tradicionais, essas denominações permitiam que seus fiéis vestissem roupas da moda, usassem cosméticos e demais produtos de embelezamento. Um frequentador ou membro podia ir às praias, cinemas, teatros, estádios, praticar e acompanhar esportes variados, assistir televisão, além de tocar e ouvir diferentes ritmos musicais. Aos poucos, essas práticas também foram sendo absorvidas pelas igrejas pentecostais e suas precedentes, com exceção da igreja Deus é Amor, que manteve sua rigidez ascética. Em todas as vertentes permanece, porém, a interdição ao consumo de álcool, tabaco e drogas, ao sexo extraconjugal e a homossexualidade (Mariano, 2000).

A propagação da visão demoníaca frente às religiões afro-brasileiras já estava em vigor nas fases anteriores do movimento pentecostal como elemento da teologia da cura divina. A cura e a libertação, sendo uma das partes constitutivas do ritual da bênção aos enfermos, serviam para mostrar o triunfo de Deus sobre o espírito maligno, costumeiramente identificado com a umbanda e o candomblé (Silva, 2007). Nesse período, contudo, não havia o proselitismo atuante, isto é, membros de instituições pentecostais que saíam às ruas para impedir rituais, converter adeptos de religiões afro-brasileiras e mesmo tentar fechar terreiros, como tem ocorrido de modo crescente. Segundo Silva (2007), eram os chamados “Exércitos de Cristo”. Somente com a terceira onda do pentecostalismo, tais ações surgiram e vieram a se consolidar.

Existe uma coincidência entre a urbanização brasileira em meados do século XX, com o incentivo à migração quando grande contingente, sobretudo, de nordestinos que vieram para os grandes centros urbanos num momento em que as cidades se expandiam e a construção civil necessitava de força de trabalho que suprisse os serviços que não exigiam mão de obra qualificada. Esse deslocamento de população migrante ou não, promove e incentiva o êxodo rural. Uma das prováveis causas do aumento dessas religiões ditas pentecostais tem raízes nessa movimentação e assentamento desses núcleos nas periferias onde a situação de abandono do estado para suprir as necessidades dessa população marginalizada, levando muitos deles a abandonar a religião tradicional

²² Diz-se de um comportamento ou moral religiosa baseada na autodisciplina e no desprezo ao prazer, instintos e paixões para se alcançar a paz espiritual e plenitude. (Fonte: <https://michaelis.uol.com.br>).

católica, por essa estar longe de suas carências e agruras, enquanto a pentecostal os acolhe com a promessa de prosperidade rápida. O inchamento das periferias e a massificação dos meios de comunicação são fatores que estão na origem do espalhamento das religiões e seitas evangélicas no país. Aqueles católicos das periferias urbanas e zonas rurais que não se sentiam mais acolhidos nas comunidades paroquiais e pastorais populares trataram de migrar para os espaços evangélicos. E o fizeram por duas razões básicas: a ânsia de encontrar possíveis e imediatas soluções para seus transtornos crônicos (enfermidades, desemprego, carência de identidade na Igreja Católica, etc.) e o mal-estar quando chamados a frequentar os templos católicos, predominantemente ocupados pela classe média²³.

Em contrapartida, o desenvolvimento das religiões de origem africana no Brasil sempre foi marcado pela necessidade de se criarem estratégias de sobrevivência e diante das condições adversas. Essas religiões foram perseguidas pela igreja católica ao longo de quatro séculos e pelo Estado republicano, sobretudo na primeira metade do século XX, quando este se valeu de órgãos de repressão policial e de serviços de controle social e higiene mental; e pelas elites sociais, em um misto de desprezo pelo exotismo que sempre esteve associado às manifestações culturais dos africanos e seus descendentes no Brasil por condição de escravos estando sempre na base da pirâmide social brasileira.

Até meados da década de 1960 não se tinha notícias da formação de agentes antagônicos empenhados na tentativa de desqualificação das religiões de matriz africanas. As práticas religiosas de origem africana conquistaram certa legitimidade nos núcleos urbanos, fruto dos movimentos de renovação cultural e de conscientização política, da aliança com membros da classe média, acadêmicos e artistas, entre outros fatores (Silva, 2007). Dessa forma, a união de religiosos afro-brasileiros, movimentos em defesa dos negros, ONGs, universidades, políticos, advogados, promotores, entre outros, parece apostar mais uma vez na capacidade de resistência e reação contra um assédio crescente e proporcionalmente mais eficaz de denominações neopentecostais (Silva, 2007).

Dessa forma, o estudo da formação e trajetória dos grupos religiosos permite entender as motivações que levaram ao ocorrido na Ilha de Paquetá com o baobá, pelo fato de que a concepção de um ambiente bucólico e distante da dinâmica social do

²³ <https://diplomatie.org.br/por-que-fizemos-opcao-pelos-pobres-e-eles-pelo-neopentecostalismo/>

continente é conflitante com realidade de intolerância no cenário do bairro carioca que abriga uma diversidade de sujeitos sociais e de grupos de diferentes segmentos políticos, culturais e sociais, que até então vivem de forma cordata. Para entender a dinâmica da modificação desse espaço que, dividido de forma harmoniosa, caminha para um espaço de beligerância por orientação religiosa divergente, deve-se considerar que elementos em interação como a paisagem, o espaço, o território e o lugar são a resultante da forma pela qual os indivíduos se relacionam com eles, não sendo, portanto, possível compreender essa relação sem que se leve em consideração seus processos históricos, que levam ao sentido de pertencimento daqueles que o ocupam.

Ao pensar em como o aspecto religioso tornou-se móvel dessa questão, e, de que forma a religião pode ser examinada como um dispositivo de biopoder, preciso se torna analisarmos como são construídas, disseminadas e estruturadas as subjetividades que regem as vertentes evangélicas na atualidade. A partir dessa visão, é possível verificar como o discurso normativo legitima e garante tais ações. A destruição ou a decretação da morte de um ser, imposta e decidida por um grupo de indivíduos, sem aparente razão pode abrigar, por detrás desta ação, elementos que evocam a demarcação territorial, prática usual entre animais de várias espécies, evocando um comportamento de bando, onde o grupo age em consonância com a orientação não apenas de um líder, mas de um pensamento único que orquestra ações destrutivas, tal como ocorreu no citado ataque e corte do baobá João Gordo²⁴.

Segundo Haesbaert (2004), o território, desde sua gênese, nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terratoritorium* quanto de *térreo*, *territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo - especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no "*territorium*" são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por outro lado, pode-se dizer que, para um grupo que tem o privilégio de usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva "apropriação" deste:

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido

²⁴ Plantado em 2013 pelo coletivo Plantar Paquetá. (<http://gda.com/>).

mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação (HAESBAERT, 2004, p. 20-21).

Ao discorrer sobre o conceito de território, Haesbaert ressalta a visão do filósofo francês Henry Lefebvre, que distingue dominação e apropriação de um território. Com base nessa assertiva, pode-se então afirmar que o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, "desdobra-se ao longo de um *continuum* que parte da dominação político-econômica 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica'" (Haesbaert, 2004). Para Lefebvre, dominação e apropriação deveriam caminhar lado a lado, ou melhor, esta última deveria prevalecer sobre a primeira, mas a dinâmica de acumulação capitalista fez com que a primeira sobrepujasse quase por completo a segunda, ao sufocar as possibilidades de uma efetiva "reapropriação" dos espaços, dominados pelo aparato estatal-empresarial e/ou totalmente transformados, pelo valor em mercadoria (Haesbaert, 2004).

Como já mencionado anteriormente, é notório no Brasil, sobretudo em recentes décadas, o surgimento o aumento e de religiões ditas neopentecostais no país. Paquetá por possuir historicamente base católica por ter sido essa a religião majoritária dos colonizadores portugueses, vê, atualmente, o seu espaço invadido por esse avanço indiscriminado de correntes neopentecostais pouco conciliadoras como as igrejas protestantes tradicionais; exemplo, a Igreja Batista. Atualmente em Paquetá, existe apenas uma casa de orientação "kardecista" e não existem templos de religiões de matriz africana. A falta de um templo umbandista ou de candomblé em Paquetá deixa evidente que a questão cultural se liga ao processo de escravidão no Brasil daí o preconceito às referências culturais negras e a simbologia do baobá, para as religiões africanas e afro-brasileiras reafirma, a partir da vandalização que esse preconceito sociocultural e religioso é verdadeiro e não podem ser ignorados no âmbito da sociedade. A perseguição como forma de inibir a realização dos atos e rituais das religiões de matriz africana e a diminuição daqueles que professam essas religiões é uma forma de descaracterizar e forçar o esquecimento dessas práticas culturais que estão ligadas ao cotidiano brasileiro, quer seja na comida, na fala e demais influencias que a cultura africana trouxe para o Brasil dentro da empresa escravocrata.

3.3 Necropolítica - Intimidação por meio da força e do poder

Dispositivos que promovem o separatismo como biopoder e necropolítica, que atacam e silenciam populações, também são observados cada vez mais no cotidiano do povo ilhéu. Nota-se que os ritos e hábitos que advém das tradicionais culturas negras e indígenas são veementemente rechaçados por muitos membros de instituições evangélicas de orientação neopentecostal. No caso da Ilha, adeptos da umbanda e do candomblé que cultuam seus orixás e que não tem um templo fixo, deixam de professar suas religiões e sentem medo de perseguições e vergonha de revelarem suas crenças. Assim, como no continente, observa-se que o convívio entre grupos religiosos não tem sido harmonioso em terras paquetaense. Houve um apagamento da população negra na ilha, segundo Vivaldo Coaracy (1965). A árvore foi cortada para acabar com os rituais tradicionais, o que demonstra com clareza que a intolerância racial e religiosa está mais do que nunca presentes.

Segundo Mbembe (2006) “ao tratar da soberania expressa predominantemente como o direito de matar”; podemos aplicar esse pensamento à questão em análise por tratar-se, talvez, de luta por soberania ideológica e territorial, materializada na ação de exterminar a vida, no caso em questão, uma árvore, cujo simbolismo vai de encontro às orientações ideológicas dos praticantes da religião que tem no baobá uma representação simbólica. Ainda fazendo referência ao mesmo autor temos, em outra medida, que, “o estado de exceção e a relação de inimizade tornaram-se a base normativa do direito de matar” (Mbembe, 2016, p.128). O que é percebido, a partir do corte do baobá é a atitude de legitimar a expansão do território de um grupo religioso que carrega em si um pensamento sectário e intolerante e que visa à demarcação e futura hegemonia ideológica num espaço que sempre se configurou pacífico, livre e sem fronteiras para as práticas religiosas, podendo a Ilha de Paquetá tornar-se palco de disputa de poder por estar fora do corpo da cidade do Rio de Janeiro, por ser um bairro com feições de uma pequena cidade. O espaço do bairro de Paquetá foi “descoberto” por essas religiões e seitas de orientação chamada evangélica que, diferente da protestante tal seja a Igreja Batista presente na ilha desde 1979, as pentecostais e neopentecostais só voltaram os olhos para a ilha no século XXI, abrindo uma disputa por espaço e pela criação de territórios religiosos em Paquetá. A Para Raffestin (1993), a esse propósito, temos que

o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível, ou seja, ao se apropriar de um espaço de modo concreto ou abstrato (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço, por isso, não são termos equivalentes. A ocupação e tomada do território da ilha por esses atores religiosos com suas ideologias ligadas ao poder político e cultural, uma vez que, essas correntes religiosas buscam implantar as suas crenças, baseadas em passagens do velho Testamento, sobre as demais anatematizando toda e qualquer divergência que lhes pareça contrária. Tal postura causa e provoca tensões entre dentro comunidade de ilhéus que sempre conviveu de forma cordata e de respeito mútuo.

A questão da perseguição e do desmerecimento da cultura africana e sua religião ligam-se ao processo da escravidão e a forma como essa população ainda é vista pela sociedade mesmo após a abolição da escravatura. A perseguição não deixa de ser uma forma de exercer o poder frente ao número inferior de praticantes do candomblé e umbanda na ilha de Paquetá. A inexistência de terreiros para as práticas de ambas, por si só pode configurar a não aceitação deste tipo de religião no âmbito de Paquetá.

Segundo Mendes, ao citar Foucault sobre as mudanças na a estrutura do poder, o autor assevera que este difere hoje daquela forma que predominava séculos atrás, onde a força e imposição sobre o corpo individual constituíam regra geral. Contudo, essa forma modificou-se e a organização da vida social incide sobre corpos em multidão, denominada por biopolítica - ou seja, a força que regula populações.

Atualmente, as duas formas de poder unem-se, mas de maneira muito sutil. Por um lado, há o poder disciplinar, em que existe a sujeição do corpo às forças que impõem uma relação de docilidade e utilidade; por outro, existe o exercício do poder sobre as populações com sua variante de regularidades e discursos que lhe dão forma e legitimidade (MENDES, 2015, p. 688).

No que concerne a esse tipo de poder exercido pela biopolítica, citado pelo autor, de certa forma, a chamada Bancada Evangélica e o discurso proferido por esta, cabe em boa medida, neste exercício de poder sobre um grupo de indivíduos, que a partir de um pensamento sectário, baseado em textos bíblicos, cuja livre interpretação sucinta pontos de vista diversos e divergentes dependendo da corrente ideológica e religiosa em relevo, tornou-se protagonista na política brasileira por exercer essa modalidade de poder no Estado do Rio de Janeiro, igrejas de orientação neopentecostal, exercendo papel

coercitivo e intimidador, contra um inimigo ficcional; os praticantes de outros credos religiosos, onde a ideologia religiosa sobrepõe ao próprio poder público que, de certa forma, legitima, por omissão, ações do tipo daquela ocorrida em julho na Ilha de Paquetá. Cabe aqui ressaltar, que o conceito de necropolítica/necropoder cunhado por Achille Mbembe, exemplifica como os dispositivos de poder do aparelho Estatal exercem influência na sociedade, alcançando o cotidiano da população que acaba por incorporar os ditames do Estado de exceção, e a relação de inimizade que normalizam o direito de matar, além de pleitearem o direito de “ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2016, p.123). No caso em questão, o símbolo africano de religiosidade ancestral deve morrer pela ótica desse grupo intransigente e sectário.

Em outras palavras, a necropolítica é um processo de dominação de controle resultado do estabelecimento do estado contemporâneo (séculos XVIII e XIX)²⁵. Trata-se de uma forma de dominação da vida sustentada pelo poder do Estado. O neoliberalismo produz a morte e a exclusão daqueles que não são compatíveis com o sistema. Nas comunidades e periferias paulistanas e cariocas, a morte de pessoas, em especial de negros, é tratada como um dado natural. Todos os dias, ao deparar e ouvir notícias sobre homens, mulheres e crianças vitimadas pela violência, a população enxerga como algo normal, pertencente ao cotidiano das metrópoles brasileiras. A necropolítica serve para determinar aqueles que vivem e os que morrem. E ultimamente, a pandemia do COVID-19 tem sido um elemento acelerador desse processo escrito por Mbembe.

Para Ferreira (2019), a necropolítica no estado do Rio de Janeiro, trata as favelas fluminenses como colônias fronteiriças, submetendo os seus moradores às frequentes operações militares que culminam em confrontos armados entre as forças de segurança e criminosos e na morte de inocentes. Na visão de Ferreira (2019), esse emprego da força fere a dignidade da pessoa humana. As favelas seriam como as colônias, zonas em que a guerra e a desordem e as figuras internas e externas da política convivem lado a lado, se alternam. Como tal, as colônias são locais por excelência, em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser interrompidos, isto é, uma zona em que a

²⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=Dykkb5aCszk>

violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da “civilização” (MBEMBE, 2016; FERREIRA, 2019).

Nesse sentido, encontramos em Noguera (2018), debruçado sobre o pensamento de Mbembe e Franz Fanon, no que diz respeito aos processos históricos ligados a colonização, esses autores fazem uma crítica à lógica colonial, “aos “mundos de morte” e populações de “mortos-vivos” sitiadas em certas topografias sociais” (Noguera, 2018, p. 59), reflexões que em certa medida poderíamos utilizar a propósito do surgimento e fortalecimento de grupos neopentecostais que pertencem, principalmente, ao estrato social mais pobre, que estão sem ou com pouca assistência do poder público e que encontra nesses núcleos religiosos alguma assistência a partir da contrapartida de doações.

Esses enclaves, geralmente situados dentro ou na periferia dessas comunidades pobres ou nesses mundos de morte, tangidos como mortos-vivos, sob o pretexto de levar a palavra de Deus, acabam por cooptar para a sua “facção religião” esses indivíduos desesperados, ignorantes e alguns de boa-fé, adestrando-os a combater em nome dessa dita palavra, as demais orientações religiosas, dispensando especial atenção negativa àquelas de matriz africana. Importante ressaltar, que a maioria desse contingente é constituída de negros e pardos e muitos egressos dos terreiros que agora perseguem. Segundo Pieper (2020), as religiões ditas neopentecostais, em certa medida, são usadas para acobertar o Estado necropolítico, seja por meio de justificativas mitológicas ou por fornecer estruturas que ajudam a constituir a ação necropolítica.

Um comportamento observado na capital fluminense é a dos traficantes evangélicos ou “narcopentecostais”. São aqueles indivíduos responsáveis pelo tráfico de drogas que se converte a alguma denominação evangélica (geralmente pentecostal), mas sem abandonar seus negócios. Em virtude de sua religiosidade, esses grupos têm produzido violências de toda sorte contra terreiros de candomblé e umbanda. Quando esse comando não é obedecido, esses lugares sagrados são destruídos ou depredados. Exemplo deste tipo de ação foi comandada pelo “Exército do Deus Vivo”, grupo de soldados chefiados por Álvaro Malaquias Santa Rosa, também conhecido como “o Peixão”²⁶. Líder do tráfico num conjunto de favelas na Zona Norte do Rio de Janeiro, o

²⁶ De acordo com a Polícia, “Peixão”, traficante do Terceiro Comando Puro (TCP), era um dos criadores do “Bonde de Jesus”, vertente até então inédita da intolerância religiosa no Estado do Rio. (https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/08/18/interna_nacional.1078089/policia-prende)
https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/08/18/interna_nacional.1078089/policia-prende-

referido personagem tem realizado sucessivas perseguições às religiões de matrizes africanas presentes nestes locais. Batizado por criminosos que afirmam ser evangélicos e que proibiram em seu território a prática de ritos e cultos de religiões afro-brasileiras, essas comunidades, que abrigam mais de 100 mil moradores, passaram a fazer parte do que se denomina de “Complexo de Israel²⁷”. As imposições dos traficantes vão desde a expulsão de pais e mães de santo até a proibição de que moradores usem roupas brancas, usualmente vestidas por praticantes do candomblé. Esses grupos limitam as horas ou proíbem definitivamente os cultos, por ameaça ou pela força (Boaz, 2020). Alguns membros da cúpula do Terceiro Comando Puro (TCP), facção criminosa que comanda o tráfico nessas comunidades, se converteram a igrejas evangélicas neopentecostais. Segundo investigações da Polícia Civil, existem indícios de que o grupo teria sido ordenado por um pastor de uma igreja evangélica local (Boaz, 2020).

Chancelando essas ações, tem-se toda uma rede complexa usada para inculcar os princípios da corrente religiosa, geralmente de cunho fundamentalista e sectário que, em cultos inflamados por líderes dessas organizações religiosas, mobiliza esses indivíduos a agirem de forma teleguiada, a destruir tudo aquilo que seja contrário à orientação dada nesses templos e casas de culto, desrespeitando o pensamento de outrem. Nesse sentido, as reflexões de Mbembe a respeito do necropoder, podem sim encontrar ressonância na questão dessas agressões de cunho religioso, que vigem no Brasil, sobretudo a partir da ocupação de seguidores das religiões neopentecostais ao poder em variadas esferas. Assim, inserida neste contexto, é possível afirmar que em relação à situação desses núcleos, temos que;

O necropoder circunscreve uma política de produção de morte, mais do que o aumento deliberado do risco de morte. O que está em jogo é a produção de “cidades”, ou ainda, zonas deliberadamente demarcadas como territórios em que o livre direito ao assassinato está consagrado (MBEMBE, 2015, p. 124).

[bonde-de-jesus-que-atacava-terreiros-de-umbanda-e-can.shtml](#)[bonde-de-jesus-que-atacava-terreiros-de-umbanda-e-can.shtml](#)

²⁷ Nas comunidades que fazem parte do “Complexo de Israel”, os traficantes usam referências desse Estado homônimo, como a bandeira do país e até a Estrela de Davi, símbolo utilizado pelos adeptos do Judaísmo, para demarcar o seu domínio. Há bandeiras hasteadas em favelas de outros bairros do Rio de Janeiro, como Vigário Geral e Parada de Lucas e várias Estrelas de Davi desenhadas nos muros das favelas. Uma teoria predominante em algumas correntes evangélicas, em especial nas neopentecostais, prega que a criação do Estado de Israel foi o prenúncio da volta de Jesus Cristo. Ver maiores detalhes em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-27/a-ascensao-do-narcopentecostaliso-no-rio-de-janeiro>.

Essa postura política e social está no cerne da sociedade em que espaços onde a pobreza e a miséria grassam e a administração pública não se faz presente, são transformados em zonas ou territórios demarcados, invadidos ou cooptados à força por indivíduos pertencentes a organizações que vivem à margem da ordem e lei públicas. O que foi visto em Paquetá, onde a agressão ao baobá está circunscrita, simboliza a intolerância religiosa num local caracterizado historicamente pela tranquilidade, representa a invasão não disfarçada em seus objetivos de imposição de um credo único, em detrimento dos demais, a partir do uso da coerção e intimidação por meio da força atacando e destruindo símbolos representativos de outras religiões.

Este tipo de atitude se torna crescente e naturalizado, haja vista que a estratégia do discurso normativo tende a utilizar-se dos mecanismos que atuam no ideário cristão a partir do prisma neopentecostal para justificar o banimento de tudo o que vai de encontro ao que pode levar a “salvação”, mesmo que para isso signifique atuar de forma irregular em espaços públicos causando danos ao patrimônio de outrem. No caso da vandalização e corte do baobá “João Gordo” ocorrido na Ilha de Paquetá, essa árvore tem para as religiões de matriz africana um significado da religiosidade que carrega a ancestralidade do grupo étnico que representa a herança africana aqui existente.

Os adeptos das orientações religiosas pentecostalistas não aventam a possibilidade de um conhecimento religioso “absoluto” e que não existe superioridade conferida a adeptos de alguma religião (Santos, 2017). O afastamento do Estado e Igreja permitiu que múltiplos segmentos religiosos acendessem na coletividade, que além de terem assegurado a divulgação de sua fé, se livraram da interferência do Estado nas questões interiores. A propagação do pluralismo religioso ocorre em função da secularização e do surgimento do estado laico (Santos, 2017). Para o pluralismo religioso ser aceito por todos é fundamental uma laicidade do estado, pois o secularismo está baseado em um estado democrático (Santos, 2017).

3.4 Reflexões sobre o vandalismo ao baobá “João Gordo” em Paquetá

Plantado próximo à Praia das Gaivotas por integrantes do projeto Plantar Paquetá, a muda do baobá, conforme a Figura 4, que foi trazida da África por membros do grupo, recebeu essa denominação pelos moradores paquetaenses. O plantio foi feito

em 2013 com direito a festa que reuniu cerca de 50 pessoas. A árvore, que havia tornado patrimônio da comunidade paquetaense, foi serrada na madrugada do dia 31 agosto de 2020²⁸. Depois de grande comoção e mobilização dos moradores para tentar salvá-lo, veio um alento; quarenta dias após o corte, um pequeno broto surgiu no tronco serrado do baobá. Dias depois, apareceram novos brotos em companhia das primeiras folhagens. O autor ou autores do ato de vandalismo ainda não foram encontrados.

Figura 4 - Baobá João Gordo - Antes e depois da vandalização



Fonte: <http://riodeboasnoticias.com.br/conquistas/nasce-o-primeiro-broto-de-baoba-cortado-em-paqueta/>

Os baobás são árvores de grande longevidade (são espécies milenares) que podem atingir até 30 metros de altura e sete metros de circunferência. Outra característica desse gênero vegetal é a sua capacidade de resistir a longas estiagens, pois pode armazenar 120 mil litros de água em sua estrutura (WALDMAN, 2012). As singularidades do baobá tornam-na passível de representações. No trecho a seguir, podemos perceber a importância simbólica dessa árvore para as religiões de matriz africanas que para cá foram transferidas de forma compulsória ao longo do processo da empresa escravocrata;

²⁸<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/01/policia-investiga-corte-de-arvore-de-origemhttps://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/01/policia-investiga-corte-de-arvore-de-origem-africana-sem-autorizacao-em-paqueta.ghtmlafricana-sem-autorizacao-em-paqueta.ghtml>

A árvore é um dos símbolos fundamentais das culturas africanas tradicionais. Os velhos baobás africanos de troncos enormes suscitam a impressão de serem testemunhas dos tempos imemoriais. Os mitos e o pensamento mágico-religioso yorubá têm na simbologia da árvore um de seus temas recorrentes. Na sua cosmogonia, a árvore surge como o princípio da conexão entre o mundo sobrenatural e o mundo material. As árvores [...] estão associadas a ìgbá ì wàñù – o tempo quando a existência sobreveio – e numerosos mitos começam pela fórmula ‘numa época em que o homem adorava árvores[...]. (Texto da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXIV Congresso de Comunicação – Campo Grande/MS – 2001 <https://www.geledes.org.br/baoba-arvore-simbolo-fundamental-das-culturas-africanas-tradicionais/>).

Além da importância religiosa que essa árvore colossal carrega, ser uma atração turística da ilha também é algo que pode ser explorado, devido ao seu grande porte e exotismo; a exemplo de Recife, capital pernambucana, onde se encontra a maior concentração urbana de baobás no Brasil e ponto de referência dessa espécie exótica e majestosa da natureza. São dezenas de exemplares, distribuídos em parques, ruas e avenidas²⁹. Muitos grupos atribuem a presença da árvore entre nós aos povos africanos que aqui desembarcaram, enquanto outros afirmam que a espécie começou a produzir mudas a partir de exemplares anteriormente introduzidos. As discussões quanto às primeiras disseminações da espécie não impossibilitam que as comunidades africanas se apoderem do baobá como um legado de seus ancestrais. Devido à sua profunda ligação com os povos africanos, os baobás que resistiram ao desmatamento e à depredação ambiental, foram tombados pela prefeitura de Recife.

O atentado contra o baobá “João Gordo” ocorreu num período em que as florestas brasileiras precisam de atenção e cuidado. Coincidência ou não, sabe-se que desde que Ricardo Salles assumiu o Ministério do Meio Ambiente, observou-se um crescimento preocupante do desmatamento e das queimadas no país. Salles já veio a público dizer que florestas boas, saudáveis e bonitas são aquelas com a maioria de suas árvores no chão. O ministro age como predador ambiental, e duas das maiores riquezas mundiais que a natureza bem quis que estivessem no Brasil, a Mata Atlântica e da Floresta Amazônica, sofrem em sua gestão um avassalador desmatamento. Desde a sua nomeação à pasta do Meio Ambiente (2019), mais de cinco mil quilômetros da

²⁹ Segundo a página “Eu curto Recife”, Pernambuco é o recordista em número de baobás. Aproximadamente 150 árvores foram identificadas no estado. Se Pernambuco é conhecido como o coração da espécie no país, a capital do Estado carrega o título de cidade dos baobás. Maiores informações em: (<https://eucurtorecife.com.br/recife-a-cidade-dos-baobas/>).

Amazônia foram destruídos. Em 2020, de acordo com o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), a maior floresta tropical do país entrou em alerta: a devastação bateu recorde em janeiro daquele ano com 284,27 quilômetros quadrados de floresta que acabaram derrubados. Para os ambientalistas, Salles é a imagem do antiministro, aquele que ocupa um cargo e nele emprega a sua desvairada visão de mundo³⁰. Satisfeito por estar longe dos holofotes, o ministro age silenciosamente para que as florestas brasileiras permaneçam sendo aniquiladas ao colocar em primeiro lugar os interesses daqueles que atuam como predadores ambientais.

A falta de um verdadeiro líder que se comprometa com as causas ambientais aliada à crescente eleição de candidatos evangélicos são questões que dificultam a luta pelo reconhecimento das religiões de ancestralidade africana. Políticos evangélicos, ao aproveitarem do poder decorrente deste campo representativo, articulam ações que inibem o desenvolvimento das religiões afro-brasileiras. Contudo, nos últimos anos, alguns movimentos de defesa das religiões de matriz africana têm sido criados na tentativa de combater ações radicais.

3.5 Temporalidades e espaços da ilha

A Ilha de Paquetá sempre despertou em seus visitantes a impressão de se estar numa aprazível estância interiorana e não em um bairro carioca em virtude de sua ambiência pacata. Essa microrregião pertencente ao território da cidade do Rio de Janeiro, naturalmente recebe a influência dos eventos de grande repercussão política da capital continental, uma vez que não está fora totalmente da dinâmica tecnológica que possibilita a comunicação expressa sobre fatos da capital. Vale ressaltar, que muitas famílias têm buscado refúgio na ilha e o distanciamento dos complexos problemas em torno da urbanização, da segurança e violência da capital nos últimos tempos. Fato esse comprovado pelo crescimento da população conforme apresentado no quadro a seguir

³⁰ <https://istoe.com.br/ricardo-salles-o-destruidor-de-florestas/>

elaborado por Leitão (2013, p.42), com base no censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010 sobre a população da ilha, como a seguir está demonstrado:

De acordo com Moreira (1988), “uma combinação de lugares e de relações entre lugares tece uma unidade do espaço, o espaço geográfico de existência dos homens. Este espaço pode ser a residência, a fábrica ou o próprio mundo. Estas unidades de espaço justapõem-se, porque os mesmos homens habitam diferentes unidades de espaço, e se embutem porque uma unidade de espaço inscreve-se em outra maior”.

A Ilha de Paquetá se configura como uma combinação de temporalidades e territórios que se justapõem, dentro de um recorte geográfico que, embora pertença à capital carioca, possui uma dinâmica que permite os insulares concebê-la fora do compasso que faz movimentar a capital. Nesse sentido, têm-se nesse espaço territórios cujas fronteiras se entrecruzam sem grandes destaques, quando vivenciados pelos insulares, mas que está num processo de transmutação com a chegada de indivíduos do continente que na ilha perceberam um lugar bom para viver e explorar. A vida ora bucólica dos seus moradores, aos poucos perde as suas características e esses acabam por se afastar dos lugares onde os turistas e visitantes sazonais costumam se aglomerar.

Ao longo do tempo, tensões sociais e econômicas se tornaram comuns em Paquetá. A presença de moradores antigos unidos a um grupo de habitantes novos fez redirecionar o caráter da ilha. A disputa por essa ilha que não é grande geograficamente reconfigurou o espaço, agora com novos territórios desenhados. Hoje, as perspectivas de lucro da nova classe ocupante condicionam a população com menor poder aquisitivo a se adequar num território restrito às suas atividades. Retratada nas narrativas institucionais e ações publicitárias como um local paradisíaco, a Ilha de Paquetá tem a sua dinâmica relacionada ao cotidiano tranquilo, à convivência pacífica e à interação harmônica dentro dos princípios da civilidade entre os indivíduos que ali residem e mesmo aqueles que, num processo pendular, aportam na ilha a breve tempo e logo retornam ao continente.

Paquetá tem particularidades típicas de uma cidade pequena, que ali foram desenvolvidas a partir dos costumes vigentes desde a sua ocupação, seja pela apropriação dos recursos naturais, pelas crenças desenvolvidas e costumes solidificados ao longo dos séculos. Esse espaço recebeu e recebe atualmente um contingente diversificado de sujeitos com idiosincrasias próprias e que ali aportam em busca de paz e concórdia. Dessa forma, temos em Milton Santos uma concepção do que é espaço e o

papel que os indivíduos nele desempenham, para o autor; “[...] o espaço tem um papel privilegiado, uma vez que ele cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre esse passado e o futuro, mediante as relações sociais do presente que nele se realizam” (Santos, 1994, p.122).

Essa reflexão sobre o espaço é cabível na conjuntura onde está inserida a Ilha de Paquetá, onde o passado e suas idiossincrasias estão interligados pela própria natureza insular do bairro o que possibilitou, em boa medida, a manutenção de um tipo de relação interiorana que manteve os conflitos e tensões vividas no continente, longe de sua vida cotidiana, tornando os aspectos tanto físicos quanto a dinâmica dos indivíduos no espaço insular quase atemporal, onde o tempo passa de forma diversa daquele percebido fora do seu âmbito e o espaço congrega os dois instantes, passado e presente sem que se percebam as duas temporalidades interagindo e sobrepondo-se.

A alcunha de lugar tranquilo é verdadeira, embora existam na Ilha problemas de ordem urbana e administrativa comuns aos demais bairros cariocas. Controlado remotamente pelo poder que administra a cidade do Rio de Janeiro, seria difícil que a intolerância religiosa, palpável na cidade, não atingisse o espaço de livre circulação que caracteriza a Ilha de Paquetá. Segundo Nogueira temos que em relação ao, “[...] necropoder e biopoder (esses) incidem sobre o mesmo objeto, a população. [...] o necropoder é justamente a recomendação de agir sobre a população estabelecendo uma política de morte” (Nogueira, 2018, p.66).

Ainda sobre o baobá, a forma de intimidação e maneira de agir dos vândalos que por uma possível motivação menos religiosa e mais impositiva; tem na agressão, neste caso específico, pode ser ligada a mensagem subliminar de que não seriam toleradas outras ideologias religiosas e talvez políticas, além daquelas ditadas pelo poder ali estabelecido. Não é inesperado, numa sociedade escravocrata como a formada no Brasil, ter ojeriza às populações menos favorecidas, uma vez que boa parcela da população negra e periférica é associada ao grupo gerador da desordem, da imoralidade, do pecado e da violência. A esse grupo é imputado no imaginário social à ideia de erradicar tudo que lhes for familiar.

A Ilha de Paquetá, embora tenha ares de cidade interiorana abriga em seu território, diversos outros territórios, que mesmo não se confundindo, porque a divisão do espaço nesses territórios menores separa os estratos sociais, mantendo-os, tal como

já foi mencionado, estes são separados por fronteiras invisíveis, embora perceptíveis por aqueles que as vivenciam. Ainda recorrendo a Milton Santos, agora na questão do território, temos que: “[...] o território é ao mesmo tempo um recurso e um abrigo. [...] (Santos, 1999, p.26). É nele que reside a única possibilidade de resistência aos processos perversos que o mundo apresenta, dada a possibilidade real e efetiva da comunicação, logo, a troca de informação e da construção política passam a ser preponderante nesse processo de convivência mútua frente as mudanças que estão em curso. De acordo com Milton Santos, “mundo e lugar se constituem em um par indissociável.”; “O lugar é o palpável, que recebe os impactos do mundo”. Embora seja o lugar “controlado remotamente pelo mundo” (Santos, 2005).

A Ilha de Paquetá é um espaço insular que congrega e agrega grupos diversos de indivíduos por décadas. Esquecida em alguns momentos, a ilha consegue manter a dicotomia de espaço-tempo no que concerne ao continente, quer seja pela distância entre os espaços insular e continental, quer seja pela questão da temporalidade que as diferencia sobremaneira tanto na gestão do tempo, quanto a do entendimento do uso do espaço. Assim, ainda é possível ter os elementos da modernidade num dado lugar e noutro a rusticidade dos ilhéus que ali residem desde os primórdios de sua ocupação que, passada de geração para geração, mantém as características que atrai pessoas de todas as classes sociais do Rio de Janeiro.

A despeito do aspecto interiorano, Paquetá não é uma apenas uma ilha bucólica na Baía de Guanabara, nela existem conflitos, disputas territoriais e especulação imobiliária. Grupos do continente que veem nesse espaço possibilidade de ganho trazem para a ilha a divisão do espaço em territórios dos estabelecidos e dos “*de fora*”, onde esses ocupam lugares tradicionalmente ocupados por pescadores, pequenos comércios e mesmo residências, modificando o aspecto e as tradições ali desenvolvidas.

Habitada na sua maioria por pescadores, a localidade também acolheu pessoas de classe média alta. Em contrapartida, uma parcela da população antiga de Paquetá e migrantes pobres ocuparam as extremidades da ilha. Em levantamento realizado pelo Instituto Pereira Passos (IPP) nas comunidades cariocas com base no Censo Demográfico de 2010 (Cavallieri e Vial, 2012), havia 908 pessoas residindo nas favelas da Ilha de Paquetá, o segundo menor número entre as Regiões Administrativas cariocas, ficando à frente apenas do Centro. Há nove morros, sendo que a Prefeitura reconhece

três aglomerados subnormais na Ilha: morros do Gari, da PEC e do Vigário. Ainda de acordo com o último Censo, entre as 15 maiores cidades brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo formam um subgrupo especial, bem distante das demais. Com aproximadamente 1,4 milhões de moradores, a capital fluminense é a cidade com maior população em aglomerados subnormais do país, logo seguida de São Paulo, com 1,3 milhões. Proporcionalmente, contudo, a cidade do Rio, com 22% de seus habitantes nessa condição, era o dobro da metrópole paulista (Cavallieri e Vial, 2012).

Essa ocupação crescente somada à participação pouco eficaz do poder público contribuiu para o aumento nos índices de desmatamento e surgimento de habitações irregulares nos trechos de mata preservados. Aqui, é importante frisar que o problema maior não é disseminação da criminalidade, que possui índices baixíssimos na ilha, ou o controle das facções do tráfico e de grupos paramilitares (milícias), mas sim a construção de moradias pela classe social menos favorecida.

Duarte (2017) enfatiza que as atividades turísticas voltadas para lugares que resguardam valores históricos, como é o caso da Ilha de Paquetá, diminuem proporcionalmente ao aumento da degradação destes lugares. Este cenário é bastante nítido naqueles monumentos que carecem de manutenção, seja de restauração ou até mesmo de limpeza. Entretanto, se é comprovada a ausência de atividades que proporcionem uma dinâmica socioespacial a lugares de importante valor histórico, estes patrimônios acabam se deteriorando no tempo e no espaço, e junto com ele sua história e importância para a cultura local. Dessa maneira, torna-se indispensável a organização de ações coletivas para manter acesas as relações sociais e o patrimônio imaterial em seu território.

O ato de vandalismo ocorrido nesse espaço, tradicionalmente pacífico, expôs uma realidade existente no bairro insular, assustando os ilhéus, dando visibilidade a ilha sob um aspecto negativo, demonstrando que dentro desse espaço há fronteiras que estão sendo erguidas separando territórios ora harmoniosos em territórios hostis. Longe de Paquetá, símbolos de religiões afro-brasileiras colocados em espaços públicos estão sujeitos a depredações. A presença de esculturas e símbolos de ancestralidade africana são combatidos e estigmatizados pelas igrejas evangélicas que condenam qualquer “enaltecimento de religiões diabólicas” e “prática associada ao mal” (Silva, 2007). O medo que circunda o baobá existe. Mesmo com a vigilância presente, ritos

candomblecistas e umbandistas podem acontecer com frequência menor devido às possíveis reações de adeptos de outras religiões.

Essas fronteiras se tornam plurais e visíveis embora nem sempre percebidas num primeiro momento. No entanto, retomando ao pensamento de Santos temos que; “o uso do território decorre da dinâmica dos lugares” (SANTOS, 2005, p.5). Para o autor, o lugar é o espaço do acontecer solidário e essas “redes” de solidariedade “definem usos, geram valores de múltiplas naturezas: culturais, antropológicos, econômicos, sociais, financeiros [...] que pressupõem coexistências.” Essa afirmativa se confirma na atuação solidária em torno de salvaguardar o jovem baobá, além da repercussão fato nas redes sociais, que através da dinâmica da comunicação na atualidade, facultou que diversas pessoas se prontificassem inclusive a doar mudas da mesma espécie.

Quaisquer movimentos que alimentem o ódio entre os sujeitos e que crie hostilidade em relação aos adeptos das religiões afro-brasileiras, devem ser combatidos em todos os sentidos, quer tenham viés cultural, social ou político. Um dos princípios fundamentais apresentados na Constituição Federal é a liberdade de consciência e de crença, assegurando o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias (Artigo 5º, inciso VI). Esse é o papel que os governos federal e estadual deveriam seguir. Ou ao menos tentar. E, apesar do ato de vandalismo do qual foi alvo, o baobá João Gordo segue em plena recuperação, da mesma forma que a Ilha de Paquetá, depois dessa mancha oriunda do continente, que quase maculou o espaço que sempre recebeu a todos, sem litígios nem dissensões de qualquer espécie ao longo de sua história.

CAPÍTULO 4 PAQUETÁ NO CONTEXTO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

O custo de vida aqui em Paquetá é muito alto! Apesar de ser considerada região centro do Rio há uma dificuldade de locomoção o que encarece produtos e serviços prestados na ilha. A parte hoteleira também bastante variedade como casas de veraneio, hotel e pousadas de diversos valores (Moradora de Paquetá há mais de 30 anos).

O estudo de determinado grupo de indivíduos para a aquisição de elementos para o embasamento de uma pesquisa, consiste, primordialmente, na coleta dos dados a partir do contato que o pesquisador tem e em processá-los ao natural, ou antes, na vivência cotidiana e na movimentação dos indivíduos no ambiente em que se pretende estudar e observar.

O meio e as expressões colhidas no ato das entrevistas podem trazer elementos diversos daqueles propostos no questionário; tais elementos serão trazidos no que denominamos no corpo deste capítulo de “retalhos de conversas”, apresentados na pesquisa para complementar os dados contidos nas respostas ao questionário aplicado. No que diz respeito à Paquetá, os depoimentos, como será visto neste capítulo, em algumas ocasiões diferem do ideário costumeiramente evocado quando se tem em mente a ilha de Paquetá. Para exemplificar tal ideário, encontramos interessante peça num depoimento contido em Leitão (2013, p.5) que ilustra o pensamento sobre Paquetá: “Mora gente lá? Pensei que fosse como a Quinta da Boa Vista que domingo de noite fecha.” A ilha apresentará os aspectos que a consagraram por Ilha dos Amores em diversos momentos na fala dos entrevistados, mas, em contrapartida, apresentará os problemas urbanos e sociais evidentes e vivenciados no cotidiano da população residente no bairro exótico de Paquetá.

A realidade expressa no depoimento acima em destaque pinçado de uma das 33 pessoas entrevistadas para a obtenção dos dados dessa pesquisa, retrata o contraste entre Paquetá ser a “fantasia da ilha”, um lugar sem problemas, porque no imaginário popular, as ilhas são lugares mágicos, onde “a lenda é sempre mais bela e atraente do que a crua e insossa realidade” (COARACI, 1965, p.63). A visão da realidade corrente daqueles que ocupando os espaços de Paquetá, quer de forma longeva ou mais recente, relatam, como será visto mais adiante neste capítulo; que a versão nem sempre acorde sobre Paquetá ser um ambiente de tranquilidade e harmonia sempre atribuído a Ilha dos Amores, será

afirmada por alguns entrevistados e desconstruída por aqueles que em Paquetá residem ou fazem turismo no bairro.

4.1 O método e os elementos da pesquisa

A metodologia aplicada para a obtenção dos dados dessa pesquisa seguiram os parâmetros de acordo com os autores que serviram para a base teórica e empregabilidade prática citados em Lakatos e Marcone (2003). Contendo 11 perguntas, os questionários foram assim dispostos: Aberto e Semiaberto, respondido por trinta e três (33) participantes; questionário aberto respondido por onze (11) participantes (entrevistas orais gravadas). Quanto aos participantes: O grupo composto pelos 33 entrevistados são moradores, turistas e veranistas. Os participantes que concederam entrevistas gravadas são moradores, veranistas e turistas. Não houve discriminação de sexo, idade, religião, escolaridade ou classe social.

A pesquisa teve lugar no bairro carioca de Paquetá. Os dados foram obtidos entre os dias 27 e 29 de novembro de 2022. A colaboração para a obtenção dos dados deu-se de forma voluntária, realizada através de questionário em modelo híbrido, contendo perguntas fechadas, de múltipla escolha e perguntas abertas para a livre expressão dos entrevistados. Foi apresentado a todos os participantes um termo de consentimento livre e esclarecido, assegurando ao participante da pesquisa a preservação de sua identidade e demais informações que pudessem identificá-los (nome, local de residência, ocupação ou funções de trabalho, etc.), sendo esses dados do conhecimento exclusivo do pesquisador. Não houve qualquer tipo de pré-requisito para participar da pesquisa. Os questionários e as autorizações encontram-se no Anexo desse trabalho. Tomaram parte nesta pesquisa 29 mulheres e 15 homens perfazendo um total de 44 participantes entrevistados.

A análise dos dados a partir das informações coletadas, terá por base os autores Coaracy (1965) e Leitão (2013) em virtude do trabalho e pesquisa sobre Paquetá desenvolvidos por ambos, e que servirão de parâmetro para essa análise porque;

A validação da pesquisa como um trabalho confiável não depende apenas da confissão das fontes e do relato desta, mas do cruzamento do material empírico colhido no campo com a pesquisa bibliográfica, relacionando formulação teórica, hipóteses, perguntas, informações e critérios de seleção para abordagem. A descrição densa e pormenorizada dos procedimentos e das etapas de pesquisa se torna fundamental neste sentido (CARNEIRO, 2016, p.14).

O que a literatura sobre a ilha apresenta partir do olhar desses eméritos pesquisadores e as transformações advindas das respostas obtidas com base nos questionários. Buscou-se, em consonância com os temas abordados nas perguntas, tais sejam, o vínculo com Paquetá, as mudanças estão em curso e tem sido objeto de observação pela descaracterização de locais históricos, a implementação mais arrojada do turismo, o custo de vida na ilha, os transporte aquaviário e os problemas de horários, entre outros temas abordados, cujas respostas nos traz uma Paquetá diferente daquela trazida por Vivaldo Coaracy na década de 1960 e a visão mais atual de Wilma Leitão na segunda década do século XXI.

Em certa medida, o encanto de Paquetá ainda pode ser percebido, mas os problemas sociais, urbanos e ambientais são visíveis e já inquietam moradores, turistas e visitantes ocasionais. De forma detalhada, ver-se-á a seguir, quem são os paquetaenses de fato e aqueles que o são por opção e atração pela ilha, o que pensam sobre a Ilha dos Amores, agora sem o véu de alegoria tão comum quando se pensa em Paquetá, reafirmada a visão de lugar edílico e romântico tal qual a manchete do Jornal O Dia (14/09/1988) ao estampar que “Paquetá – desde o Império, a Ilha dos Amores é a preferida dos casais” (LEITÃO, 2013, p.58). A fama pode forjar uma imagem diversa da realidade. Ver-se-á, a partir das respostas colhidas nas entrevistas que as duas se confundem, mas a realidade se sobrepõe sempre a fantasia.

4.2 O olhar dos sujeitos da pesquisa sobre a Paquetá real

Encrustada no fundo da Baía de Guanabara, a Ilha de Paquetá por décadas sempre despertou atenção sua posição geográfica inusitada, por ser um bairro da cidade do Rio de Janeiro e ao mesmo tempo estar fora da atmosfera buliçosa que a caracteriza, conservando ar interiorano o que conferiu a ilha um local de descanso, segurança e sossego. A imaginação, quando se pensa em ilhas nos leva ao infinito porque “as ilhas, em geral, despertam as mais românticas e paradisíacas imagens que, de certa forma, são potencializadas em Paquetá dada a força de interpretação da narrativa d’A Moreninha, romance maior de Joaquim Manuel de Macedo.” (LEITÃO, 2013, p.59). Paquetá foi imortalizada no imaginário popular, como já o dissemos, a partir desse romance que, se não a cita, também não desmente que seja esse o local, o palco do idílico enredo descrito pelo autor. Visitantes de todas as classes sociais residem ou já residiram em Paquetá, sendo ainda cooptados, seduzidos por sua posição geográfica, a fixar residência nesse

“bairro exótico” da cidade do Rio de Janeiro baseados nas histórias que dali emanam há décadas o que lhe conferi um ar de mistério e aventura para os que a visitam.

Para o observador/pesquisador é inevitável buscar informações sobre esse lugar pitoresco e a história da ilha em autores que a dissecaram através de pesquisa documental e observação in loco para constatar o fascínio que Paquetá exerce naqueles que a visitam. Nesse sentido, Vivaldo Coaracy no clássico livro sobre o estudo e pesquisa da ilha intitulado “Paquetá – Imagem de ontem e de hoje”, onde o “hoje”, a partir do olhar de Leitão (2013), modificou-se de forma acelerada em relação ao “ontem” e este já se mostra um tanto esquecido ou pouco valorizado em termos de conservação do espaço físico da ilha, contribui para uma visão comparativa dessa Paquetá, onde o ontem e o hoje mesclam-se e a chegada de novos indivíduos que passam a compor a população insular contribuíram para alterar a dinâmica tradicional dos paquetaenses.

Paquetá respira história em suas ruas, casas e edifícios muitos deles datados do século XIX, nas árvores centenárias que a embelezam desde a sua ocupação assinalando a história a cada passo da ilha. As novas gerações precisam ter conhecimento da história de Paquetá e cabe, em certa medida, à administração pública a prerrogativa de conservação dos espaços onde a história está presente, porque o turismo está ligado tanto as belezas naturais quanto aos elementos ligados a história ali presentes. O número de queixas a respeito do abandono em que se encontra a orla, ruas e logradouros públicos de Paquetá, ponto enfatizado pelos entrevistados sobre o tema do que Paquetá precisa em termos de melhorias, o abandono ou a não conservação dos diversos pontos turísticos ou não da ilha, foi o mais enfatizado. O abandono desses logradouros pode levar ao esquecimento da história que representa materialmente os itens acima elencados. A degradação continuada leva a descaracterização dos locais históricos antes exaltados, tanto no que confere a parte da história da ilha, quanto às memórias particulares e coletivas dos moradores da ilha.

A descaracterização leva a perda continuada das temporalidades ali presentes. A ocupação desordenada de Paquetá, preocupação expressada em algumas respostas, sobretudo dos antigos moradores, pela ocupação desordenada das encostas dos morros ali existentes preocupa e deveria ser objeto da administração pública da cidade do Rio de Janeiro, haja vista a importância de Paquetá como ponto turístico da cidade. As histórias construídas a partir dos vários locais da ilha que são familiares aos moradores, e que

fazem parte da vivência dos locais como grupo social, estão sendo aos poucos sendo modificados ou pouco preservados.

Neste sentido, locais históricos como o Solar D'EL-Rei assim descrito por Vivaldo Coaracy por, “localizado no antiga Rua dos Muros e está crismada de Rua do Príncipe Regente, existe vasta propriedade, derradeira das antigas chácaras que a bordavam”; e a Casa do Patriarca (Casa de José Bonifácio) “outro prédio histórico existente em Paquetá é o que tem hoje o número 119, na Praia da Guarda. Pertenceu ao Patriarca da Independência, que ali residiu durante os últimos anos de sua vida” (CORACY, 1965, p.50 e 54), são locais emblemáticos de ilha de Paquetá, da cidade do Rio de Janeiro e do país dada a importância de José Bonifácio no cenário nacional e da visita à ilha pelo regente Dom João VI. Tais construções são ponto de atração turísticas e motivo de orgulho dos moradores, porque inserida na história deles destaca-os por elementos que respiram essa história real de Paquetá.

Em contrapartida, Paquetá possui locais que, se não têm importância do ponto de vista histórico e turístico, são referência para os moradores e suas famílias. Um desses locais é o chamado “Pau da Paciência” - Ponto de Encontro no Campo que, segundo nos traz Leitão (2013, p.135) ser esse local,

Um dos principais pontos de referência social, localizado no Campo, espécie de ponto agregador para os moradores da vizinhança. Não se trata de uma praça, são apenas bancos que foram dispostos à sombra da árvore, na esquina das ruas Alambary Luz e Cerqueira, onde passam as horas a conversar, pessoas de todas as idades.

Esse logradouro, segundo informação constante em Cardoso (1992, p.84) apud Coaracy (1965, p.157-158) “É a maior rua de Paquetá. [...] esta rua serviu de raia, para a única corrida de cavalos realizada, até aqui, na Ilha.”. Esse não é um ponto que atraia turistas ou visitantes porque a sua significação liga-se a história e a convivência construída pelos moradores, sobretudo os mais antigos da ilha. Provável que essa rua de Paquetá, e outras existam que não tenham relevância para os turistas, mas que encerram em si uma relação de pertencimento ao local, sentimento do qual os “de fora” não compartilham e não compreendem.

Para àqueles que moram em Paquetá esses locais evocam as memórias do grupo de indivíduos que construíram sua história de vida entre pontos comuns; memórias pertencentes ao universo pessoal do morador e outros que tenham relevância coletiva.

Capturando de Leitão (2013), o trecho a seguir corrobora o pensamento de que o enredamento da realidade com a ficção que permeia o ideário do romance *A Moreninha*, tornou a ilha de Paquetá o palco da ficção expressa no enredo descrito pelo autor Joaquim Manuel de Macedo. As paisagens ali descritas tornaram forma em Paquetá e materializando as representações do enredo desenvolvido no texto.

Se, como acreditamos, a memória coletiva é essencialmente uma reconstrução do passado, se ela adapta a imagem dos fatos antigos, as crenças e as necessidades espirituais do presente, o conhecimento sobre o que estava nas origens(fatos), é secundário, e até mesmo inútil, uma vez que a realidade do passado não se encontra mais lá, como um modelo inalterado ao qual deveria ajustar (HALBWACHS, 1941, p.9).

Desta forma, corroborando o trecho acima, Paquetá foi levada a reproduzir na realidade cotidiana vivida por seus moradores a fantasia descrita no romance. A simetria criada entre o descrito e a representação geográfica e física da ilha, concorreu para que o cenário imaginário do texto de Joaquim Manuel de Macedo encontrasse terreno fértil no imaginário popular. Ligado à memória das gerações que se sucederam, essas acreditaram ser Paquetá a ilha idílica e romântica da ficção iniciada no século XIX.

Com o passar do tempo a importância de elucidar ou mesmo separar a realidade da fantasia, se o romance foi ou não inspirado em Paquetá, perdeu a relevância do ponto de vista da história da ilha. O fato incontestável é que o epíteto de Ilha dos Amores e o de ser Paquetá palco de *A Moreninha*, hoje faz parte da identidade de Paquetá. O ser factível ou não, é secundário para os paquetaenses, e a separação de ambos não tem relevância para aqueles que respiram a história do romance nas ruas e praias e pontos turísticos da ilha. Para ilustrar esse confronto entre a realidade vivida e a imagem cunhada de Paquetá, foram aqui destacadas três respostas que resumiram frente as demais o que se espera da administração pública em relação a ilha e preservação de sua memória:

- “Acredito que uma manutenção em toda a orla da Ilha onde existem cais, pois estão caindo, o antigo caramanchão um dos pontos turísticos mais importantes aqui da ilha que está todo quebrado, banheiro público no parque Darke de Matos está interditado a meses. (Moradora de Paquetá).

- “A conservação dos bens materiais, ruas, calçadas, praças. Limpeza das praias. Reflorestamento dos morros. Controle de construções fora de uma estética destrutiva.” (Moradora de Paquetá).

- “Maior poder da Associação para escolha do Subprefeito e rubrica orçamentária municipal destinada à manutenção mais intensiva da Ilha, com vistas inclusive à restauração do Solar d’El Rei.” (Veranista).

A despeito do que possa parecer aos visitantes sazonais, a população residente no bairro de Paquetá percebe a falta de manutenção dos logradouros públicos do bairro. Veranistas mais antigos e visitantes contumazes veem a pouca preocupação do poder público em manter os lugares de visitação em estado apresentável, conflitando com a criação e incentivo do polo de turismo ali estabelecido. Paquetá sempre foi considerada uma espécie de paraíso onde o tempo parou cristalizado, sobretudo, no século XIX. Tal aspecto desperta toda sorte de imagens em indivíduos de diferentes classes e procedências que a buscam para desfrutar há tempos, suas belezas naturais. Contudo, ao observar a realidade in loco, no decorrer das entrevistas e nas respostas obtidas dos entrevistados, percebe-se que o ideário de lugar sem problemas e parado no tempo não se constitui realidade plena e muito precisa ser feito, na opinião de moradores e turistas, para que Paquetá retome a alcunha de Ilha dos Amores. As respostas as perguntas do questionário serão analisadas a partir dos temas abordados, sendo corroboradas com as obras escolhidas para a análise dessa pesquisa que ligação com a noção de território, a relação entre os indivíduos e a ilha e as demandas surgidas a partir das mudanças advindas com a chegada de novos elementos em Paquetá.

4.3 Paquetá sob o signo da dualidade

A história de Paquetá surge sob o signo da dualidade. Portugueses e franceses disputavam as terras ao redor da Baía de Guanabara desde 1555. Com o pleno domínio dos portugueses. Em 1567 são os franceses frustrados no processo de criação da França Antártica no Rio de Janeiro. A ilha de Paquetá, a esse tempo, já estava dividida em duas sesmarias. Em 1565 a Inácio de Bulhões é concedida uma parte da ilha, e em 1566, recebe Fernão Baldez o restante. A dualidade seguiria com a ocupação. A divisão social de então entre senhores e escravizados, as quinzilas religiosas com a questão das duas igrejas de São Roque no Campo e do Nosso Senhor Bom Jesus do Monte, na Ponte que envolveram as freguesias de Magé e de São Gonçalo (COARACY, 1965, p.25-26), (LEITÃO, 2013, p.31); o desenvolvimento a partir da vocação distinta de ambas as partes. Divisão da ilha está bem resumida no trecho a seguir, que nos concede a dimensão que um processo arbitrário pode resultar:

A entrada de Paquetá nos compêndios se deu justamente no momento em que uma linha arbitrária separou a ilha em suas sesmarias, cada uma delas destinadas a diferentes sesmeiros, que por sua vez, eram vinculados a distintas Freguesias. Como a única representação religiosa em Paquetá era a Capela de São Roque, [...] no Campo, todos os moradores ali recebiam os sacramentos, subordinados à paróquia de Magé. O vigário de São Gonçalo incitou a criação da Igreja Matriz do Bom Jesus do Monte, na Ponte (LEITÃO, 2013, p.122).

A dualidade e a rivalidade teriam suas raízes, além da querela religiosa, entre outros fatores, na própria formação e desenvolvimento desse local sui-generis que é Paquetá. A vocação do Campo na parte norte da ilha, caracterizou a expressão rural; enquanto Ponte, ao sul, para o desenvolvimento as atividades urbanas e de serviços. A presença secular da Fazenda São Roque ratifica a vocação agrícola do Campo. Enquanto na Ponte, primou pelo comércio mais ativo da ilha. As caieiras, presentes em toda ilha desde a sua ocupação, declinou na Ponte, mas subsistiu no Campo a par com a produção agrícola da Fazenda São Roque. “Todo o movimento da ilha era aqui no Campo” Embarcações atracavam nas praias do Catimbau e Buraco transportando mercadorias diversas para o continente, movimentando vários armazéns localizados na área do Campo, onde residiam os proprietários das lojas e embarcações. A movimentação deste lado da ilha estava ligada a Capela e ao poço de São Roque que, ao que parece abastecia a ilha. A recíproca ocorria em relação a mercadorias vindas do continente para a ilha. Essas eram trazidas de canoas e faluas, de Magé, Suruí e Itaoca para serem comercializadas na Praça do Bom Jesus na Ponte. (COARACY, 1965, p.19; LEITÃO, 2013, p.123-124).

As modificações advindas como tempo e o próprio desenvolvimento das atividades comerciais e administrativas, a parte norte de Paquetá, o Campo, torna-se mais residencial com poucos estabelecimentos comerciais. Os moradores do Campo são os mais antigos e estáveis, as residências são em sua maioria de veraneio. Segundo no Campo foi efetuado o loteamento do morro do Gari (Morro do Buraco), evento este que não alterou o ambiente da área, mesmo com a chegada de novos indivíduos. (LEITÃO, 2013, p.126).

Em contrapartida, o desenvolvimento da Ponte se deu de maneira diversa. Neste lado existiram as poucas indústrias da ilha, além de comércio variado, chácaras, residências da classe mais abastarda. A última caieira funcionava na Ponte. Diferente do Campo, a população residente na Ponte apresenta o aspecto da mobilidade, tanto dentro

da ilha, quanto mudando-se para o continente. Na Ponte dois dos morros ali existentes foram loteados, sobretudo por migrantes nordestinos. (Leitão, 2013, p.125-126).

Fato incontestado é que existem duas partes distintas em Paquetá, materializadas nos dois territórios emblemáticos da ilha chamados Ponte e Campo. A mediação entre esses dois territórios é feita pela Ladeira do Vicente. Com o passar do tempo a dualidade e rivalidade Ponte e Campo mostra-se menos tensa, sobretudo com a saída de muitos dos descendentes de antigos paquetaenses e a chegada de novos indivíduos que buscam em Paquetá a segurança e o sossego que não se encontra na capital, razão pela qual a maioria dos turistas sentem-se atraídos à Paquetá. Vivaldo Coaracy expõe uma imagem da ilha que, em certa medida, ainda existe, embora deva ser resguardada a realidade da época da elaboração do texto em comparação com as anomalias vividas na ilha na atualidade. Assim, temos, na questão segurança, a opinião abrangia toda Paquetá sem distinção entre Ponte ou Campo; [...] outro fator de segurança provém da atmosfera ordeira que domina a Ilha [...] (1965, p.117).

No livro “Sob um Céu de Flamboyants” (2013), Wilma Marques Leitão perscruta essa Paquetá de ontem e de hoje, onde é possível perceber, a partir da narrativa da autora, a mudança paulatina no ambiente da ilha tanto no aspecto social, ou seja, a rixa antiga entre Ponte e Campo mostra-se menos tensa, quanto no aspecto do elemento histórico, a conservação e preservação da continuidade da história viva que existe nas ruas de Paquetá. A autora ressalta os laços entre moradores e visitantes, além da motivação para a fixação de residência em Paquetá, como descreve ao tratar da construção da relação daqueles com a ilha;

[...] Uns se estabelecem, outros passam temporadas inspirados e se vão. Tranquilidade e beleza são os principais argumentos da decisão de fixar residência em Paquetá, em detrimento da possibilidade de morar em qualquer outro lugar da cidade e mesmo em relação a outros estados (LEITÃO, 2012, p.92).

Embora, ainda existam famílias tradicionais na ilha, a chegada de novos moradores e as mudanças no aspecto comportamental são percebidas, como no trecho em destaque, onde a autora ratifica a percepção que a chegada de novos moradores à Paquetá, questão essa bastante clara nas palavras de um paquetaense de 74 anos por ela entrevistado e seus temores em relação ao futuro paquetaense: “*Os paquetaenses mesmo estão sumindo. A gente não conhece mais ninguém. Mas esses que estão aí tendo filhos,*

os filhos serão paquetaenses?” (LEITÃO, 2013, p.94). O que se percebe é o receio da perda da identidade paquetaense em virtude da introdução de novos indivíduos que por não conhecerem as características e as tradições da ilha, não teriam compromisso em mantê-las viva. Entender as origens desse conflito circunscrito à ilha, é primaz para a compressão da necessidade da preservação, não do conflito no sentido amplo da palavra, mas porque a este prende-se a história de muitos paquetaenses.

Se indagados sobre a razão de tal rivalidade, os paquetaenses respondem que sempre foi assim: “A ilha já era dividida, não havia muita comunicação, era pouca convivência entre as pessoas. Quem era do Campo ficava no Campo, quem era da Ponte ficava na Ponte” (LEITÃO, 2004, p.178).

A esse propósito, a partir de respostas dadas sobre a tradicional rixa e principal dualidade que marcou por décadas os moradores de Paquetá, a querela entre Ponte e do Campo, cita desavença que, ora é real ora pertence ao passado. Para corroborar a preocupação do morador septuagenário citado por Leitão (2013, p.94), no item anterior, onde o indivíduo expressa a sua preocupação com o possível desaparecimento dos paquetaenses nativos, em resposta à pergunta sobre o folclórico “conflito paquetaense” dessa pesquisa: “Ainda há na Ilha divisões entre moradores do Campo e da Ponte? Percebe divisões entre os diferentes grupos que residem ou frequentam os espaços?”, as respostas traduzem algo dessa mudança, porque valida e corrobora a preocupação que a entrada de novos moradores e a mudança ou a não continuidades dessa rixa também expressa por outro morador constante em Leitão (2013, p.95) “O pessoal antigo de Paquetá está morrendo mais que indo embora (paquetaense, 78 anos)”.

Portanto, tem-se o desaparecimento natural de toda uma geração que vivenciou a tal rixa e a inserção de novos elementos em Paquetá que, além de contribuir para o desvanecer da memória desse “conflito” dissolve, em certa medida, o sentido de pertencimento dos indivíduos de ambas as partes de Paquetá ratifica aquilo que encontramos em Leitão (2013, p.95);

A constante afirmativa de que os *antigos* não estão mais em Paquetá, e que agora só tem *gente estranha* não se funda necessariamente na saída dos conhecidos moradores da ilha. Sem dúvidas, há um número crescente de famílias que vêm se instalar nesse bairro - que vai então adquirindo as características de um bairro qualquer da cidade, e vai assim matizando – misturando-se com os moradores mais antigos.

Em certa medida, temos a modificação gradual ou antes, a mescla de antigos e novos, onde os novos desconhecendo as tradições ali existentes, não a reproduzem e os antigos veem essa tradição diluída em equivalência com a perda das “Territorialidades que se apresentam com o sentido de pertencimento, uso e vivência em um recorte do espaço [...]” (FUINI, 2017, p.20). Antigos moradores afirmam ainda a existência da rixa, embora percebem outros tipos de divisão, materializadas nas respostas dadas como será visto a seguir.

A chegada de novos moradores, mesmo que não seja totalmente repudiada pelos ilhéus, trazem consigo alterações nesses dois territórios emblemáticos de Paquetá. Essa divisão cristalizada no passado e hoje sendo embaçada com a incorporação de novos indivíduos na sociedade da ilha, assevera quão significativa essa territorialidade se apresentou com relação ao sentido de pertencimento dos moradores de ambos os lados. A preservação da vivência e usufruto que durante décadas fez do Campo e da Ponte territórios distintos na unidade da ilha. Na questão da dualidade e da modificação do aspecto da Paquetá antiga e dessa nova Paquetá, temos a questão da territorialização e a perda desta a partir da inserção de novos elementos que passam a compor esse novo contingente de indivíduos que buscam a ilha para fugir da cidade e viver mais tranquilamente. Os antigos moradores estão presenciando essa mudança e perda desse território para novos indivíduos e suas demandas.

Paquetá, mesmo sendo apenas mais um bairro da cidade carioca, construiu uma idiossincrasia que o torna impar em relação aos demais bairros. A ilha, se a pesarmos como a resultante de algo histórico e social, tem, com seus elementos constitutivos, e sua história em particular e relações com os indivíduos que constituíram e constituem o seu conjunto sob o ponto de vista de sociedade ali desenvolvidas durante séculos de ocupação estabelecimento desse grupo social. Em Santos (1996) temos a esse propósito que;

Podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial, nos oferecem, no transcurso histórico, espaços diferentes (SANTOS, 1996, p.77).

Do trecho acima exposto encaixa-se Paquetá de forma quase absoluta. A ilha não mudou em seu aspecto geográfico, mas modificou-se com as diversas gerações e indivíduos que trouxeram suas contribuições para o enriquecimento e também modificações, e, por conseguinte, esquecimento de alguns aspectos até então históricos

pertencentes aos primeiros contingentes que a ocuparam durante séculos. A sociedade transmuta-se com o tempo e as idiossincrasias até então vigentes, os territórios assinalados pelos antigos indivíduos tanto da Ponte quanto do Campo modificaram-se, promovendo outras demandas. A própria conservação física da ilha foi e continua sendo alterada para caber essas novas demandas culturais, sociais e políticas, além do aspecto religioso abordado no capítulo terceira dessa pesquisa.

Para análise da questão foram escolhidas seis respostas dentre os entrevistados. O “conflito” emblemático e pitoresco conhecido entre os moradores mais antigos de Paquetá. Os entrevistados, moradores e turistas veem a antiga rixa desvanecer por razões variadas que abrange desde a chegada de novos moradores, a saída das novas gerações para o continente e o desaparecimento dos mais antigos por contingências da vida. A perda do referencial histórico dos moradores mais antigos em virtude das mudanças promovidas pela administração pública com a inserção de carros substituindo as antigas charretes, bicicletas elétricas, a especulação imobiliária que, a partir da criação do polo turístico na ilha, que descobriu em Paquetá um local a ser explorado. As mudanças podem ser benéficas desde que tais elementos não descaracterizem e acelerem o ritmo de vida dos paquetaenses.

- “Sim, há uma divisão territorial "morar na Ponte" ou "morar no Campo". Mas divisão Campo e Ponte entre os residentes da Ilha não existe mais como antigamente.” (Moradora de Paquetá).

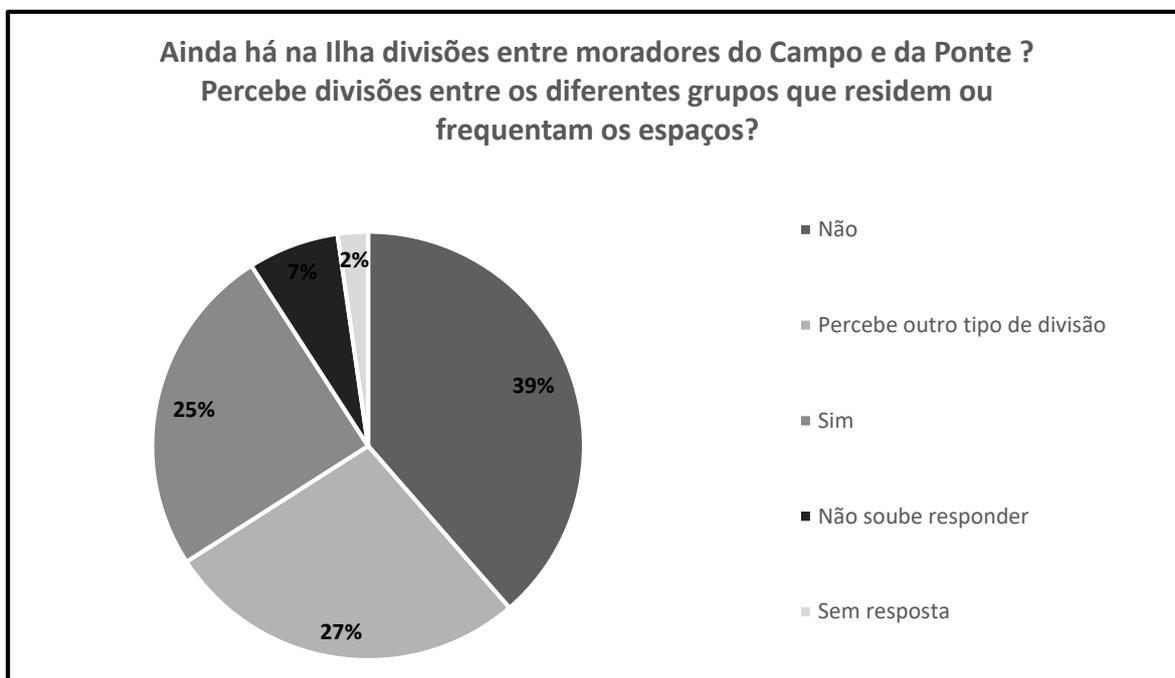
- “Sim, existe muita divisão na ilha geográfica e política, isso prejudica muito Paquetá, essa divisão entre moradores.” (Morador de Paquetá).

- “Não creio que haja mais divisão entre moradores do Campo e da Ponte. Creio que ainda haja divisão entre moradores antigos e novos, baseada principalmente na desigualdade cultural entre os dois grupos. Os moradores novos são muito mais aculturados e, talvez por isso, a meu ver, não se interessam muitos pelos antigos, os quais, por sua vez, acreditam terem direito de prevalência em suas opiniões sobre a Ilha, por residirem nela há muito mais tempo.” (Turista).

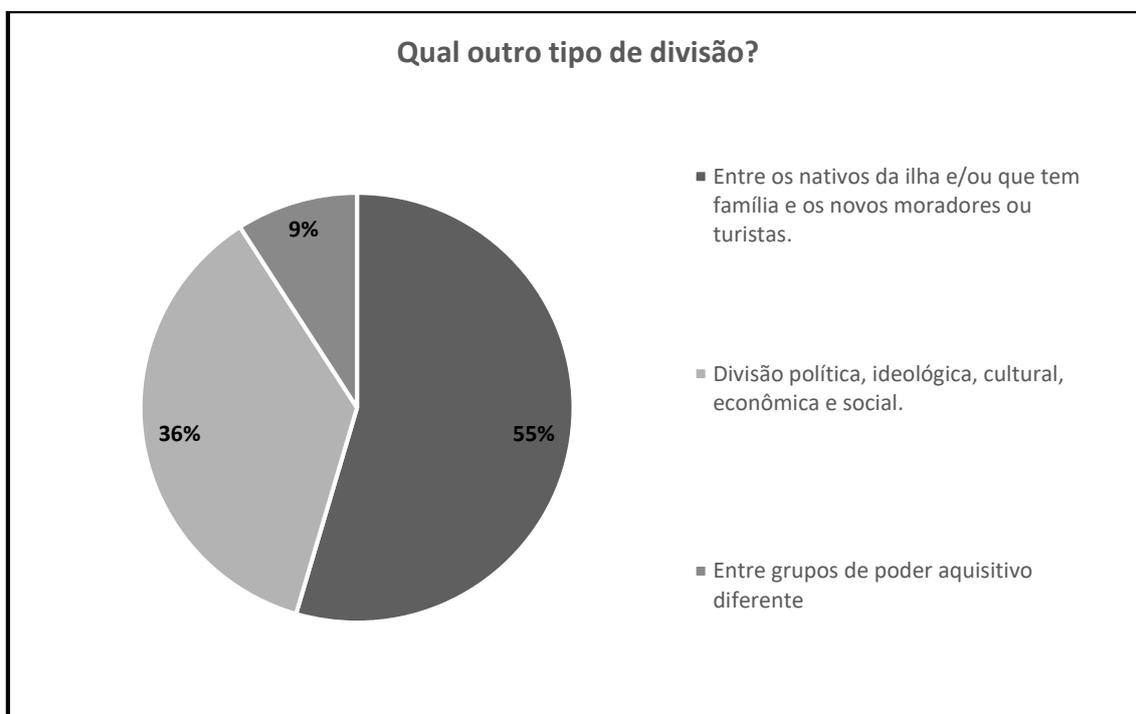
- “Não mais. Tem a questão geográfica apenas, mas não há mais "rixa" por exemplo, como antigamente. Alguém do Campo só iria na Ponte para pegar a barca. Saía até briga se alguém frequentarem o outro lado.” (Morador de Paquetá).

- “Hoje não percebo tanto essa divisão. Antigamente sim existia inclusive uma certa "rixa" entre campo e ponte. Especialmente no carnaval quando tinha os dois blocos: Unidos de São Roque e Silêncio do Amor. O que percebo hoje em dia é uma certa diferença entre quem mora nas comunidades e os demais moradores. Uma certa "desconfiança", já que muitos moradores das comunidades são pessoas novas na Ilha. E há uma mudança comportamental dos moradores antigos, que estão habituados a um certo ritmo de uma Paquetá quase melancólica, que contrasta com a maneira dos novos moradores, que reclamam bastante dessa Paquetá pacata.” (Morador de Paquetá).

- “As divisões atuais não são mais geográficas. Existem pessoas do Campo e da Ponte que não suportam a ideia de ter gente de fora vindo para cá e querem o espaço para si.” (Morador de Paquetá).



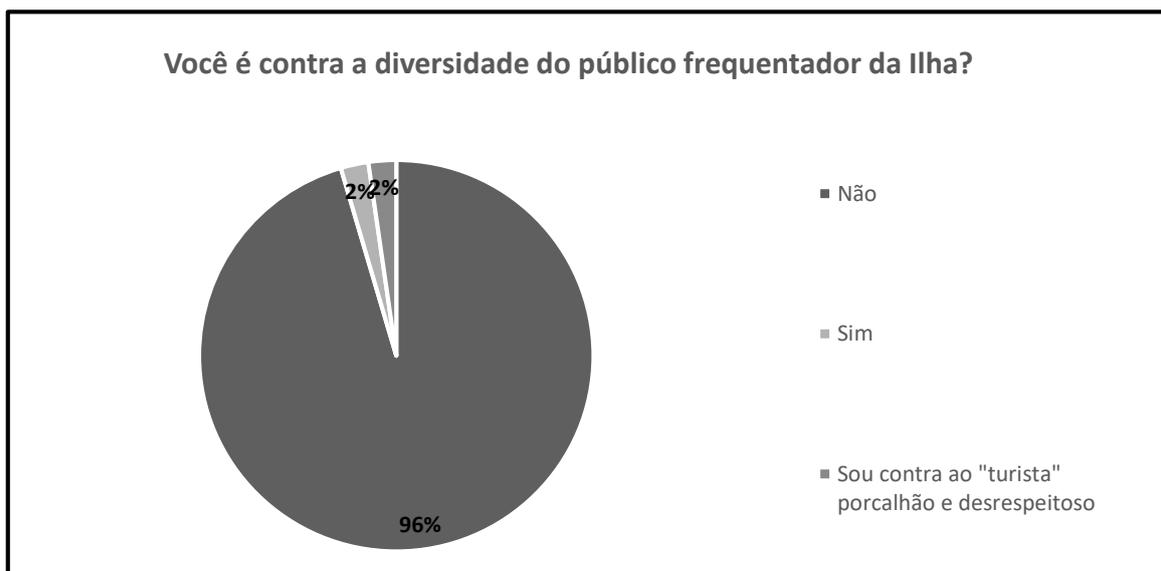
Nas respostas obtidas o espectro da dualidade está presente com variantes de pontos de vista. Tem-se a questão geográfica expressa na opção de moradia em um dos lados: Ponte ou Campo. A divisão política citada de forma subliminar, chama atenção por reproduzir o momento atual tencionado pela política divisionista que tomou conta do país na última década. A diferença de classe social expressa em duas respostas, onde a preocupação é a perda do espaço conquistado há décadas por aqueles que residem em Paquetá; moradores antigos versus moradores novos oriundos do continente, que residem nas comunidades que estão se formando na ilha e reproduzindo neste micro espaço a macro da cidade do Rio de Janeiro.



A chegada desses indivíduos trouxe para a ilha, aspectos sociais e culturais que ocorrem em outros bairros da cidade, e que estão sendo introduzidos em Paquetá para espanto dos mais antigos. O uso incorreto da expressão “aculturados”³¹ por uma turista frequentadora da ilha ao fazer alusão, provavelmente a introdução de novos indivíduos moradores, cujos hábitos são diferentes daqueles comumente vistos da ilha. Cabe a ilação sobre o que seria esse “aculturado”. Seria o gosto musical, a linguagem, a classe social!? “Aqui em Paquetá ninguém falava palavrão, agora eles gritam na rua. Eles e elas, porque

³¹ Aculturação: Transformação da cultura de um grupo, pela assimilação de elementos culturais de outro grupo social com que mantém contato direto e regular. (Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio – Dicionário da Língua Portuguesa. 7ª ed. Curitiba. Ed. Positivo. 2008.

as moças também não estão mole!” (LEITÃO, 2013, p.94). Os aspectos ligados a segurança e a tranquilidade, característicos de Paquetá, além da posição geográfica, porque morar numa ilha é algo diferente do usual, se comparado aos demais bairros cariocas; a política a condição sociocultural citada, estão no cerne das preocupações dos paquetaenses entrevistados, embora os entrevistados em se maioria, não se importem com a diversidade de pessoas que frequentam a ilha como aponta o gráfico a seguir:



Paquetá é um lugar em que a história é contada em ruas, em suas casas, onde é impossível não perceber os traços vivos dos três últimos séculos e por isso a necessidade de preservação, tema presente em diversos momentos durante as entrevistas. Na ilha as reminiscências de um passado singular, estão ainda patentes e vivem no imaginário dos paquetaenses e visitantes da ilha. Tais aspectos estão visíveis nas ruas, nos logradouros públicos, nas casas de moradores ilustres, em sua orla marítima e, sobretudo, no imaginário de todos que ali aportam. Nesse sentido, a preocupação com a preservação dos elementos que sustentam o interesse na visitação da ilha de Paquetá, precisa da atenção do poder público de maneira mais ostensiva. No item concernente aos elementos que contam a história de Paquetá, é percebida nas respostas mesmo quando não citados intencionalmente o desejo dessa preservação. Ilustrando esse fato, temos em resposta à pergunta: Em sua opinião, o que deve ser melhorado na Ilha de Paquetá? as respostas a seguir:

- “Acredito que uma manutenção em toda a orla da Ilha onde existem cais, pois estão caindo, o antigo caramanchão um dos pontos turísticos mais importantes aqui da ilha está

todo quebrado, o banheiro público no parque Darke de Mattos está interditado a meses.” (Moradora de Paquetá).

- “Restauração e preservação dos pontos turísticos.” (Moradora de Paquetá).

- “Conservação de vias públicas e calçadas, praça e parques e seus prédios históricos urbanos.” (Moradora de Paquetá).

Consoante as respostas recebidas, percebe-se que, por unanimidade, o tema sobre a preservação dos pontos turísticos, logradouros públicos e ruas de Paquetá significa muito para os paquetaenses, além de outras necessidades inerentes a população e aos benefícios da atualidade. Preservar a história que está presente para onde quer que o morador ou turista volte o olhar, ou caminhe pela ilha é mantê-la viva. Manter viva a história passa prioritariamente pela manutenção dos locais que tiveram relevo desde a ocupação e desenvolvimento da ilha. Preservar e conservar aspectos da história do bairro é, de certa maneira, preservar um cadinho da história da cidade a qual pertence. É importante, sobretudo do ponto de vista sociocultural porque mantem o registro na arquitetura local, hábitos e costumes da época em que a ilha foi palco de eventos da história como o da Revolta da Armada (1893) já citada nessa pesquisa, além do fato de ter servido de moradia e refúgio para indivíduos de destaque na sociedade dos séculos XVIII e XIX, aspectos também abordados anteriormente com mais detalhes nessa pesquisa.

4.4 Paquetá, as barcas e o turismo

A existência numa ilha está submetida às condições dos meios de transportes que põem a sua população em comunicação com outros centros de atividade. A evidente verdade que dispensaria ser anunciada foi aqui lembrada apenas para sublinhar a importância que para os habitantes de Paquetá sempre tiveram e terão os meios e processos de transporte dentro da baía de Guanabara (COARACY, 1965, p.72).

Indispensável a assertiva acima exposta sobre a importância que o transporte marítimo significa para a ilha de Paquetá e sobrevivência dos seus habitantes. Ainda, segundo consta em Coaracy (1965), ao traçar uma linha no tempo o desenvolvimento desse o acesso a Paquetá, assim nos relata brevemente o autor de que, desde tempos

remotos da ocupação da ilha, o transporte evoluiu progressivamente, sendo feito por intermédio de chalupas, faluas, embarcações à vela, a vapor, evoluindo à medida que esse transporte se adaptavam a modernidade. Afirma o autor que mesmo a comunicação entre os pontos da ilha era feita no passado por via marítima em virtude da situação precária das vias dentro da ilha. Portanto, a comunicação por mar sempre fez parte da vida dos moradores de Paquetá há séculos e por questões óbvias, tanto para a comunicação dos ilhéus entre si, quanto para o contato de toda a natureza para que fossem atendidas as necessidades de toda sorte ali existentes, particulares ou comerciais.

Ainda segundo Coaracy (1965, p.73) temos que, “Só em 1838, teve Paquetá os benefícios de linhas regulares de navegação a vapor, como porto de escaladas carreiras que serviam ao porto de Piedade”. Piedade era um importante entreposto comercial de então. Em 1840 é lançada ao mar a barca Paquetaense, na mesma época um negociante de Piedade adquire uma barca a Porto Piedade para carregar passageiros e mercadorias. Em meados do século XIX, Paquetá era servida regularmente por sete barcas (Maravilha, Adelaide, Porto da Piedade, Paquetaense, Vila Nova, Teresópolis e Mageense). A viagem para a corte custava 600 réis para as pessoas livres e 320 réis para os escravos. A travessia demorava 80 minutos. (COARACY, 1965. p. 74-75).

Essa brevíssima digressão sobre o transporte marítimo e Paquetá nos conduz a compreensão de quão importante sempre consistiu este para a ilha desde o processo de sua ocupação até nossos dias. A ligação com o continente e demais ilhas da baía promoveram o desenvolvimento de Paquetá e a transformaram num local viável e habitável. Mas isso só foi possível com o transporte marítimo, sem esse meio Paquetá não seria a “Joia da Baía de Guanabara” e nem a “Ilha dos Amores” tal como a conhecemos. Hodiernamente, as barcas significam a ligação dos moradores as demais localidades, dando ritmo a vida dos ilhéus. Segundo trecho retirado de Leitão (2013) tem-se a importância visceral que significa essa ligação que ao mesmo tempo nos remete a fama da vida em Paquetá ser bucólica e pacata, divorciada do dilema da pressa e do barulho presentes no continente e inexistente na ilha;

Fazendo parte do cotidiano de todos os moradores de Paquetá, seja os que “descem” todos os dias, seja os que permanecem em terra, as barcas marcam o tempo da ilha. Praticamente em todos os sentidos, a temporalidade em Paquetá é regulada pelas saídas e chegadas da barca. São esses horários que, de certa forma, organizam o movimento nas ruas, sendo referência não apenas para os que vão viajar, mas para os demais moradores, para o comércio e serviços em geral. A previsibilidade dos horários qualifica o viver em Paquetá, relevando importantes elementos que nos permitem entender um pouco este

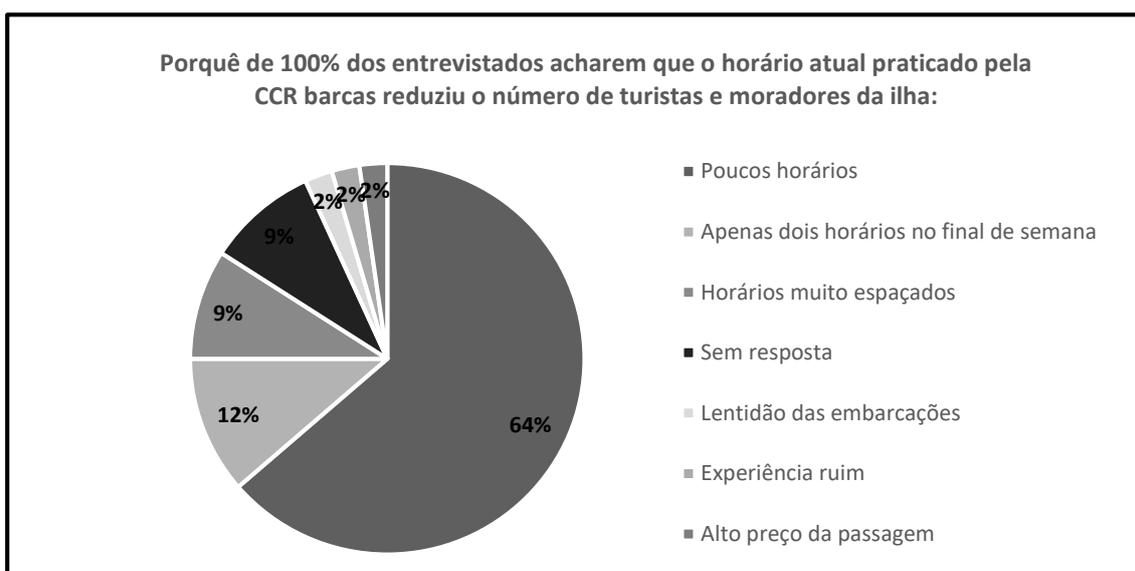
lugar. Na ilha, se vive num ritmo de espera, pautando pelos horários estabelecidos das viagens (LEITÃO, 2013, p.74).

Nesse sentido, como atesta o trecho acima, chegada e partida das barcas movimentam não apenas pessoas e coisas para a ilha; essas dão o compasso que dita o ritmo continuado da vida paquetaense aumentando a presença dos indivíduos nas ruas, comércio, etc. Para ter acesso a Paquetá a porta de entrada, portanto, sempre se deu por via marítima. Dessa forma, e sobre esse tema daremos início a análise das respostas a pergunta feita aos entrevistados a respeito desse transporte que é vital para atender as necessidades dos moradores e viabilizar a otimização do turismo na ilha.

O acesso ao bairro ainda é um impeditivo para muitos que pretendem trabalhar ou estudar no continente. Algumas respostas obtidas apontam na direção do transporte marítimo a cargo atualmente da CCR Barcas por impeditivo para moradores e visitantes atualmente. Os entrevistados foram unânimes em criticar a empresa que opera o transporte marítimo para a ilha ressaltando o problema nos horários entre outras queixas elencadas. Em respostas a pergunta: “Acha que o horário atual praticado pela CCR barcas reduziu o número de turistas e moradores da ilha?”

- “Reduziu drasticamente o número de turistas por ter horários muitos espaçados entre uma barca e outra sendo os finais de semana mais críticos por terem apenas dois horários à tarde e um horário à noite. Por diversas vezes chegando à superlotação e pessoas não conseguindo retornar para suas casas após um dia de passeio aqui na Ilha.” (Moradora de Paquetá).

- “Sim. Quanto mais barca, mais movimentação de pessoas. Com o número reduzido de barcas faz-se uma seleção. Diminui o número de turistas que passam o dia e aumenta os que pernoitam.” (Morador de Paquetá).



O gráfico acima ressalta a importância das barcas para os moradores e a influência desse transporte no aumento ou diminuição do fluxo de turistas, sendo o problema dos horários o que mais se destaca. A necessidade de maior empreendimento e seriedade na manutenção do transporte viário para a ilha é de vital importância para o bem-estar dos moradores e atendimento da demanda Paquetá-Continente. É reivindicação dos moradores a melhoria das barcas que servem a ilha, além da possibilidade de implementação de novos horários e flexibilidade destes, sobretudo nos finais de semana e feriados, o que possibilitaria a locomoção mais tranquila dos moradores que trabalham e estudam no continente, para aqueles que trabalham em Paquetá, mas residem fora da ilha, além de tornar o passeio e lazer na ilha mais atrativo por não existir a preocupação com o retorno ao continente.

Paquetá, uma pequena ilha no meio da Baía de Guanabara, foi um lugar em que a partir de meados do século XIX se desenvolveram novos usos referentes ao mar e à paisagem, como banhos, esportes nas águas, a fruição de passeios e da própria paisagem e seu registro, tanto através da pintura como em fotografias, um novo hábito que se relaciona diretamente com o turismo (FAGERLANDE, 2018, p. 288).

O turismo está no DNA da Ilha de Paquetá desde a sua “descoberta” pelas classes abastadas ainda no século XIX. A ilha sempre esteve no roteiro daqueles que explorando a cidade por suas belezas naturais adicionaram a ilha por local de veraneio e refúgio da aridez que a vida na cidade carioca se caracteriza. Quando se cogita local de descanso e lazer, Paquetá sempre atraiu visitantes por presente nos itinerários turísticos da cidade.

Essa concepção de tranquilidade, ambiente bucólico e romântico tem se modificado com o passar de tempo, porque a realidade da vida na ilha nem sempre se expressa num cenário sem problemas como se costumou a pensar em relação a Paquetá. No arquétipo criado no imaginário daqueles que não vivem na ilha, os problemas típicos da cidade ali não existem. Desse modo, a busca por Paquetá para fixação de residência tem aumentado e as condições de recebimento e preparo para o aporte de um número sempre crescente de indivíduos que a procuram também para distração, veraneio e turismo nos últimos tempos deveria ser objeto de preocupação do poder público para que sejam atendidas as demandas crescentes na ilha.

A realidade entrevista a partir das respostas conseguidas nessa pesquisa, demonstram o quão Paquetá carece de estrutura para atender as demandas crescentes de visitantes e moradores. A problemática relacionada a questão das barcas como fator de impacto na vida de todos em Paquetá, seu papel por móvel agregador e de sociabilidade dos seus moradores e como o serviço deficitário impacta de maneira incontestável a vida de moradores e comércio ali desenvolvidos constitui item primeiro para a população residente.

No que diz respeito ao fator turismo, segundo os entrevistados, o custo de vida é um dos fatores que promove o esvaziamento ou antes, a mudança de roteiro dos visitantes da ilha, embora haja preço para todo tipo de turista que visitam ou veraneiam em Paquetá. Em resposta à pergunta: “Os preços de hospedagem e o custo de vida em Paquetá contribuem para atrair novos moradores e turistas?”, os entrevistados dividiram-se na questão do preço e capacidade de abrigar ou acolher toda essa gente que visita e pernoita na ilha.

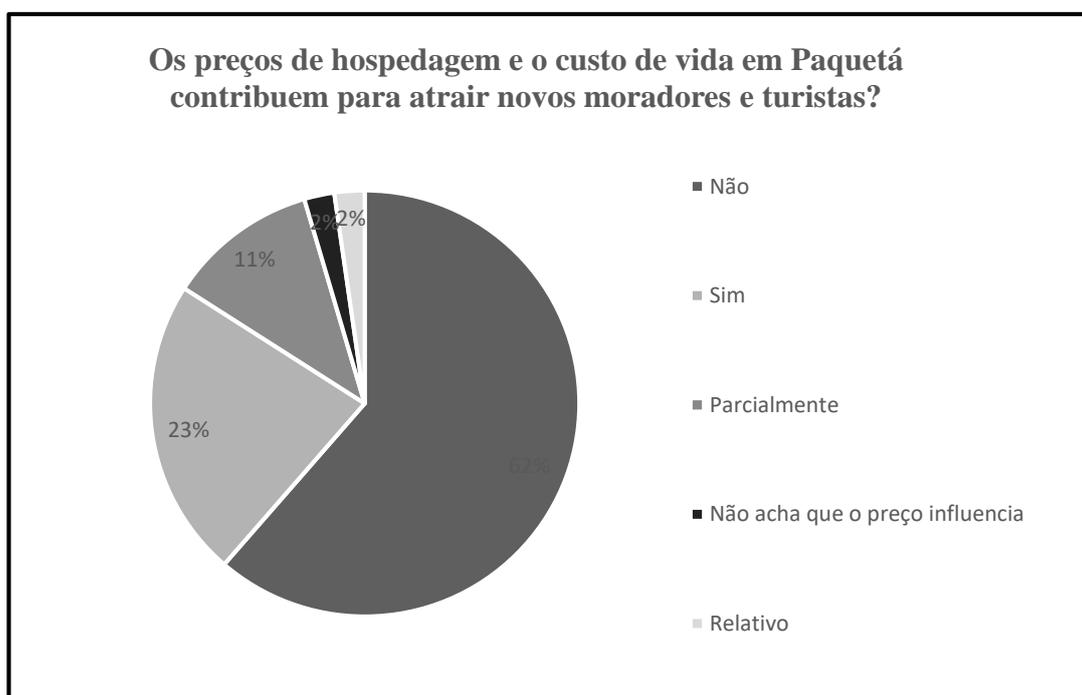
- “O custo de vida aqui em Paquetá é muito alto! Apesar de ser considerada região centro do Rio, há uma dificuldade de locomoção o que encarece produtos e serviços prestados na ilha. A parte hoteleira tem bastante variedade como casas de veraneio, hotel e pousadas de diversos valores.” (Moradora de Paquetá).

- “Acho que não, pelo péssimo serviço que a Ilha entrega e as péssimas condições de transporte e também pela manutenção precária da estrutura insular.” (Veranista).

- “Assim como o valor das casas à venda, o valor dos aluguéis não contribui para a chegada de novos moradores. A maioria das pessoas moram de aluguel. Se esse for caro é inviável arcar com as demais despesas. Há muitos turistas, mas observando a barca de volta ao Rio, muitos retornam no mesmo dia. O valor de hospedagem acaba restringindo o público que permanece na Ilha.” (Moradora de Paquetá).

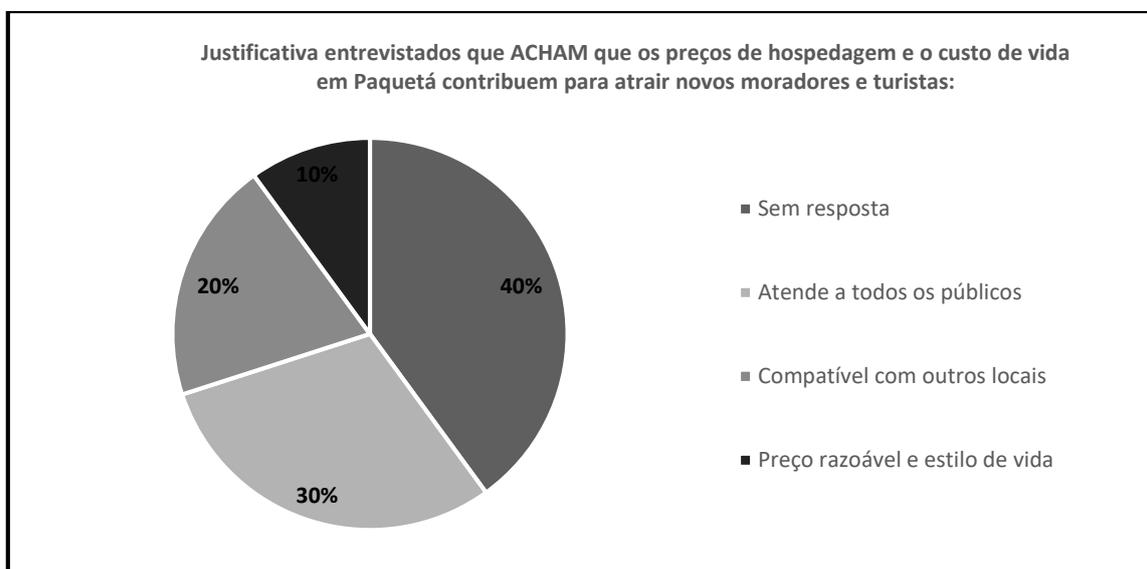
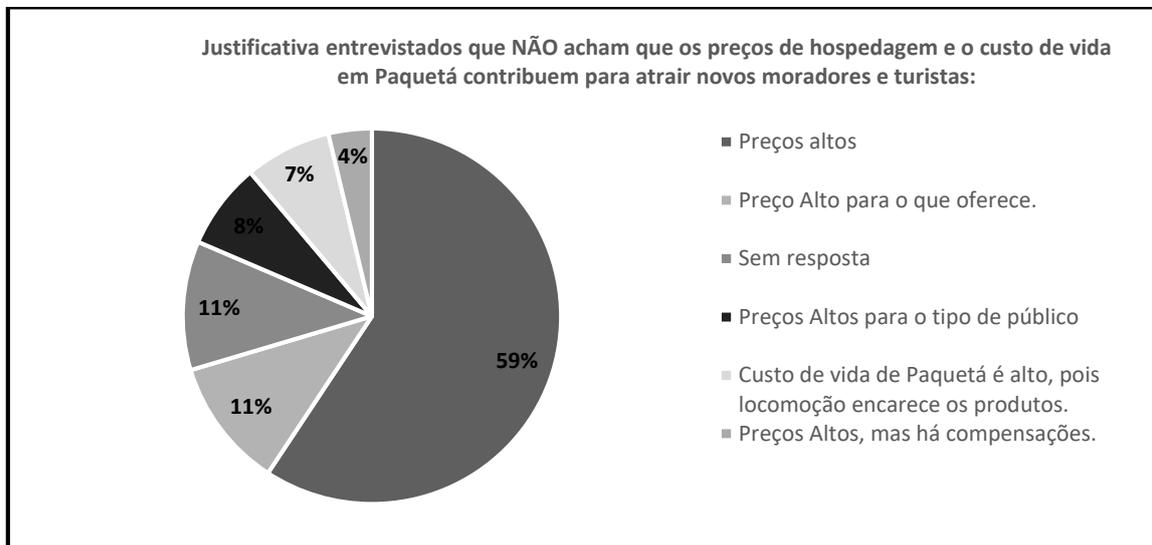
- “As hospedagens estão dentro da média, mas o custo de vida é um pouco alto, porque tudo para chegar até nós moradores, pagam muitos pedágios.” (Morador de Paquetá).

- “Não. As hospedagens são caras e os alugueis também. Comprar imóvel na ilha é impossível para uma família que não seja de classe média alta. Aos menos abastados restam poucas possibilidades e normalmente em casas localizadas nos morros. Para o turista de bate e volta acaba não compensando em virtude do preço do transporte e da alimentação.” (Turista).



Destacadas as respostas que traduzem o que seja a Paquetá de hoje a partir do olhar de quem vive a realidade local quer seja morador, visitante ou veranista, este demonstra que a realidade vivenciada por esses indivíduos de forma particular, convergem para um ponto comum em alguns aspectos que, em certa medida, desmistifica a crença de um paraíso sem problemas como costumamos pensar ao nos referirmos à

Paquetá. Preços abusivos na opinião de alguns e desincentivo para o retorno a ilha na de outros, o fato é que a ilha responde pouco a demanda crescente em virtude de a ilha ser um polo turístico da cidade do Rio de Janeiro.



Ao resgatarmos a visão sobre o que seria o turismo na ilha nas anotações trazidas por Coaracy (1965), temos um contraste do quão diversa a realidade de então mostra-se diversa da hoje observada. E não seria diferente, por conta da modificação do cenário social e econômico da população de ontem frente a realidade hodierna. No item intitulado “Aspectos Atuais e Turismo” do livro Paquetá – Imagens de ontem e de hoje (1965) de Vivaldo Coaracy, as preocupações quanto a Paquetá e visitantes são resumidas em suas

palavras a: Paquetá ser um local essencialmente residencial, os cuidados com o surgimento das chamadas “favelas” na ilha e que deveria ser combatida pela administração pública no sentido de coibi-las no nascedouro (estamos na década de 1960 e as comunidades ainda não existiam em Paquetá como as vemos hoje), porque afastaria os turistas e veranistas de então, a segurança porque na “ilha não se registram assaltos, não há ladrões, não se verificam conflitos” e aqueles que ocorrem, geralmente aos domingos, são provocados por elementos estranhos aqui de passagem. Segundo o autor não havia mendigos nas ruas de Paquetá (Coaracy, 1965, p.116-117). Resgatamos esse pequeno trecho por contrastar com a situação atual da ilha, porque se a época em que esse importante trabalho foi executado, as preocupações nos parecem pueris, a dinâmica atual é mais acelerada e os elementos pontuados pelo autor, passaram a fazer parte do cenário da ilha com o decorrer dos anos com mais frequência.

Quanto aos atrativos da ilha, o autor os enumera destacando as praias por principal atrativo da ilha quando faz referência aos visitantes que “Em sua maioria, estes turistas sentem-se atraídos pela perspectiva de um banho de mar em águas tranquilas” sendo a Praia da Guarda (à época) ser a mais frequentada em virtude de ali se concentrarem os restaurantes e bares de diversas categorias. (COARACY, 1965, p.119).

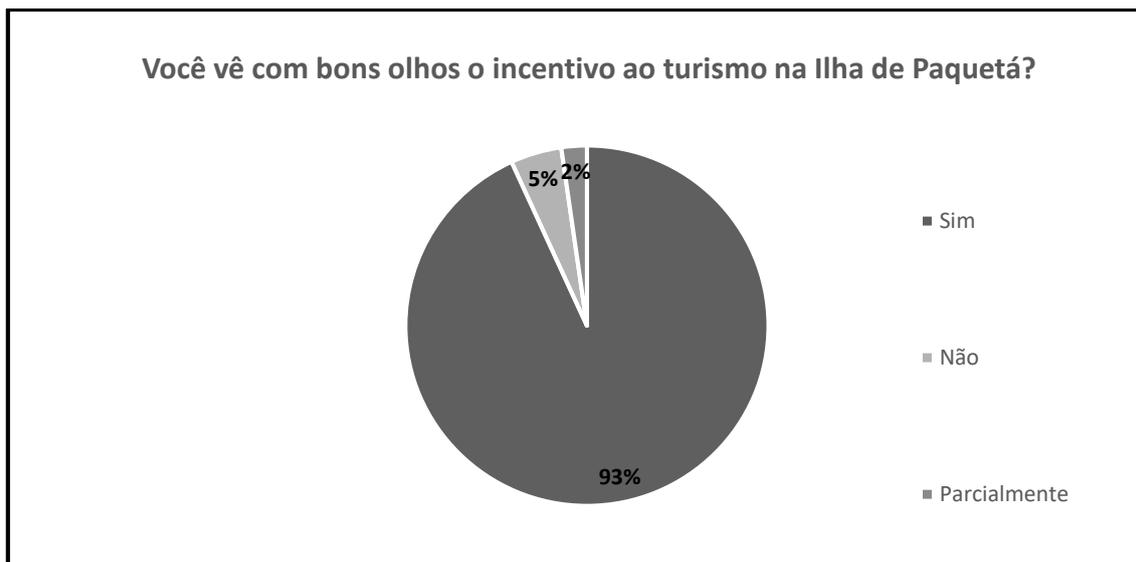
Retomando a análise de algumas perguntas destacadas do questionário utilizado para essa pesquisa, e ainda abordando a temática do turismo temos: Você vê com bons olhos o incentivo ao turismo na Ilha de Paquetá?

- “Não! Tanto pelo transporte, quanto pela qualidade de serviços e falta de manutenção adequada para incentivo à visitação.” (Morador de Paquetá).

- “Não. Acredito que um dos principais incentivos ao turismo é o cuidado com a ilha e não é algo que acontece com frequência.” (Moradora de Paquetá).

- “O estímulo ao turismo é próprio dos comerciantes e acredito que esse seja o caminho, para que ele ocorra de forma saudável e controlada.” (Moradora de Paquetá).

- “Vejo. A Ilha é linda naturalmente. Precisamos de mais investimentos em infraestrutura, manutenção da orla. Mas o local sempre foi turístico. E acho isso excelente.” (Moradora de Paquetá)



De volta a Coaracy (1965) o autor ao fazer um estudo detalhado da Ilha de Paquetá nos traz que sobre a questão do turismo à época da sua pesquisa, aponta que

Nas cogitações oficiais e oficiosas referentes ao desenvolvimento do turismo em Paquetá, aquilo que mais se fala como necessidade primeira e urgente é da construção de um grande hotel moderno [...]. O turista que se instala em hotel para permanência mais ou menos prolongada, espera e exige diversão. E, principalmente, diversão noturna. Ora, isto é o que Paquetá não oferece. (COARACY, 1965, p.121).

O incentivo ao turismo é algo quase unânime entre os entrevistados, mas a ressalva a respeito dos problemas de infraestrutura e das barcas como abordado anteriormente, quando foi tratado o tema sobre os horários e o número de embarcações que fazem o trajeto entre Paquetá-Praça XV. Por ser o meio de transporte que garante a Paquetá os produtos que ali são utilizados, além da garantia de abastecimento e que suprem as necessidades dos paquetaenses, as barcas estão sempre na ordem do dia das reclamações porque impacta do modo direto da dinâmica da ilha, do comércio, das escolas e todos os demais serviços de Paquetá;

Muitas pessoas saíram da ilha com a redução dos horários. Outras pessoas não conseguiram vir, pois o horário do transporte não coincidia com o horário do trabalho. Em relação aos turistas, muitos desistiram de passear na ilha por conta do sufoco que passaram na vinda e, principalmente, na ida para casa. As barcas que saem da Praça XV no horário da manhã, saem geralmente lotadas no final de semana. (VERANISTA).

O transporte marítimo é um fator unificador e socializador dos moradores de Paquetá há tempos. O repassar esse ponto é a certeza da importância deste por impactar o desenvolvimento e o cotidianos dos moradores, Em Leitão (2013) a autora afirma ser a barca o marcador do compasso da movimentação em Paquetá. Os entrevistados, conforme mostrados nas respostas e nos gráficos a respeito desse tema, imputam ao descaso nos transportes uma das principais causas do esvaziamento do turismo na ilha e durante essa pesquisa foi possível observar a necessidade de flexibilização dos horários e melhoria nos serviços prestado pela empresa responsável pelo transporte marítimo que serve Paquetá.

CONCLUSÃO

Concluir algo significa, em linhas gerais, colocar um ponto final num assunto ou numa pesquisa, mas no que concerne à Paquetá, a lógica nos diz não ser possível, por que Paquetá configura-se um bairro a parte, diferindo dos demais por sua peculiaridade geográfica e por possuir características de uma cidade interiorana dentro da metrópole carioca.

Concebida sob o signo da dualidade histórica entre pertencer a capital federal e hoje carioca, e ser mais um bairro entre tantos que a cidade possui; ter ares de cidade pequena a par das demandas inerentes a cidade em si mesma; manter o perfil bucólico e tranquilo que a tornou exótica, a ilha em si guarda aspectos que a distingue de forma singular desde a sua ocupação ostensiva. Ao mesmo tempo que precisa das comodidades e serviços da administração pública para atender a população residente, conseguiu manter veículos automotores fora do seu perímetro. Paquetá, em virtude do aspecto bucólico e ar de segurança que adquiriu há tempos e que a colocou fora do burburinho característico do continente, cujo eco demorava a lhe alcançar, não é aos olhos mais atentos e observadores um paraíso sem problemas.

Durante a incursão para conhecimento e posterior abordagem dos entrevistados para a aquisição dos dados para essa pesquisa, a percepção sobre o que seja viver em Paquetá é diversa daquela que a tornou distinta dos bairros coirmãos. Paquetá não se configura um paraíso na Baía de Guanabara, onde ainda vida transcorre longe da realidade como supostamente se costuma pensar. De fato, na ilha a atmosfera é diferente daquela encontrada na cidade pela distância geográfica que as separam. Paquetá com anotado nas respostas referentes, é uma ilha sem fantasia. As preocupações e problemas são reais. Paquetá revelou-se um lugar carente da atenção do poder público que administra a cidade em variados sentidos. O bairro carece de manutenção e preservação dos logradouros públicos, atenção a questão referente ao meio-ambiente, sobretudo em virtude da perceptível ocupação dos morros existentes na ilha sem que medidas objetivas sejam tomadas no sentido não só da preservação, mas da própria segurança dos indivíduos que para a ilha tem se deslocado como atesta os dados do Censo Demográfico de 2020.

Outro tema comum entre moradores e visitantes é o transporte marítimo fundamental para a vida de todos. O serviço da CCR Barcas sofreu toda sorte de críticas

que engloba desde os horários ao número maior de embarcações para ligar a ilha ao continente. O preço elevado das passagens e a pouca manutenção das embarcações foram alvo de críticas quase unânimes. Os entrevistados pensam ser necessárias medidas administrativas para valorizar a ilha para que o turismo, fonte de renda de muitos moradores, seja de fato rentável. A ilha não atende à demanda de visitantes e turistas porque não existe um plano de ordenamento para que suas capacidades sejam de fato exploradas. Paquetá sempre se constituiu um tipo de chamariz para o turismo desde os séculos XVIII e XIX. Na época, as características do que hoje entendemos por turismo eram distintas e tinha por alvo as classes abastadas de então. Chácaras, fazendas e casas suntuosas eram ocupadas por essas classes que para a ilha se dirigiam em excursão de veraneios e por razões de saúde, medidas comuns nesse tempo.

Paquetá, de fato, é diferente. Por estar fora geograficamente da cidade carece de maior cuidado da administração da cidade do Rio de Janeiro. Essa localização peculiar torna a forma de abordagem dos problemas urbanos, sociais e comerciais da ilha, diferenciado, sobretudo pela necessidade primordial do transporte marítimo, como assevera Coaracy (1965) em trabalho importante sobre Paquetá o autor afiança que a existência na ilha está submetida as condições dos meios de transporte e no caso de Paquetá, ao marítimo. A entrada de toda espécie de material de uso da população residente ou sazonal depende deste meio de transporte. Todos os entrevistados observaram a precariedade das condições deste e a necessidade de melhor atendimento.

Vale ressaltar, que todos os entrevistados foram solícitos em responder as questões propostas, além de acrescentarem outras informações pitorescas e particulares de Paquetá, dadas de forma espontânea a respeito do cotidiano na ilha e da percepção dos “de fora” sobre o que precisa ser melhorado no dia a dia e naqueles, quando o fluxo de visitantes é aumentado. A ilha ainda desperta no imaginário das pessoas uma visão de paraíso sem problemas, onde tudo funciona sem os dramas encontrados no continente. Mas a realidade mostra uma Paquetá que tem problemas estruturais causados pelo crescimento da população que ao buscar o bairro para fugir da cidade e municípios vizinhos, materializam os problemas dos quais fogem, trazendo-os para a ilha. A solução para o dilema presente em Paquetá está em permanecer com ares de cidade “interiorana” ou acompanhar o “compasso acelerado” da capital e adjacências. Constitui na escolha que poderá manter Paquetá com sempre foi bucólica e tranquila, ou transformar a ilha em mais um bairro carioca com todos os problemas a eles inerentes que perpassam a segurança e ao crescente número de moradores. O que os entrevistados têm em comum

é a necessidade de preservar a ilha e de uma ação mais contundente do poder público. A história conhecida e presente nas ruas e casas da ilha e as tradições simples do cotidiano como o conflito Ponte e Campo merecem ser e a preservação daquela que conhecemos por Ilha dos Amores é o caminho. O universo de pesquisa sobre a ilha é promissor, porque em Paquetá encontram-se migrantes nordestinos, pescadores, moradores das comunidades ali existentes, quem são os sujeitos que moram ou escolher Paquetá para moradia. Em suma, existem pontos diversos de observação e pesquisa nesta pequena ilha carioca que abrange olhares não apenas da história, mas de todas as ciências humanas correlatas a esta. O campo está aberto; a observação e pesquisa o caminho

REFERÊNCIAS

AVALLIERI, F.; VIAL, A. **Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no Censo 2010.** (2012). Coleção Estudos Cariocas, v. 1, p. 12.

BARBOZA, N. **A ilha que não pertence a ninguém e pertence a todos: territorialidades e dinâmica socioespacial no bairro de Paquetá.** (2018). *In: XIX Encontro Nacional de Geógrafos. Pensar e fazer a geografia brasileira no século XXI: Escalas, conflitos socioespaciais e crise estrutural na nova geopolítica mundial.* Anais. João Pessoa: UFPB. 11 p.

BARROS, José D'Assunção. **História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço.** MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

BOAZ, Danielle N. **“Spiritual Warfare” or “Crimes against Humanity”? Evangelized Drug Traffickers and Violence against Afro-Brazilian Religions in Rio de Janeiro.** *Religions*, v. 11, n. 12, p. 640, 2020.

BOMFIM, N. R. **Noção Social do Território: em busca de um conceito didático em Geografia: a territorialidade.** (2009). Editora da UESC.

BOURDIEU, Pierre. **Espaço social e espaço simbólico.** *In: Razões práticas. Sobre a teoria da ação.* São Paulo: Papirus, 1996.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas, poderes oblíquos.** 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

CARDOSO, M.A.L. **Paquetá – História das Ruas.** 1ª ed. Rio de Janeiro. Ed SEGRAFA.1992.

CARMOM V. **Transportes Turísticos da Ilha de Paquetá: sensações, descobertas e motivações.** *Revista Turismo em Análise*, 28(2), 309-326 – <https://doi.org/10.11606/issn,1984-4867.v28i2p309-326> Maio-Agosto, 2017.

Carneiro, A. C. D. **Barca, território e vínculo: uma etno-reportagem entre Paquetá e Praça XV.** Rio de Janeiro: UFRJ / ECO, 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Pós-Graduação em Comunicação e Cultura.

CAVALLIERI, F.; VIAL, A. **Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no Censo 2010.** (2012). Coleção Estudos Cariocas, v. 1, p. 12.

COARACY, Vivaldo. **Paquetá - Imagens de ontem e de hoje.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora (Coleção Rio 4 séculos, v. 4). 2a ed. revista e aumentada, 1965.

COLUCCI, Danielle Gregole e SOUTO, Marcos Magno Meira. Espacialidades e territorialidade: conceituação e exemplificações. In: **Geografias- Artigos Científicos.** Belo Horizonte, 2011.

DIAS, S.B. **A Aposta no território.** Experimentando a clínica em um ambulatório laboratório, Monografia apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista em Saúde Mental. Rio de Janeiro, 2011.

DUARTE, A. **Barca, Território e Vínculo: uma etno-reportagem entre Paquetá e Praça XV.** (2016). Dissertação de Mestrado - ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: Acesso em: 1 jul. 2017, 22:10.

DUARTE, A. **Barca, território e vínculo: uma étnico-reportagem entre Paquetá e Praça XV,** André Duarte. Rio de Janeiro: UFRJ / ECO, 2016.

FUINI, Lucas Labigalini. **O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações.** Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 21 (2017), n.1, p. 19-29.

GALHARDO, S. III ENECULT – TERCEIRO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA - **Os Conterrâneos Nordestinos na Metrópole de São Paulo: Seus Símbolos, Sua Memória e Seus Mitos.** (Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação- CELACC/ECA/USP). 2007.

GEERTZ, Cliford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos, 1989.

HAESBAERT, R. **Território e multiterritorialidade: um debate.** GEOgraphia - Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Federal Fluminense - v. 9 n. 17 (2007): GEOgraphia. Disponível em:<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>. Acesso em: 06/12/2022.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

LAKATOS, Eva Maria. Marcone, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

LEITÃO, Wilma M. **Cotidiano e história conflito social de um bairro carioca**. Tese de doutorado da UFRJ/IFCS. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. 2003.

LEITÃO, Wilma M. **Sob um céu de flamboyants: cotidiano e história social na Ilha de Paquetá**. Rio de Janeiro: Interciência, 2013.

LEITÃO, Wilma M. **Rivalidade cultivada, conflito e unidade social num bairro carioca**. *Comum*. Rio de Janeiro, v.9, n°22, p.173-197, janeiro/junho 2004.

LUSSAGNET, S. **Les Français em Amérique, Pendant la Deuxième Moitié Du XVI Siècle. Le Brésil et Les Brésiliens, de André Thevet**. Introdução de André Julien, e notas de Suzanne Lussagnet;1953, Presses Universitaires de France – Paris.

MACIEL JÚNIOR, G. C. **Paquetá entre histórias e memórias: memória social dos moradores da Ilha**. – 2019. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

MARIANO, R. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. *Estudos avançados*, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.

MATOS, M. P. **A sensibilidade do lugar: uma proposta metodológica para aplicação da percepção ambiental nos planos de emergência a derrames de óleo**. (2010). Tese de Doutorado. Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brc/33004137004P0/2010/matos_m_p_dr_rcla.pdf> Acesso: 20/10/2020.

MBEMBE, A. **“Necropolítica”, Temáticas, Arte & Ensaios**, revista do ppgav/eba/ufrj/ n°32, 2015.

MBEMBE, A. **“Necropolitics”**. *PublicCulture* (Duke), v. 15-1, p. 11-40, 2003.

MENDES, L. O contributo de Neil Smith para uma geografia crítica da gentrificação. **E-metropolis: Revista Electrónica de Estudios Urbanos e Regionais**, n. 1, p. 21-33, 2010.

MENDES, L. et al. **Tecnologias Sociais, Biopolíticas e Biopoder: Reflexões Críticas**. *Cad. EBAPE. BR*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 687-700, Dec. 2015.

MORAES, A. **A gênese da geografia moderna**. (1989). São. Paulo: Hucitec-Edusp.

NOGUERA, R. **Dos condenados da terra à necropolítica: Diálogos filosóficos entre Frantz Fanon e Achille Mbembe**. *Revista Latinoamericana del Colegio Internacional de Filosofía/Revista Latino-americana do Colégio Internacional de Filosofía* n. 3 –

([http:// www.revistalatinoamericana-ciporh.g/wp-content/uploads/2018/02/RLCIF-3-Dos-condenados-da-terra.pdf](http://www.revistalatinoamericana-ciporh.g/wp-content/uploads/2018/02/RLCIF-3-Dos-condenados-da-terra.pdf)).

NORA, Pierre. **Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux**. In GERON, Charles-Robert. (org). Le lieux de mémoire. Paris: Gallimard, 1984. V.2. La Nation.

PAES, M. T. D. **Gentrificação, preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades**. (2017). GEOUSP Espaço e Tempo (Online), v. 21, n. 3, p. 667-684.

PIEPER, F.; MENDES, D. **Religião e Necropolítica**. In: PIEPER, F.; MENDES, D. (eds) in Religião em Tempos de Crise. Ambigrama, São Bernardo do Campo, 2020.
RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. (1993). São Paulo: Ática.

RIBEIRO, T. F. **Gentrificação: aspectos conceituais e práticos de sua verificação no Brasil**. (2018). Revista de Direito da Cidade, v. 10, n. 3, p. 1334-1356.

SACK, R. D. **Human Territoriality: its theory and history**. (1986). CUP Archive.

SAID, Edward W. **Orientalismo- O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo. Editora Schawarcz S.A., 2021.

SANTOS, M. **Nação, Estado e território**. In MENDONÇA, S.; MOTTA, M. (org.). Nação e poder: as dimensões da história. (1998). Niterói: EdUFF.

SANTOS, M. **O retorno do Território**. In OSAL: Observatório Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun-2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

_____ **A Natureza do Espaço: Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994, 190 p.

_____ **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo, Edusp. 2014.

_____ **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, C. A. Elementos epistemológicos e metodológicos para Geografia das existências. In. SILVA, C. A. **Pesca artesanal e a produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. 171p.

SOJA, E. **The Political Organization of Space**. (1971). Washington DC: Association of American Geographers. Resource Paper, n. 8.

SOUZA, M. L. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.** In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (org.). Geografia: conceitos e temas. (1995). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel. 1980.

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

VELÁZQUEZ, Blanca Rebeca Ramírez e LEVI, Liliana López. **Espaço, paisagem, região, território y lugar: la diversidade en el pensamiento contemporáneo.** Coleção: Geografia para el siglo XXI. Série: Textos universitários, número 17. México, 2015.

WALDMAN, M. **O Baobá na paisagem africana: singularidades de uma conjugação entre natural e artificial.** África, 2012, p. 223-235.

SÍTIOS CONSULTADOS:

<https://www.bn.gov.br/noticia/2015/06/rio-450-anos-bairros-rio-paqueta>

<https://diariodorio.com/historia-da-ilha-de-paqueta/>

<https://ilhadepaqueta.com.br/paqueta-e-a-cidade-do-rio-de-janeiro/>

https://www.wikiwand.com/pt/Ilha_de_Paqueta

<http://www.gda.com/>

<https://www.g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/01/policia-investiga-corte-de-arvore-de-origem-africana-sem-autorizacao-em-paqueta.ghtml>
<https://www.g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/01/policia-investiga-corte-de-arvore-de-origem-africana-sem-autorizacao-em-paqueta.ghtml> <http://www.ilhadepaqueta.com.br/>

<http://www.riodeboasnoticias.com.br/conquistas/nasce-o-primeiro-broto-de-baoba-corta-do-em-paqueta/>

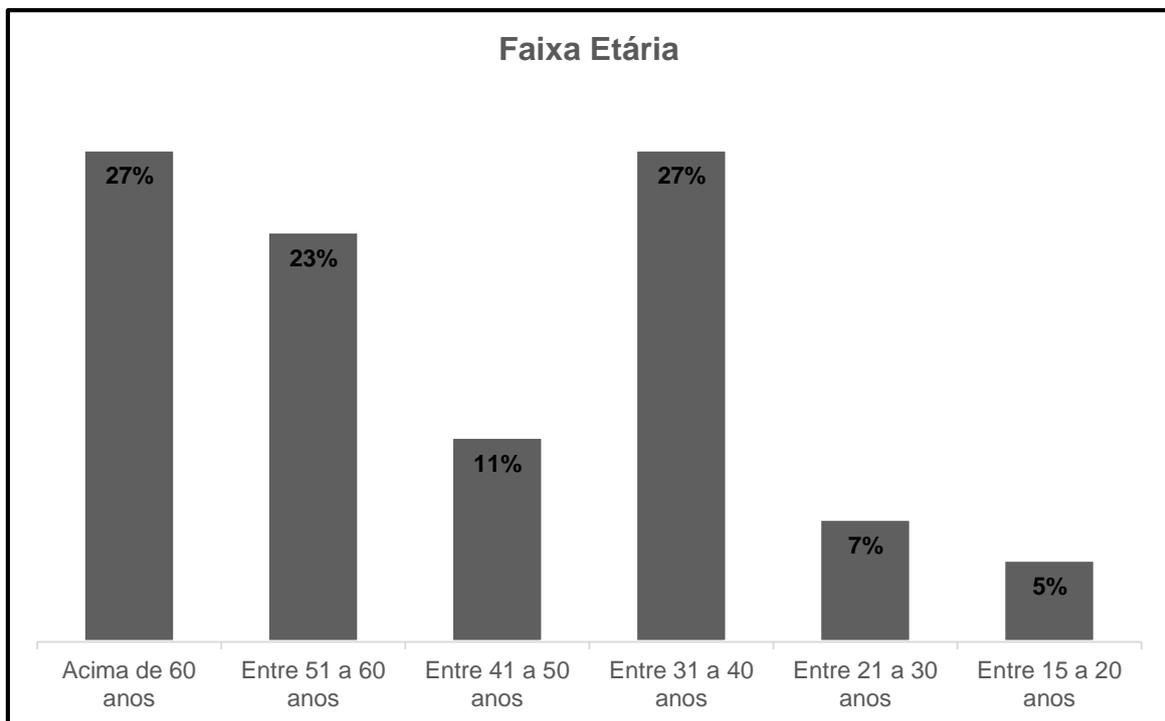
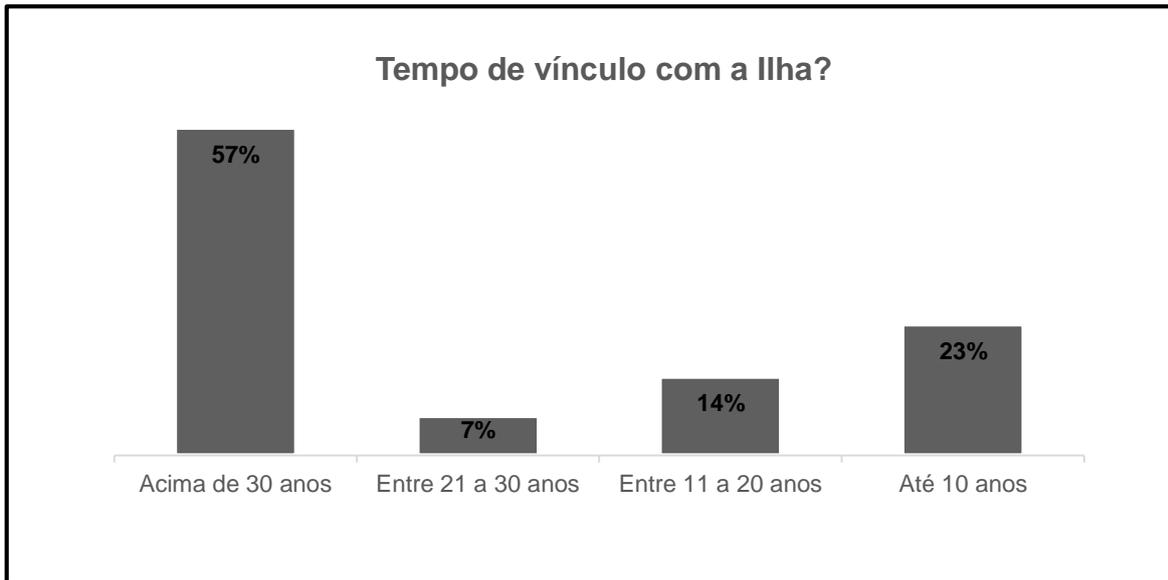
http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/5148142/4145881/ListadeBairroseAPs_Mapapdf/

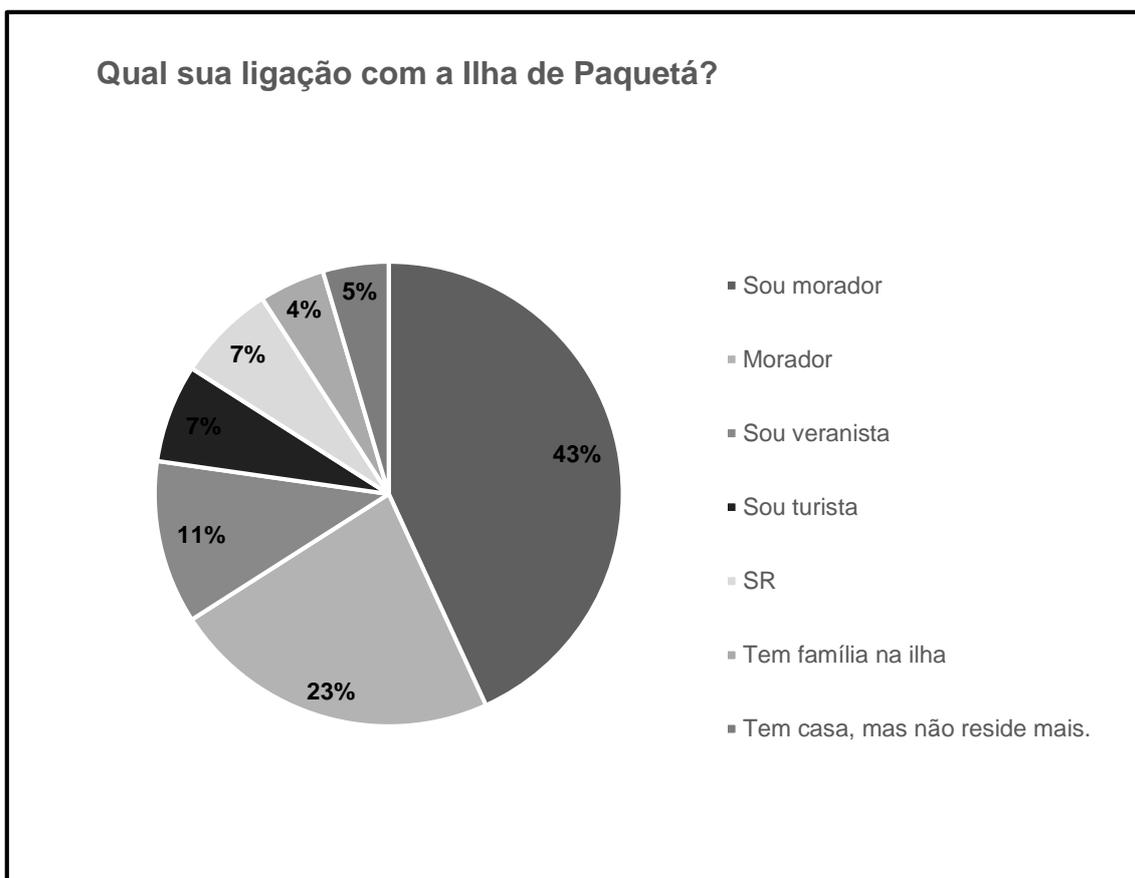
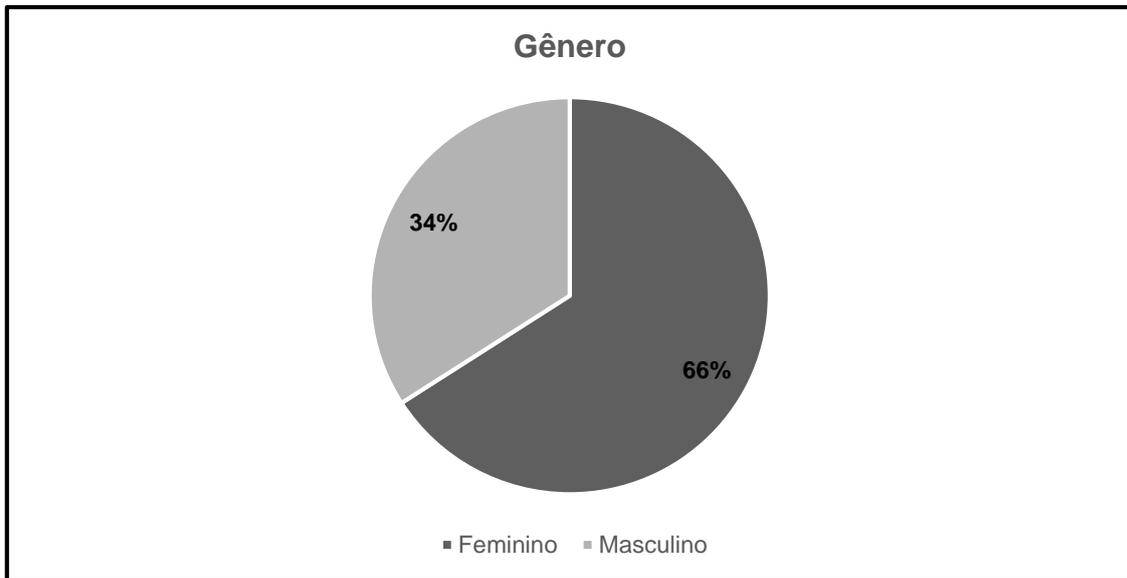
<https://periodicos.uff.br/geographia/index>

<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=13932>

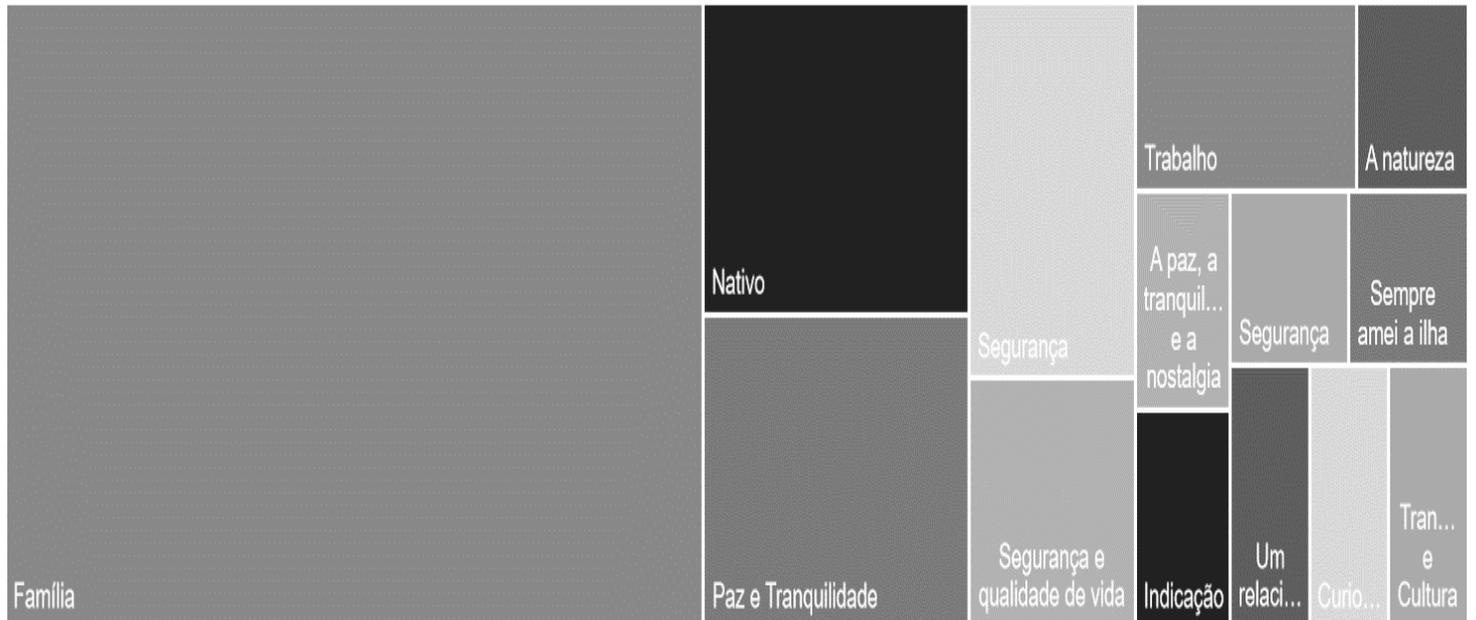
ANEXOS

TIPO A



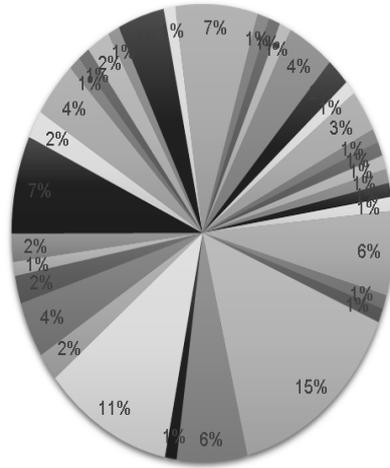


O que te levou a Paquetá?



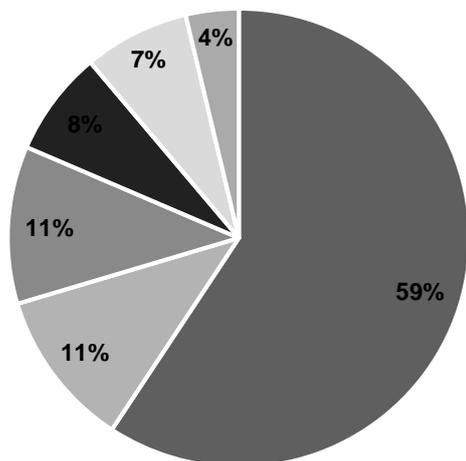
- A natureza
- Indicação
- Sempre amei a ilha
- Trabalho
- Tranquilidade e Cultura
- A paz, a tranquilidade e a nostalgia
- Segurança
- Um relacionamento
- Nativo
- Paz e Tranquilidade
- Família
- Segurança
- Segurança e qualidade de vida
- Curiosidade

Em sua opinião, o que deve ser melhorado na Ilha de Paquetá?



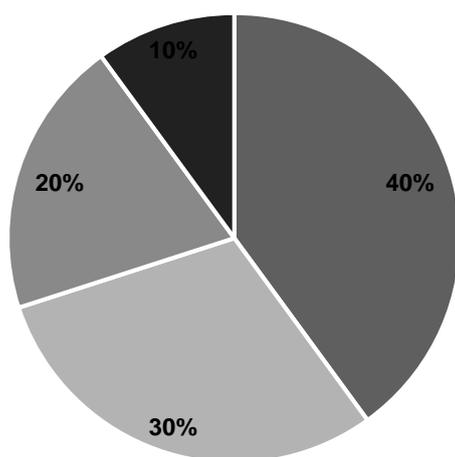
- Atuação do poder público
- Banheiros Parque Dark
- Caixa 24h
- Calçadas
- Comércio
- Conservação da Orla
- Conservação geral
- Escolas
- Eventos Culturais
- Farmácia
- Freqüência dos Eventos
- Gestão Pública
- Horário barcas
- Hospital
- Internet
- Jardins
- Limpeza das praias
- Mobiliário urbano
- Monumentos
- Não soube responder
- Organização dos moradores
- Parque Dark
- Parques
- Pavimentação para idosos
- Poda de árvore
- Poluição
- Praças
- Preços dos comércios
- Reforestamento dos morros
- Ruas
- Saneamento
- Solar Del Rey
- Transporte
- Urbanização
- Pontos Turísticos

Justificativa entrevistados que **NÃO** acham que os preços de hospedagem e o custo de vida em Paquetá contribuem para atrair novos moradores e turistas:



- Preços altos
- Preço Alto para o que oferece.
- Sem resposta
- Preços Altos para o tipo de público
- Custo de vida de Paquetá é alto, pois locomoção encarece os produtos.
- Preços Altos, mas há compensações.

Justificativa entrevistados que **ACHAM** que os preços de hospedagem e o custo de vida em Paquetá contribuem para atrair novos moradores e turistas:



- Sem resposta
- Atende a todos os públicos
- Compatível com outros locais
- Preço razoável e estilo de vida

TIPO B**PESQUISA PARA MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

Sua colaboração para essa pesquisa é voluntária e será realizada através das respostas ao questionário que será em modelo híbrido, contendo perguntas fechadas e de múltipla escolha e perguntas abertas onde você poderá contribuir com sua opinião. Esteja à vontade para responder da forma que desejar. Esse termo de consentimento livre e esclarecido, garante ao entrevistado a preservação de sua identidade, portanto, todas as informações que possam identificar os participantes tais como nome, locais de residência, ocupação ou funções de trabalho, serão confidenciais e de conhecimento exclusivo do pesquisador. Pesquisador: Tamyres Pereira Campos Araujo CPF 09248844790 - Departamento de História /Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. e-mail: araujo.tamyres@posgraduacao.uerj.br Telefone: 21 988273488.

TIPO C**QUESTIONÁRIO**

- 1 - Qual a sua ligação com a Ilha de Paquetá?
- 2 - Tempo de vínculo com a Ilha?
- 3 - O que te levou a Paquetá?
- 4 - Como você classifica a relação entre o poder público e a Ilha de Paquetá?
- 5 - Os preços de hospedagem e o custo de vida em Paquetá contribuem para atrair novos moradores e turistas? Justifique:
- 6 - Você vê com bons olhos o incentivo ao turismo na Ilha de Paquetá?
- 7 - Quais ações você percebe que alteraram o turismo local?
- 8 - Acha que o horário atual praticado pela CCR barcas reduziu o número de turistas e moradores da ilha? Explique:
- 9 - Você é contra a diversidade do público frequentador da Ilha?
- 10 - Em sua opinião, o que deve ser melhorado na Ilha de Paquetá?
- 11 - Ainda há na Ilha divisões entre moradores do Campo e da Ponte? Percebe divisões entre os diferentes grupos que residem ou frequentam os espaços? Explique: